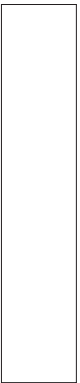


MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA

Entre o singular e o coletivo:
Projeto de um Lar de Idosos
em Penamajor, Paços de Ferreira
Francisca Ribeiro

M
2019



Francisca Ribeiro. Entre o singular e o coletivo:
Projeto de um Lar de Idosos em Penamajor, Paços de Ferreira



Entre o singular e o coletivo:
Projeto de um Lar de Idosos
em Penamajor, Paços de Ferreira
Francisca Freitas Gomes de Carvalho Ribeiro



Faculdade de Arquitetura
Universidade do Porto
2019

Entre o singular e o coletivo

Projeto de um Lar de Idosos em Penamajor, Paços de Ferreira

Volume I

Francisca Freitas Gomes de Carvalho Ribeiro

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Sob a orientação do Professor Doutor Carlos Adriano Magalhães Macedo Prata

Aos meus pais e
à minha irmã

Nota prévia:

A presente dissertação é regida ao abrigo do novo acordo ortográfico, ressalvando as citações transcritas que utilizam ainda o acordo ortográfico antigo. As citações de língua estrangeira transcritas no texto encontram-se traduzidas livremente pela autora e as suas versões originais acompanham, sempre, o texto em rodapé.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Carlos Prata, pelas conversas, pela disponibilidade e pelo ensinamento constante.

Ao Arquiteto Paulo Bettencourt, a Souto Moura Arquitectos e à minha família, pela disponibilidade e pela informação e desenhos fornecidos.

Ao meu Avô e à D. Deolinda Cardoso Leal, por colocarem as suas propriedades à disposição e pelo entusiasmo perante o tema da dissertação.

À minha Mãe e ao meu Pai, por tudo o que me proporcionaram e pelo amor incondicional.

À minha Irmã, pela partilha constante e amor.

Ao Fábio, pelo apoio e pelo carinho.

À Ana, pela amizade e pelos conselhos.

À Alexandra, pelo companheirismo.

Abstract

This dissertation, entitled *Between the singular and the collective: Project of a Nursing Home in Penamajor, Paços de Ferreira*, comes from a desire to expose the project exercise, reflecting on the themes that provoke it, that direct it and that conditions it.

The project of a nursing home emerges as a theme of interest to be studied due to its size, technical and safety requirements and plurality of spaces. Its a place where public spaces are articulated with private spaces - housing, social area and health care area cohabit in the same building - the spaces are interconnected and, at the same time, fragmented by presenting different levels of intimacy.

The work seeks to focus on the happiness, comfort and safety of the proposed project users. It has as purpose to be their home, the place where they should feel in harmony and call theirs. However, it will be a collective building whose use and users will vary on a regular basis.

So, starting from these issues, the research tries to meet a concern for questions of spatiality, as well as understanding of the possible users' daily life. Thus, it is intended that the study focus, essentially, on themes that seek to address the user's individual interest, both in their privacy and in the social environment, naturally, influencing the thought process throughout the development of the architectural proposal.

Resumo

A presente dissertação, intitulada *Entre o singular e o coletivo: Projeto de um Lar de Idosos em Penamã, Paços de Ferreira*, parte de uma vontade de expor o exercício de projeto, refletindo sobre os temas que o provocam, que o dirigem e que o condicionam.

O projeto de um lar de idosos surge como um tema de interesse a ser estudado devido à sua dimensão, requisitos técnicos e de segurança e pluralidade de espaços. É um lugar onde espaços públicos se articulam com espaços privados - habitação, área social e área de cuidados de saúde coabitam no mesmo edifício - os espaços estão interligados e, simultaneamente, fragmentam-se apresentando níveis de intimidade diversos.

O trabalho procura focar-se na felicidade, no conforto e na segurança dos usuários do projeto proposto. Este tem como propósito ser o seu lar, o sítio onde deverão sentir-se em harmonia e chamar de seu. Contudo, será um edifício coletivo cuja utilização e utilizadores variarão regularmente.

Assim, partindo destas problemáticas, a investigação tenta ir ao encontro de uma preocupação pelas questões de espacialidade, bem como de compreensão do eventual quotidiano dos utentes. Deste modo, pretende-se que o estudo incida, essencialmente, em temas que procuram abordar o interesse individual do usuário, tanto na sua privacidade como no meio social, influenciando, naturalmente, o processo de pensamento ao longo do desenvolvimento da proposta arquitetónica.

Índice

11	Nota introdutória
15	1. O lugar
17	1.1. Recordação
19	1.2. Reconhecimento
25	1.3. Enquadramento
29	2. Um lar de idosos
31	2.1. A população idosa
35	2.2. Motivo
39	2.3. Programa
51	3. O projeto
53	3.1. Implantação e estrutura
55	3.1.1. Forma
61	3.1.2. Espaço
67	3.2. Áreas funcionais
67	3.2.1. Espaços de estar
77	3.2.2. Acolhimento de pessoas externas ao lar
81	3.2.3. Serviços
87	3.2.4. Unidade de alojamento
103	3.3. Solução construtiva
111	Considerações finais
115	Referências bibliográficas
121	Iconografia

Nota introdutória

Uma propriedade com 7350 m² e 13 m de diferença entre cotas altimétricas, que revela uma frente de paisagem para a cidade, surge entre o verde dos jardins que a rodeiam. Os jardins, zonas de convívio e de encontros, são conhecidos como o lugar da Feira e do Mercado. A referida propriedade situa-se em Penamaior, uma freguesia do concelho de Paços de Ferreira.

Denoto que este lugar, pertencente às minhas memórias de criança, foi caindo, inconscientemente, no abandono com o passar dos anos. A vegetação eleva-se do solo, cobrindo os caminhos anteriormente traçados. Um sítio de onde tudo se vê, mas nada é visto. Deste modo, devido à localização privilegiada e ao seu desaproveitamento, nasceu a vontade de intervir no local.

O défice de lares de idosos verifica-se notoriamente neste concelho e nos circundantes, o que fundamentou a aspiração para uma intervenção que viesse resolver esta necessidade, sendo que, um projeto com este programa parece enquadrar-se inteiramente neste lugar. A presente dissertação surge, então, como uma narração do pensamento para a elaboração de uma proposta de um lar de idosos nesta propriedade, com o propósito de desenredar o processo do exercício de projeto. A proposta arquitetónica irá desenvolver-se com base num estudo teórico que informa a componente prática, cujos problemas projetuais, por sua vez, o orientam. Procurar-se-á manter, assim, esta relação teórico-prática para a obtenção de escolhas e rumos a adotar ao longo do processo.

Estrutura

A criação arquitectónica nasce de uma emoção provocada por um momento e por um lugar:

O projecto, e a construção, exigem dos autores que se libertem dessa emoção, num progressivo distanciamento - transmitindo-a inteira e oculta. Apartir daí, a emoção pertence ao(s) outro(s).¹

A estrutura da dissertação pretende seguir a lógica deste pensamento, dividindo-se em três momentos. Inicialmente, haverá uma necessidade de conhecer o lugar. Partir-se-á de uma memória, confrontando-a, posteriormente, com uma análise renovada, baseada numa perspetiva pessoal, com um olhar mais crítico

¹ VIEIRA, Álvaro Siza; *01 Textos*; Porto: Civilização; 2009; p.109

e consciente. Após uma descrição visual e sensorial, proceder-se-á ao enquadramento da propriedade no território e ao estudo das suas características formais e contexto sociocultural.

Num segundo momento, uma breve leitura de dados estatísticos e balanços relativos à população idosa residente em Portugal Continental e aos estabelecimentos de apoio social será essencial para a consciencialização da situação atual e seus défices. *A Arquitetura é sempre confrontada com o desafio de desenvolver um todo a partir de inúmeros detalhes, de várias funções e formas, materiais e dimensões.*² Portanto, depois de expor o problema, abordar-se-á uma solução, estudando as seus requisitos funcionais e técnicos. Será relevante, também, estudar a organização espacial de um programa deste tipo, onde consta uma grande complexidade de interligações entre espaços. Como explica Herman Hertzberger, *Nos hospitais, lares para idosos e grandes comunidades de teor semelhante, a mobilidade restrita dos moradores torna imperativo conceber o plano quase literalmente como uma cidade em escala reduzida.*³ Ademais, distinguem-se três grupos de usuários que se movimentam pelo lar com diferentes propósitos e dinâmicas: os moradores, os funcionários e as pessoas externas ao lar, como, por exemplo, visitantes e colaboradores convidados; sendo que, a organização do programa dependerá destas circulações distintas.

No terceiro e último momento, irá ser desenvolvido o desenho da proposta arquitetónica. Partindo de uma abordagem generalizada, a primeira preocupação será enquadrar um conjunto volumétrico na propriedade, respeitando os traçados já existentes da envolvente. A partir desse esquema, haverá uma aproximação às diferentes zonas do edifício, atendendo ao desenho do espaço consoante a eventual interação do usuário nele. Por fim, uma nova aproximação detalhará os materiais e outros pormenores importantes para o funcionamento do edifício enquanto corpo construtivo. Contudo, considerar-se-á, sempre, *que o estudo do geral não invalide o estudo do particular, pois que um não pode viver sem o outro por indissociáveis (...)* extremos, aparentemente opostos mas realmente complementares.⁴

² “Architecture is always faced with the challenge of developing a whole out of innumerable details, out of various functions and forms, materials and dimensions.” em ZUMTHOR, Peter; *Thinking architecture*; Basel: Birkhäuser; 2006; p.15

³ HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.61

⁴ TÁVORA, Fernando; *Da Organização do Espaço*; Porto: FAUP Publicações; 2008; p.19

Metodologia

Devido à natureza do trabalho, o método adotado recorrerá sempre ao desenho, tanto como forma de entendimento do existente, como de expressão da futura proposta. Para um melhor (re)conhecimento da propriedade e da sua envolvente será fundamental uma representação gráfica, para a qual foram disponibilizados desenhos pela Câmara Municipal e pelo usuário do edifício vizinho, que dispõe de documentação relativa à recente reabilitação do mesmo. Contudo, devido à falta de informação gráfica dos referidos desenhos, foi necessário realizar um levantamento métrico e fotográfico, os quais conduzirão a uma melhor percepção, especialmente dos jardins envolventes, e servirão de base para o desenvolvimento do projeto.

Tendo em consideração as imposições legais para estabelecimentos com este programa, será fundamental uma leitura intensa sobre a legislação aplicável, assim como documentos indicativos, elaborados por entidades conhecedoras dos requisitos funcionais e técnicos destes estabelecimentos e das necessidades dos seus usuários.

A bibliografia adicional surgirá de forma a clarificar decisões a serem tomadas ao longo do projeto. Como auxílio ao processo projetual, a bibliografia irá incluir temas gerais da Arquitetura e outras matérias mais específicas do tema Lar. Ao longo do processo de análise, serão incluídas referências a projetos de Lar de Idosos, cujo estudo irá influenciar a proposta e/ou o entendimento do programa e suas necessidades.

1. O lugar

(...) projectar, planejar, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquitecto na criação de formas vazias de sentido, impostas por capricho da moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem.⁵

⁵ TÁVORA, Fernando; *Da Organização do Espaço*; Porto: FAUP Publicações; 2008; p.74



i1. Municípes a jogar às cartas na taberna



i2. Jogo da bola de pau no Largo do Cô

1.1. Recordação

Recordo-me de, em criança, visitar os meus avós. A sua casa pertencia à mesma edificação que o seu restaurante e taberna. Entrávamos pelo restaurante e, na passagem exterior para a habitação, havia um portão para o quintal. Nesse lugar era feita criação de animais e havia uma pequena plantação a fim de servir o restaurante. Lembro-me dos animais, das árvores de fruto e do muro que separava a rua daquele terreno. A área por onde circulava, no quintal, era demarcada no solo por cimento e por terra, porém, desconhecia os limites de norte a sudoeste da propriedade. Já se verificavam algumas áreas em desuso e a vegetação alta cobria qualquer limite que poderia ser-me visível.

Os encontros de família ocorriam no restaurante. O granito das paredes e do pavimento tornavam o espaço frio e cinzento. Este cinzento era a cor predominante, sendo que o mesmo material era encontrado em todos os muros e pavimentos daquele lugar. Na taberna, reuniam-se muitos munícipes, maioritariamente de uma faixa etária avançada. Reuniam-se, essencialmente, com o propósito de conviverem, de saírem das suas habitações e proporcionarem novos encontros e novas conversas. Jogava-se às cartas e conversava-se. Entre eles e entre a família, falava-se sobre a vontade da construção de um lar de idosos naquele lugar.

O convívio que se verificava no interior do edifício estendia-se para o exterior. Nos vastos jardins que circundavam a propriedade, realizavam-se jogos populares e longos passeios. Lembro-me destes jardins e de sentir que a habitação dos meus avós era a única entre aquelas árvores. No Largo do Cô, dava-se lugar à feira da freguesia, a Feira do Cô, *uma das mais importantes da região e, seguramente, das mais antigas, com referência já no século XVI*⁶. Do outro lado do largo, avistava-se uma construção destinada à ocupação do mercado, que completava, por sua vez, o comércio da feira.

⁶ <http://www.cm-pacosdeferreira.pt/index.php/outros-locais-de-interesse>



i3. Edificações no centro de Paços de Ferreira



i4. Câmara Municipal e Tribunal Judicial
de Paços de Ferreira



i5. Igreja Matriz de Paços de Ferreira



i6. Parque Urbano de Paços de Ferreira

1.2. Reconhecimento

A criação arquitetónica desenvolve-se com base na envolvente preexistente, a qual estabelece relações com outros lugares e, por sua vez, transformar-se-á consoante a proposta. Intervém-se permanentemente na paisagem: criar um espaço significa criar um ambiente, ou seja, criar sensações, as quais oscilarão com outras já presentes. *É essencial para a qualidade da intervenção que a nova construção adote qualidades que possam entrar em um diálogo significativo com a situação existente. (...) Uma vez que os nossos sentimentos e entendimento estão enraizados no passado, as nossas conexões sensoriais com um edifício devem respeitar o processo de recordar.*⁷ Interessam então, ao exercício do projeto, uma leitura pormenorizada do lugar e sua interpretação.

Volto ao lugar e observo-o de outro modo e com uma noção de espaço renovada. A propriedade desagrega-se da imagem isolada, presente na memória, e integra-se na composição da paisagem. Desloco-me do centro de Paços de Ferreira em direção ao lugar.

O negócio do mobiliário afirma-se em toda a cidade de Paços de Ferreira, conhecida como a *Capital do Móvel*. Verifica-se que o centro da cidade tem uma imagem arquitetónica indefinida, incoerente, onde se cruzam diferentes tipologias, cores, materiais e sistemas construtivos. Destacam-se os edifícios destinados à venda de móveis, que expõem o seu interior através do estrato inferior de pé direito duplo envidraçado e posicionam-se recuados em relação à faixa rodoviária. A presença de edifícios comerciais deste tipo é constante e coexiste com edificações públicas e edificações atribuídas a outros negócios, concebendo ao centro da cidade, um ambiente de carácter empresarial. O centro é, ainda, interpretado como um ponto de encontro para os munícipes, onde se situam os principais serviços do concelho, como a Câmara Municipal, o Tribunal Judicial, o Centro de Saúde, a Escola Secundária e a Igreja Matriz. Esta zona é, então, a mais movimentada da cidade.

Consoante uma maior distância em relação ao centro, a paisagem adota um carácter rural, com baixa densidade construtiva, sendo visível a simultaneidade de espaços dedicados à agricultura, edifícios industriais e habitações, sobretudo unifamiliares. Os muros em alvenaria de granito, que circundam as propriedades, ladeiam as vias pouco definidas: algumas de asfalto desamparado nos seus limites, algumas

⁷“It is essential to the quality of the intervention that the new building should embrace qualities that can enter into a meaningful dialogue with the existing situation. (...) Since our feelings and understanding are rooted in the past, our sensuous connections with a building must respect the process of remembering.” em ZUMTHOR, Peter; *Thinking architecture*; Basel: Birkhäuser; 2006; p.17 e 18



i7. Largo do Cô



i8. Restaurante no Largo do Cô



i9 e i10. Rua de Felgueiras



i11 e i12. Espaço do mercado



i13 e 14. Feira do Cô

em cubos de granito, outras simplesmente desenhadas pelo movimento vivido ao longo do tempo. A materialidade destes muros vê-se refletida em grande parte das construções e é frequentemente combinada com reboco pintado a cores claras ou tons de castanho. As coberturas das edificações são, por norma, de duas ou quatro águas e em telha. Os passeios são quase inexistentes, aparecendo esporadicamente em frente às construções. O ambiente é calmo e a cor verde é predominante.

Chega-se ao lugar.

Os raios solares são filtrados pelo rendilhado das folhas e ramos dos plátanos, trespassam cada abertura e resultam numa penumbra imprecisa. As árvores erguem-se e sobrepõem-se às edificações, desenhando uma nova escala. O céu é coberto de tons de castanho e verde e, quando o olhar desce, a presença das cores do granito parece persistir. Sente-se uma atmosfera serena e um ritmo lento.

Por vezes, ouve-se um automóvel a passar e sente-se o abrandamento e o som trémulo quando percorre o segmento, em cubos de granito, entre o jardim e o muro que esconde a propriedade. Avistam-se algumas pessoas, especialmente idosos. Caminham com um olhar curioso e um compasso demorado. Consta-se que o lugar continua a ser utilizado com o mesmo propósito de anteriormente, contudo, com menos movimentação.

Nos dias 5 e 21 de cada mês, decorrem a feira e o mercado da região e a atmosfera altera-se. A população vizinha desloca-se ao Largo do Cô e o entusiasmo e a agitação instalam-se. O mercado ocupa a estrutura, já existente, estabelecida para este efeito. Uma estrutura em betão que compõe uma interligação de bancadas, coberta por um telhado, desenhando aberturas de forma a permitir uma maior receção de luz solar e existência de árvores. Os pilares fundem-se com os troncos das árvores e a estrutura dissimula-se entre o jardim. Os comerciantes usam as bancadas e o solo para expor os seus produtos, embora nem todos os lugares sejam ocupados. A feira apropria-se totalmente do largo. Este apresenta um traçado regular e é definido por dois eixos - a Rua de Felgueiras e a Travessa do Cô - que o divide em 3 espaços. A área ajardinada é rompida por uma grelha de vias pedonais, escadas e socalcos direcionados a sudeste. Desta forma, a feira é organizada consoante o desenho, já existente, no pavimento.

O restaurante surge rodeado pelo largo, revestido em granito. Sucessivamente, o mesmo material repete-se no extenso muro, atrás do qual se veem alguns socalcos, vegetação e uma pequena fábrica no cume. Em



i15 e i16. Vila do Cô



i17. Escola Básica de Penamajor



i18. Parque de estacionamento



i19 e i20. Construções pré-existent na propriedade



i21 e i22. Vista da propriedade

seguida, a maioria das construções que se observam destinam-se a habitação e são, geralmente, constituídas por um ou dois pisos.

No ponto mais alto, a Escola Básica de Penamaior, contrasta com a imagem arquitetónica vista até então. O edifício público, de dois pisos, opõe-se à irregularidade altimétrica do terreno e nivela toda a área que abrange. O limite externo é demarcado por um gradeamento, o qual permite ver e sentir a vivência das crianças, estendendo-se, assim, ao espaço público onde se insere. Em frente à escola, existe uma vasta área destinada a estacionamento, que tem capacidade para, aproximadamente, 130 viaturas e dimensões que possibilitam o estacionamento de veículos pesados. Esta área encontra-se, predominantemente, desocupada, até mesmo nos dias de feira. Nesta zona, a escala altera-se. Os edifícios já se destinam, principalmente, a habitação plurifamiliar e apresentam três pisos. Verifica-se, também, que o granito já não é usado nos revestimentos das edificações.

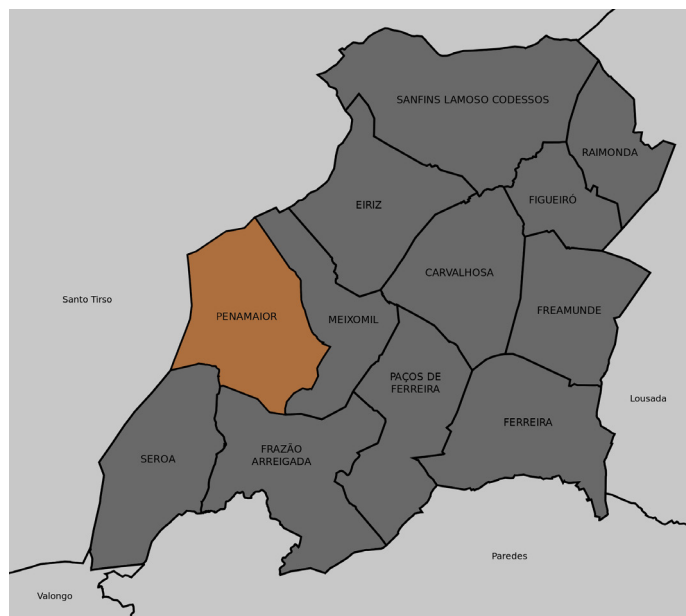
Ao nível da escola, encontra-se uma entrada para a propriedade e revê-se a fábrica de mobiliário que, anteriormente, sobressaía nos socacos. O terreno inclina-se em direção a sudeste, revelando uma exposição elevada onde o sol incide. *A contemplação da imensidão espacial remete-se sempre, em contraste, à nossa finitude e pequenez. Sempre que uma cidade é contemplada de cima, surge um certo espanto diante a perspectiva do todo. Esta visão que não se experimenta quando se caminha emoldurado pelas ruas da cidade, ruas que limitam a percepção do território como dirigem a caminhada. (...) Contudo, a descoberta da visão totalizante do mundo sugere também a possibilidade de um novo poder, o poder do domínio do olhar do todo que será talvez o mais semelhante (...) da noção (...) de onnipresença.*⁸

Da propriedade, observa-se o largo. As árvores alcançam o horizonte e criam uma parede translúcida, através da qual é possível apreciar uma imagem da urbanização. Este filtro criado pela arborização remata o lugar, o que transmite uma sensação de conforto, quebrando a percepção de total exposição.

⁸ “La contemplación de la inmensidad espacial siempre remite, por contraste, hacia nuestra finitud y pequeñez. Siempre que se contempla una ciudad desde arriba surge un cierto asombro ante la perspectiva del todo. Esta visión que no se experimenta cuando se camina encuadrado por las calles de la ciudad, calles que limitan la percepción del territorio como dirigen el caminar. (...) Con todo, el descubrimiento de la visión totalizante del mundo le sugiere también la posibilidad de un nuevo poder, el poder del dominio de la mirada del todo que será quizá lo más semejante (...) de la noción (...) de la onnipresencia.” em SILVA, Ana Sofia Pereira da; *La intimidad de la casa: el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*; Buenos Aires: Diseño; 2015; p.175



i23. Localização de Paços de Ferreira



i24. Localização de Penamaior

1.3. Enquadramento

A identidade de um lugar descreve-se pela sua atmosfera, a sua posição no território, as suas características formais, o seu contexto sociocultural: *Sendo difícil definir cultura, poderá ser observado que o homem se move no espaço e o ambiente natural exerce sobre ele uma enorme influência. (...) Assim, cultura é tudo o que o homem recebe, transmite ou inventa (...) Daí, segundo Loeie, é o “conjunto de tradições sociais” e para Linton, cultura é “herança social”, tudo o que o homem acrescenta à Natureza, onde cabe também a natureza humana pois, acrescentando qualquer coisa à natureza, o homem acrescenta qualquer coisa a si próprio, modificando-se (...)*⁹ Deste modo, é essencial o enquadramento do lugar no território e num contexto cultural.

A propriedade, onde se procura intervir, localiza-se em Penamaior, uma das doze freguesias do concelho de Paços de Ferreira. O concelho, com 56340 habitantes¹⁰, pertence ao distrito do Porto e é limitado pelos municípios de Lousada, Paredes, Valongo e Santo Tirso. É servido por três estradas nacionais - EN207, EN 209, EN319 - e por uma autoestrada - A42, que facilitam o acesso à localidade. Os transportes públicos de passageiros, que articulam as várias freguesias e os conselhos mais próximos, também são assegurados diariamente por uma empresa local, situando-se uma paragem de autocarro no limite nascente do Largo do Cô. *Paços de Ferreira, em termos geográficos e linguísticos, é uma espécie de zona de fronteira, uma zona de transição e que, apesar disso, tem alguns traços individualizantes que a delimitam.*¹¹

*Os habitantes de Paços de Ferreira durante o período moderno, na sequência da tradição medieval, dedicaram-se fundamentalmente ao cultivo da terra, própria ou alheia.*¹² No entanto, as feiras também tinham uma grande importância na dinamização da economia local. Atualmente, estas atividades económicas foram perdendo importância e é a indústria do mobiliário que ressalta. Paços de Ferreira sofreu um grande processo de urbanização contudo, *apesar da maior instrução generalizada, há ideias feitas que não se alteram. Esta cultura popular sugere práticas que caminham no tempo, que não se*

⁹ BENTES, Manuela; *Estudo de Antropologia e Linguística na Região Entre-Douro e Minho (Paços de Ferreira)*; Paços de Ferreira: PATRIUM; 2007; p.47

¹⁰ <http://censos.ine.pt/>; Censos 2011, Quadros de Apuramento, Q101_NORTE

¹¹ BENTES, Manuela; *op. cit.*; p.77

¹² SILVA, Francisco Ribeiro da; *Paços de Ferreira na Idade Moderna*; Paços de Ferreira: Câmara Municipal; 1986; p.30



i25. Localização da propriedade; Escala 1:5000



afastam da realidade rural, carregando sugestões telúricas que o povo considera indispensáveis.¹³ Às vezes, os maiores centros populacionais não deixam de ser aglomerados rurais, tendo-se em conta os hábitos, as tradições, os costumes, os modos de vida. (...) Por isso, apesar de se ter perdido quase toda a ruralidade e Paços ser, cada vez mais, uma localidade de traços urbanos, não são abolidas as tradições que funcionam, entre os mais velhos sobretudo, como autênticos actos de fé.¹⁴

O concelho é definido por notáveis elevações, sendo que o ponto mais alto é o Monte do Pilar, situado na freguesia de Penamaior, com 530m de altitude. Este é um local de grande interesse da freguesia, visto conferir uma vista ampla da paisagem envolvente, pelo que acomoda a Estação de Radar Nº2 da Força Aérea Portuguesa. Penamaior é uma freguesia com 3 819 habitantes¹⁵ situada na imediação com o concelho de Santo Tirso. Compreende outros equipamentos, de carácter social, o Centro Social da Paróquia de Penamaior e o Cemitério de Penamaior, de carácter religioso, a Igreja Matriz de Penamaior e de carácter empresarial, o complexo industrial do IKEA.

A propriedade a intervir distancia-se do centro de Paços de Ferreira cerca de 3 Km. Abrange uma área de 7 350m² e a sua cota mais alta difere 13m da sua cota mais baixa. A área é confinante com dois arruamentos - a Rua de Felgueiras e a Viela do Cô - com uma diferença de cotas altimétricas de 10m, sendo a Rua de Felgueiras a mais baixa. Esta, por sua vez, desagrega a propriedade do Largo do Cô. O referido confinamento estende-se por 67.94 m, dispondo de uma maior relação com a via pública, visto o confinamento superior só se estender por 9.85m. Segundo o Plano Diretor Municipal (PDM), o espaço pertence ao solo urbanizado e área mista de nível 2, pelo que são permitidos os usos habitacional, comercial e de serviços. É rodeado por áreas protegidas, sendo estas, o Largo da Feira de Cô e áreas agrícolas pertencentes à Reserva Agrícola Nacional.

¹³ BENTES, Manuela; *Estudo de Antropologia e Linguística na Região Entre-Douro e Minho (Paços de Ferreira)*; Paços de Ferreira: PATRIUM; 2007; p.99 e 100

¹⁴ *Ibidem*; p.114

¹⁵ <http://censos.ine.pt/>; Censos 2011, Quadros de Apuramento, Q101_NORTE

2. Um lar de idosos

*Um sítio vale pelo que é, e pelo que pode ou deseja ser - coisas talvez opostas, mas nunca sem relação.*¹⁶

¹⁶ VIEIRA, Álvaro Siza; *01 Textos*; Porto: Civilização; 2009; p.27



i26. Mulher idosa sentada

ESCALÃO ETÁRIO	GRAU DE DEPENDÊNCIA			
	FRACO	MÉDIO	ELEVADO	S/DEPENDÊNCIA
75 - 79	14,9	16,5	20,9	47,7
80 - 84	21,0	20,0	28,0	31,0
MAIS DE 85	16,5	22,5	44,5	16,5

i27. Pessoas com 75 e Mais Anos,
atendidas pelos Centros Regionais de Segurança Social
entre Julho/Outubro, 1988, por Graus de Dependência (%),
Portugal, Continente

2.1. A população idosa

A população idosa¹⁷ a nível mundial tem vindo a aumentar; sobretudo a partir da segunda metade do século XX, relativamente às gerações mais novas. (...) Em Portugal, nos últimos 40 anos, a população com mais de 65 anos mais que duplicou, representando actualmente cerca de 17% do total da população.¹⁸ Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), o envelhecimento demográfico tende a aumentar, sendo o resultado de um declínio das taxas de fecundidade, natalidade e mortalidade.

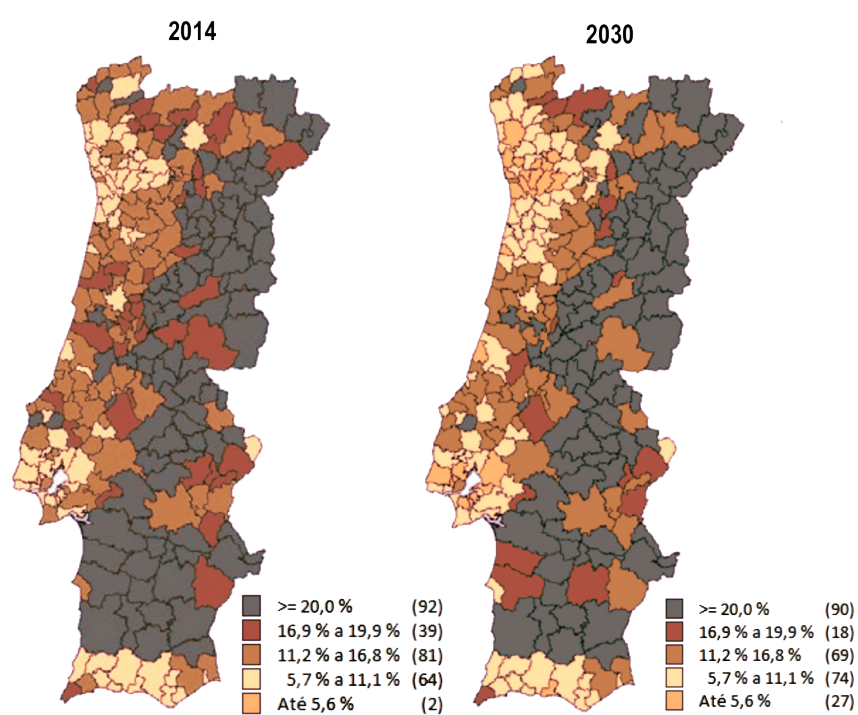
A perda de autonomia e consequente dependência são fatores que estão associados ao processo de envelhecimento. Da população idosa, as pessoas com 75 e mais anos e, em especial, as mulheres, são as que apresentam uma maior dependência e precariedade no que toca à saúde e aptidão para tarefas do quotidiano. A maioria das pessoas deste grupo etário vive só. Alguns vivem com o cônjuge, sendo este, frequentemente, o prestador de cuidados. No entanto, nalguns casos, o prestador de cuidados apresenta, também, limitações de saúde, agravando as circunstâncias. *Poucos vivem com outros familiares, embora estes sejam referidos como prestadores de cuidados através de formas de “coabitação à distância”¹⁹* Quando estes familiares adotam um sistema de rotatividade em que a pessoa idosa é transferida de habitação casualmente, a abordagem é prejudicial, pois as sucessivas tentativas de adaptação são pouco favoráveis à estabilidade psicoemocional do idoso. O meio físico e social em que o idoso se insere é fundamental na preservação das suas capacidades físicas e psicológicas. Os cuidados de higiene e conforto, a confeção de refeições, as compras e tarefas de casa, o acompanhamento às consultas de saúde e apoio à mobilidade, a assistência durante a noite e a administração de medicação são os cuidados de que o familiar coabitante se ocupa. Os indivíduos deste grupo etário expressam, também, frequentemente, um sentimento de monotonia e falta de convívio e companhia. Outras grandes dificuldades sentidas são a falta de apoio económico e a falta de apoio de serviços da comunidade.

Muitos países, incluindo Portugal já começaram a implementar políticas no sentido de dar atenção aos cuidados de saúde e de apoio aos idosos (...) A política de apoio e acolhimento das pessoas idosas tem sofrido uma marcada evolução nos últimos anos. (...) Entre 1998 e 2006 entraram em funcionamento

¹⁷ “Idoso - Indivíduo com 65 e mais anos” em <http://smi.ine.pt/>; Conceitos

¹⁸ *Cadernos Técnicos PROCIV #4, Estabelecimentos de Apoio Social a Pessoas Idosas, Manual para a Elaboração de Planos de Segurança*; Autoridade Nacional de Protecção Civil; Dezembro de 2008; p.9

¹⁹ QUARESMA, Maria de Lurdes; *Cuidados Familiares às Pessoas Muito Idosas*; Lisboa: Direcção-Geral da Acção Social; Dezembro de 1996; p.17



i28. Distribuição territorial da taxa de cobertura futura das respostas
Centro de Dia, Estrutura Residencial para Pessoas Idosas e Serviço
de Apoio Domiciliário

*cerca de 2.000 respostas sociais de apoio a pessoas idosas, o que representa um crescimento de 46,8%.*²⁰ As respostas baseiam-se num conjunto de equipamentos e serviços que visam a preservação dos idosos no seu meio familiar, promovendo apoio à família, a prevenção das situações conducentes à degradação e marginalização do processo de envelhecimento e têm ainda, como objetivo, a promoção de condições favoráveis à integração social e cultural dos idosos. Os apoios que se verificam são Lares de Idosos, Residências, Centros de Dia, Centros de Noite, Centros de Convívio e Serviços de Apoio Domiciliário. Os alojamentos coletivos são de utilização temporária ou permanente, sendo que os lares se destinam a pessoas mais dependentes e as residências a pessoas mais autónomas. Os centros disponibilizam acompanhamento ao idoso, retardando ou evitando a sua institucionalização, ajudam na manutenção do meio familiar, social e/ou cultural, ou até, na supressão de uma necessidade de convívio. O apoio domiciliário serve os indivíduos e respetivas famílias, que se encontram no seu domicílio mas não podem assegurar a total satisfação das suas necessidades básicas. *Em 1998 as respostas sociais, de apoio a pessoas idosas, com maior relevância, ao nível da capacidade de resposta dos mesmos eram: Lar de Idosos (30%); Centro de Dia (28%) e Serviço de Apoio Domiciliário (23%).*²¹

Contudo, a evolução das respostas de apoio à população idosa não acompanha o aumento do envelhecimento demográfico. *O aumento acelerado da população com 65 ou mais anos tem condicionado o crescimento da taxa de cobertura destas respostas, apesar do significativo alargamento do número de lugares.*²² No interior do país, onde constam as regiões mais envelhecidas, a taxa de cobertura é mais elevada que no litoral. Sendo nas áreas metropolitanas do Porto e Lisboa e na região do Algarve onde se verifica o maior défice na cobertura de respostas de apoio à terceira idade.

²⁰ *Cadernos Técnicos PROCIV #4, Estabelecimentos de Apoio Social a Pessoas Idosas, Manual para a Elaboração de Planos de Segurança*; Autoridade Nacional de Protecção Civil; Dezembro de 2008; p.9

²¹ *Ibidem*; p.11

²² *Carta Social, Rede de Serviços e Equipamentos, Relatório 2015*; Lisboa: Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP); 2015; p.40 e 41



i29, i30 e i31. Largo do Cô

2.2. Motivo

No distrito do Porto, concentram-se 225 Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI), as quais apresentam uma capacidade total de 8 511 utentes e albergam 7 572. Paços de Ferreira contém três equipamentos residenciais que se destinam a 103 utentes e é o único concelho do distrito do Porto cujas respostas ERPI se encontram inteiramente lotadas²³. Em Lousada, Paredes e Valongo o cenário é quase idêntico, visto o número de utentes institucionalizados diferenciar muito pouco da capacidade total. Tratando-se de regiões periféricas do concelho de Paços de Ferreira, conclui-se, então, que nesta localidade há um grande défice de Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas.

Refletindo sobre a urgente necessidade de novas respostas para alojamento e acompanhamento de idosos nesta região, a propriedade anteriormente referida revela-se, imediatamente, como uma resposta ao problema. Um Lar de Idosos neste lugar surge de forma evidente, como complemento à paisagem e às necessidades enunciadas. Localizada num espaço calmo e rural, a área é propícia à estabilidade psicoemocional dos utentes, mas é, também, de fácil acesso às zonas mais urbanizadas, podendo servir os residentes das áreas envolventes, bem como cidadãos de outros municípios.

Além de concordar com os requisitos legais, a propriedade corresponde às recomendações de localização de Lares de Idosos pela Segurança Social.²⁴ Como exposto no capítulo 1.3. *Enquadramento*, ademais de uma boa acessibilidade rodoviária e serviço de transportes públicos, a sua proximidade em relação ao centro de Paços de Ferreira, possibilita um bom contacto com todos os serviços públicos da cidade, além dos já existentes na freguesia.

Um dos objetivos das respostas destinadas à população idosa é *a promoção, a inclusão e a participação na comunidade*²⁵. *Estar com outras pessoas, vê-las e ouvi-las, e receber estímulos delas constituem experiências positivas, alternativas a estar só.*²⁶ O lugar é um fator condicionante das atividades realizadas

²³ <http://www.cartasocial.pt/> consultado a 9 de Março de 2019

²⁴ *Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais, Lares de Idosos*; Segurança Social; 2007; p.12 e 13

²⁵ *Carta Social, Rede de Serviços e Equipamentos, Relatório 2015*; Lisboa: Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP); 2015; p.36

²⁶ “Estar con otras personas, verlas y oírlas, y recibir estímulos de ellas constituyen experiencias positivas, alternativas a estar solos.” em GEHL, Jan; *La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios*; Barcelona: Editorial Reverté; 2006; p.25



i32. Cumprimentando os velhos amigos, Bilbao



i33. Informação sobre o meio social

no espaço urbano, especialmente das que não são consideradas *atividades necessárias*²⁷. As atividades opcionais, *aquelas em que se participa se houver um desejo de fazê-lo ou se o tempo e o lugar permitirem*²⁸, são as mais influenciadas pelo ambiente, seguindo-se as atividades sociais *que dependem da presença de outras pessoas*²⁹. As simples atividades de ver, ouvir e encontrar, podem suscitar novos contactos, manter os já estabelecidos, inspirar novas experiências e informar sobre o meio social. *Graças a toda esta informação estabelecemos uma relação de confiança com o mundo que nos rodeia.*³⁰

Deste modo, o Largo do Cô proporcionaria ao lar um espaço público rico em possibilidades de contacto com outras pessoas e com o lugar. O moderado tráfico rodoviário de locomoção lenta, devida à pavimentação adjacente à propriedade, amplificaria o contacto com o espaço público. A feira e o mercado viriam estimular o contacto social e as atividades exteriores, o que beneficiaria a saúde e alegraria o quotidiano rotineiro dos utentes. Por sua vez, as experiências vivenciadas no largo poderiam ser enriquecidas através do contacto com o lar, visto que *a presença de outras pessoas, atividades e eventos, de inspiração e estímulos, é uma das qualidades mais importantes dos espaços públicos.*³¹

A proximidade com a escola possibilitaria a associação dos dois estabelecimentos e a colaboração das duas gerações distintas em atividades didáticas e recreativas. O pequeno jardim público existente entre a propriedade e a escola complementaria o contacto dos dois edifícios, proporcionando uma área para a realização de atividades coletivas.

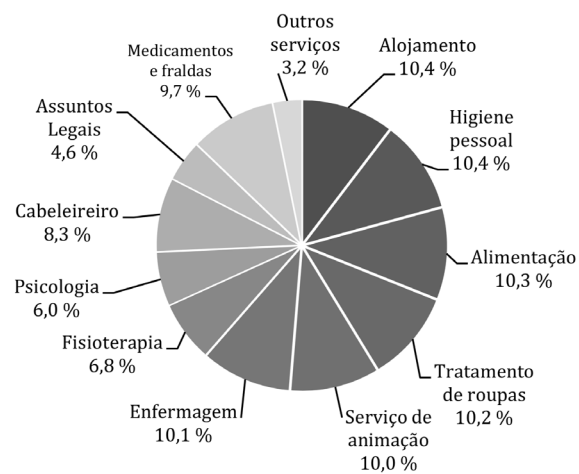
²⁷ “Las actividades necesarias incluyen las que son más o menos obligatorias (ir al colegio o al trabajo, salir de compras, esperar el autobús o a una persona, hacer recados o repartir el correo), en otras palabras, todas las actividades en las que las personas implicadas están más o menos obligadas a participar.” em GEHL, Jan; *La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios*; Barcelona: Editorial Reverté; 2006; p.17

²⁸ “Las actividades opcionales - es decir, aquéllas en las que se participa si existe el deseo de hacerlo o si lo permiten el tiempo y el lugar (...)” *ibidem*; p.17

²⁹ “Las actividades sociales son todas las que dependen de la presencia de otras personas en los espacios públicos.” *ibidem*; p.20

³⁰ “Gracias a toda esta información establecemos una relación de confianza con el mundo que nos rodea.” *ibidem*; p.29

³¹ “(...) la presencia de otras personas, de actividades y acontecimientos, de inspiración y estímulos, supone una de las cualidades más importantes de los espacios públicos.” *ibidem*; p.21



i34. Distribuição percentual dos utentes em ERPI por serviços prestados, Continente - 2015



i35. Atividades de animação no Lar para idosos De Drie Hoven, de Herman Hertzberger

2.3. Programa

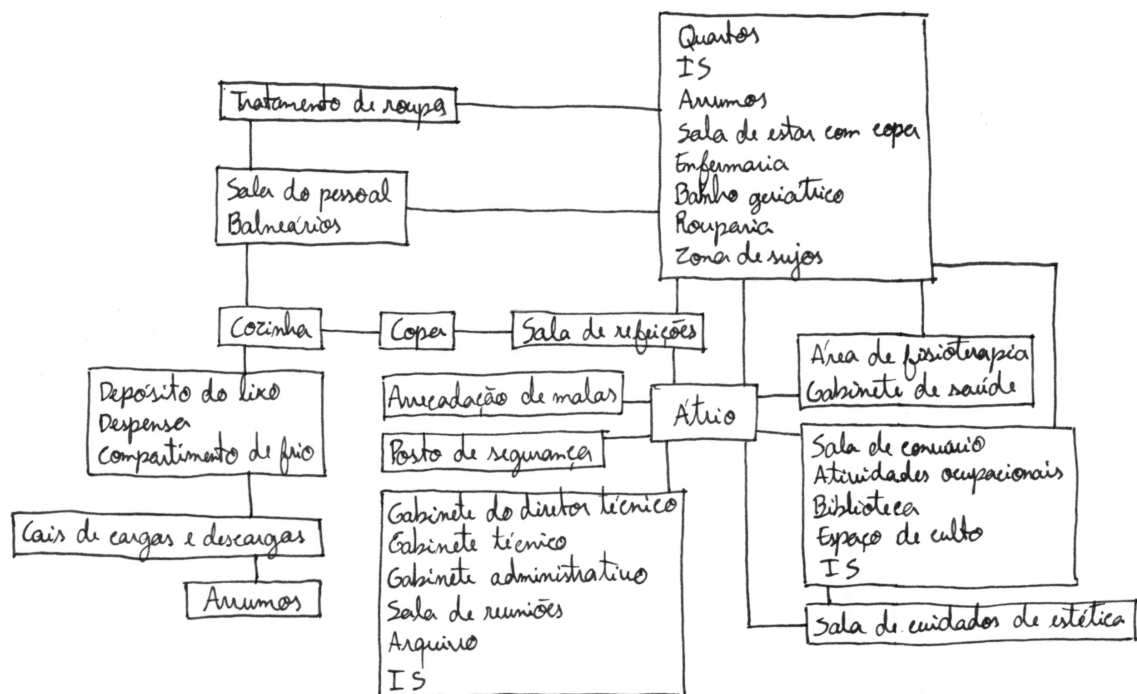
*O Lar para idosos é um equipamento de alojamento colectivo temporário ou permanente que proporciona serviços permanentes às pessoas idosas cuja problemática bio-psico-social não possa ser tratada através de outras formas de resposta.*³² Os serviços visam ser adequados às condições de cada residente e satisfazer as suas necessidades básicas, como alimentação, higiene pessoal, tratamento de roupa, cuidados de enfermagem e de saúde. A autonomia e independência são promovidas de modo a retardar ou estabilizar o processo de envelhecimento. Para tal, também são praticadas atividades de animação sociocultural, lúdico-recreativas e ocupacionais. A integração social e a preservação da relação intrafamiliar são, igualmente, objetivos do lar de idosos, no entanto, haverá sempre uma preocupação pelo respeito da individualidade e privacidade de cada um.

*(...)a arquitetura não pode ser outra coisa senão o interesse pela vida cotidiana, tal como vivida por todas as pessoas.*³³ Subscrevendo o pensamento de Herman Hertzberger - arquiteto que se debruçou e escreveu sobre temas como a apropriação do espaço e os diferentes usos que este poderá vir a ter, tendo como foco a liberdade das pessoas para o fazer - entende-se que a organização do programa deve depender das circulações e dos acontecimentos que lhe são previstos. É essencial compreender o eventual quotidiano dos diversos usuários e seus propósitos e dinâmicas. Os lares de idosos recebem três grupos de usuários: os moradores aos quais são prestados os serviços, o pessoal que mantém o edifício em funcionamento e as pessoas externas que visitam os idosos e/ou são convidados para a participação em atividades.

Para uso dos moradores, o programa de um lar dispõe de uma área de alojamento, de uma sala de refeições e de salas de convívio e atividades, as quais se devem situar na proximidade da receção. Todos os espaços devem ser dimensionados e articulados de maneira a serem acessíveis a pessoas de mobilidade reduzida e dispor de instalações sanitárias que sirvam as mesmas. A unidade de alojamento é provida de áreas funcionais de armazenamento, enfermaria, rouparia e higiene e pode ser organizada por tipologias habitacionais, designadamente apartamentos e/ou moradias, por quartos ou pelas duas modalidades simultaneamente. Tendo em consideração a sua dimensão, a modalidade de alojamento em quartos apresenta-se como a melhor solução programática para a propriedade a intervir. Nesta solução, cada quarto tem que usufruir de uma instalação sanitária privada e completamente acessível. Para cada

³² QUARESMA, Maria de Lurdes; *Cuidados Familiares às Pessoas Muito Idosas*; Lisboa: Direcção-Geral da Acção Social; Dezembro de 1996; p.83

³³ HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.174



i36. Esquema organizacional de um lar de idosos

agrupamento de aproximadamente dez quartos é necessário uma sala de estar e uma copa para utilização livre dos residentes. Os quartos devem evitar o *aspecto hospitalar*³⁴ e *podem ser individuais, duplos ou triplos, sendo que, pelo menos, 20 % devem corresponder a quartos individuais e, no máximo, 20 % a quartos triplos*³⁵. A propósito dos moradores, também é prevista uma área de serviços de saúde, à qual se tem integrado acompanhamentos de fisioterapia e psicologia.

Para os funcionários é necessário uma área de descanso e higiene próxima de zonas de serviço, tais como a cozinha e respetivos espaços complementares, a sala de tratamento de roupa e os serviços de apoio como armazenagem, zonas técnicas e cais de cargas e descargas. A cozinha, por sua vez, deverá ter ligação com a sala de refeições, enquanto a sala de tratamento de roupa não se poderá distanciar excessivamente dos quartos.

As pessoas externas circulam por algumas zonas mútuas aos outros usuários, principalmente pela área de direção e serviços técnicos e administrativos - a qual se deve localizar próxima da receção - e pelas salas de atividades, visto parte da animação do lar de idosos ser feita por profissionais externos. Outro espaço que é utilizado por colaboradores externos é a sala de cuidados de estética, cuja presença no programa de um lar de idosos é recomendável, pois revela-se uma área aprazível aos utentes e benéfica à sua qualidade de vida.

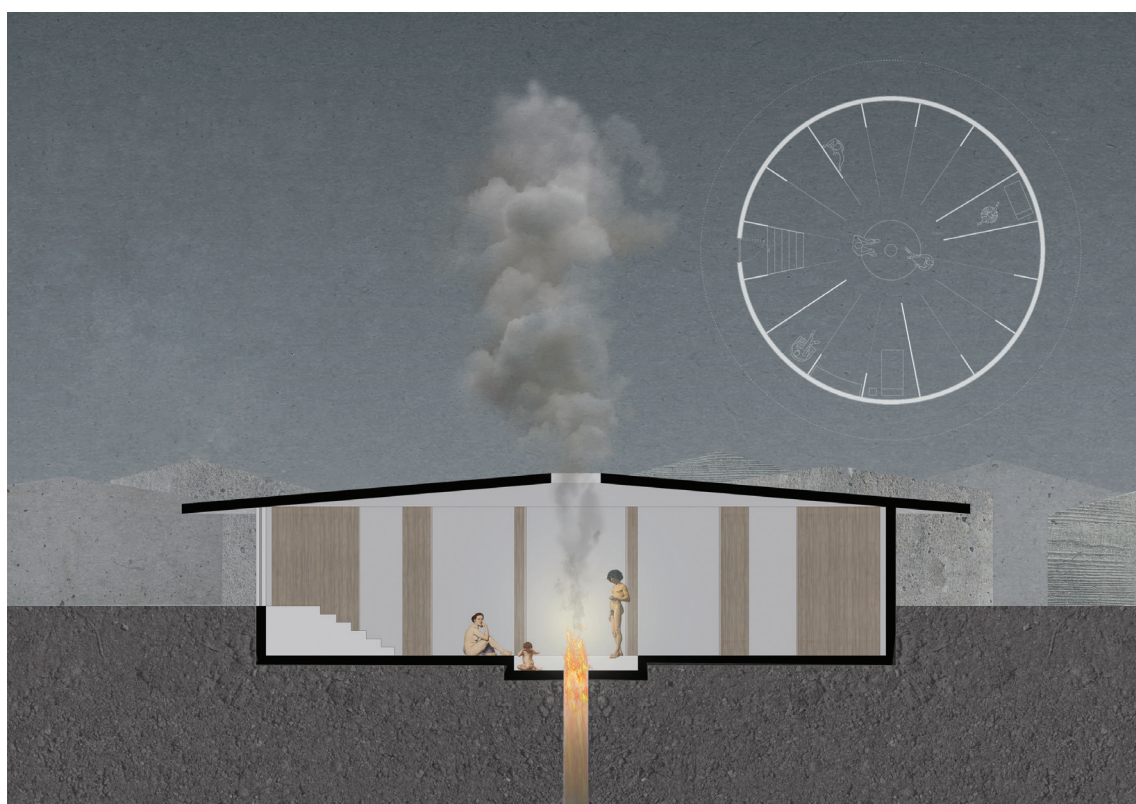
A capacidade mínima da estrutura residencial é de quatro residentes e máxima de cento e vinte, porém é aconselhada, pela Direção Geral da Ação Social³⁶, uma capacidade que varie entre trinta a quarenta pessoas. Sempre que a capacidade ultrapassar os oitenta moradores, o programa necessita de ser dividido em unidades funcionais de, no máximo, sessenta pessoas, autónomas no que se refere às áreas de alojamento, convívio e atividades.

Os acessos ao edifício necessitam de ser controlados de forma a criar um ambiente de segurança. Contudo, é recomendado não *adoptar medidas de segurança que impliquem limitações à liberdade dos clientes*

³⁴ *Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais, Lares de Idosos*; Segurança Social; 2007; p.39

³⁵ *Portaria n.º 67/2012 de 21 de Março*; Anexo I; Ficha 6; 6.3.3

³⁶ BONFIM, Catarina de Jesus, GARRIDO, Manuel Martins, SARAIVA, Maria Eugénia e VEIGA, Sofia Mercês; *Lar para Idosos (Condições de implantação, localização, instalação e funcionamento)*; Lisboa: Direcção-Geral da Acção Social; Dezembro de 1996; p.6



i37. *Memories Keeper*,
representação concetual de espaço de habitar, pela autora e Ana Graça

*ou restrinjam a sua mobilidade e sociabilidade*³⁷. É importante *fomentar a relação entre o interior e o exterior do edifício e permitir que os clientes tenham franca visibilidade para o exterior*³⁸. Ao manter um contacto visual com o mundo exterior e ao abrir-se para o espaço urbano, induzindo as pessoas a entrarem, o edifício torna-se numa continuação desse mesmo espaço. O espaço urbano é transportado para o interior do lar, convidando a comunidade para à sua integração e impedindo a sensação de isolamento dos seus usuários. *A experiência pública e a participação pública fazem parte da condição humana e, portanto, da plena experiência do indivíduo.*³⁹ Sendo assim, para a articulação dos espaços, é essencial uma consciencialização sobre a sua influência quer nas relações sociais, quer nas relações com o ambiente.

Conclui-se, então, que, relativamente ao diálogo que mantém com a paisagem, a estrutura de um lar de idosos depende da simbiose entre a sua permeabilidade e impermeabilidade. No entanto, no seu interior, verifica-se uma relação simbiótica de espaços coletivos e espaços individuais. Trata-se de um edifício coletivo cujos moradores partilham vários espaços comuns no seu quotidiano, contudo é o lar, a casa de cada um deles. Além de oferecer espaços sociais, deve permitir, também, que o indivíduo se refugie e assuma a sua plena identidade. Como Norberg-Schulz afirma: *A identidade pessoal é, portanto, o conteúdo do habitar privado.*⁴⁰ Sendo o seu lar, mais do que um espaço, representa um sentimento, o qual a arquitetura é responsável por preservar física e emocionalmente, enquanto memória materializada. A sensação de lar consubstancia-se num estado puro, onde o indivíduo não precisa de se esconder e se sente confortável. Resume-se à nudez de ser, existir e respirar no seu *ninho seguro* - um lugar que pode chamar de seu, onde sabe que os seus pertences estão em segurança e tem garantida a sua privacidade. Esta sensação é, em grande parte, transmitida pelos objetos, pela segunda camada do espaço. Ao longo da vida, o indivíduo acumula objetos, memórias, uma síntese selecionada da sua existência e acrescenta esta camada pessoal à camada primordial da arquitetura onde habita. O espaço da casa quer-se, então, flexível de modo a promover a liberdade - a liberdade de escolha entre expor ou esconder, a liberdade para a criação, a liberdade para transportar o passado e a liberdade para a continuação da vida. Relativamente

³⁷ *Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais, Lares de Idosos*; Segurança Social; 2007; p.31

³⁸ *Ibidem*

³⁹ “La vivencia pública y la participación pública forman parte de la condición humana y, así, de la vivencia plena del individuo.” em SILVA, Ana Sofia Pereira da; *La intimidad de la casa: el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*; Buenos Aires: Diseño; 2015; p.317

⁴⁰ “L’identità personale è quindi il contenuto dell’abitare privato.” em NORBERG-SCHULZ, Christian; *L’abitare: L’insediamento, lo spazio urbano, la casa*; Milão: Electa; 1984; p.891



i38 e i39. Diferentes apropriações da *rua-galeria*
no Alojamento para Estudantes Weesperstrast, de Herman Hertzberger

aos espaços coletivos, há uma vontade de integração social. A arquitetura é responsável por incentivar os contactos sociais entre os usuários, transformando os espaços coletivos em espaços sociais. A convivência deve ser exigida, ou seja, os quotidianos devem-se cruzar, dinamizando as relações entre vizinhos numa atmosfera familiar. Deste modo, ao analisar a dualidade de espacialidades, compreende-se a interpretação de Herman Hertzberger que associa o lar de idosos a uma cidade, pois é igualmente estruturado por *ruas*, por *praças* e por *casas*.

*(...) a arquitetura deveria oferecer um incentivo para que os usuários a influenciassem sempre que possível, não apenas para reforçar sua identidade, mas especialmente para realçar e afirmar a identidade de seus usuários.*⁴¹ Os espaços de apropriação são respostas que enriquecem a flexibilidade da arquitetura e proporcionam ao usuário espaços sem função inscrita ao dispor da sua acomodação. Sempre que o indivíduo usa informalmente o espaço, este passa a ser seu, portanto, a identidade espacial depende da sua interpretação. Ao não estar rigidamente demarcado, o carácter público/privado perde-se e resulta numa interrupção intermédia que suaviza a circulação entre mundos contíguos. Esta interrupção consiste num espaço ambíguo que tanto induz à sociabilidade como suscita intimidade. *A questão está, portanto, em criar espaços intermediários que, embora do ponto de vista administrativo possam pertencer quer ao domínio público quer ao privado, sejam igualmente acessíveis para ambos os lados, isto é, quando é inteiramente aceitável, para ambos os lados, que o “outro” também possa usá-lo.*⁴²

Para uma melhor compreensão da organização programática de um lar de idosos, analisam-se sucintamente três respostas contemporâneas (2010) em território nacional: o Lar Casa de Magalhães em Ponte de Lima de Carvalho Araújo, seguidamente, a Casa do Professor em Cascais de Eduardo Souto de Moura e, por último, o Lar de Idosos da Santa Casa da Misericórdia em Alcácer do Sal de Aires Mateus. Verifica-se que as referidas obras se assimilam às dimensões e à modalidade de alojamento que se irá adotar na proposta para a propriedade em Penamajor, contudo, apresentam soluções bastante distintas, suscitando, assim, o interesse pela análise da variedade de respostas.

Constata-se que cada um dos três lares se estabelece no íntimo de uma propriedade ladeada por muros e/ou vedações que desagregam por completo qualquer relação entre o edifício e a envolvente. O Lar Casa

⁴¹ HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.148

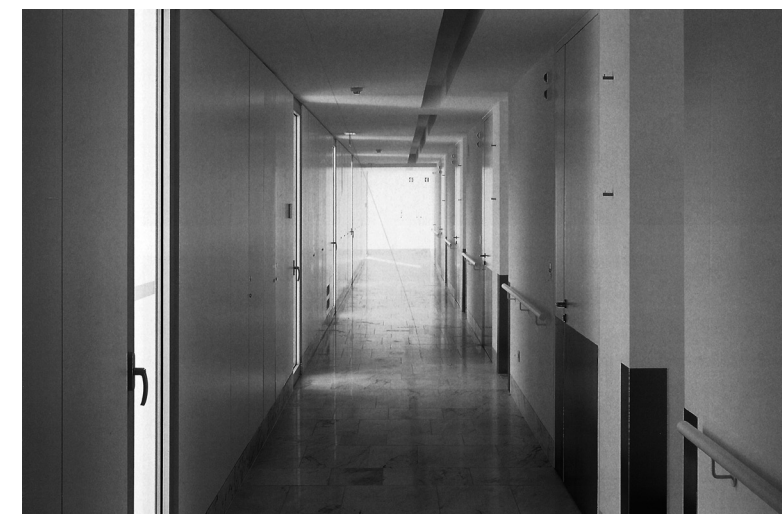
⁴² *Ibidem*; p.40



i40. Pátio social do Lar Casa de Magalhães



i41. Sala hexagonal do Lar Casa do Professor de Cascais

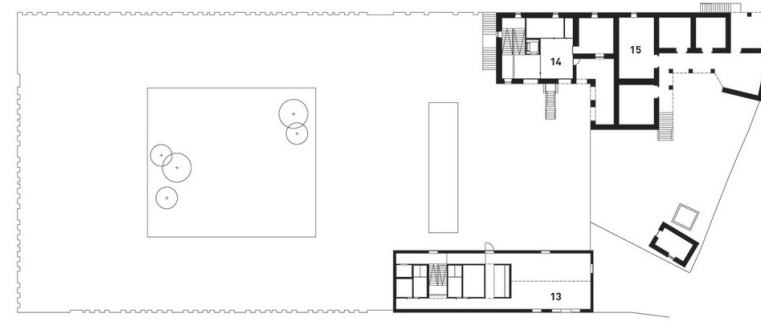


i42. Corredor do Lar de Alcácer do Sal



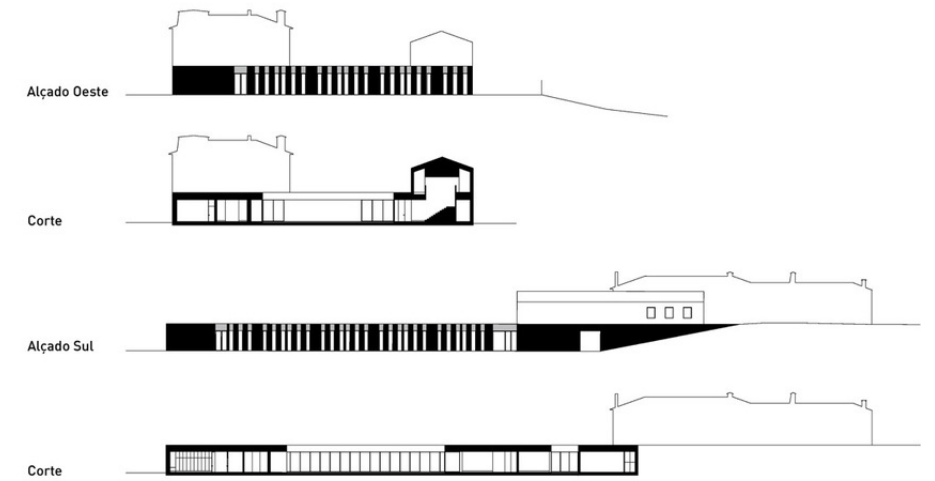
Planta piso 0

1. Recepção 2. Sala de actividades 3. Refeitório 4. Salas de estar 5. Quartos c/ sanitários 6. Gabinete médico 7. Cabeleireiro/ apoio 8. Cozinha 9. Lavandaria 10. Sala do pessoal 11. Entrada de serviço 12. Área técnica

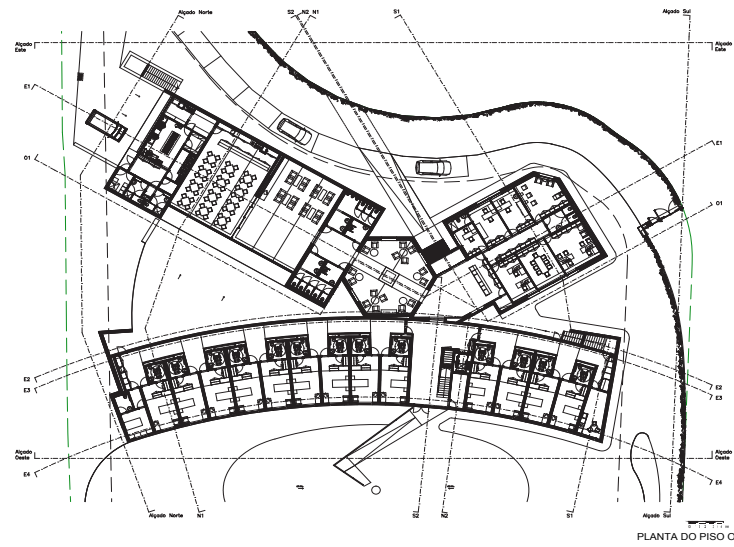


Planta piso 1

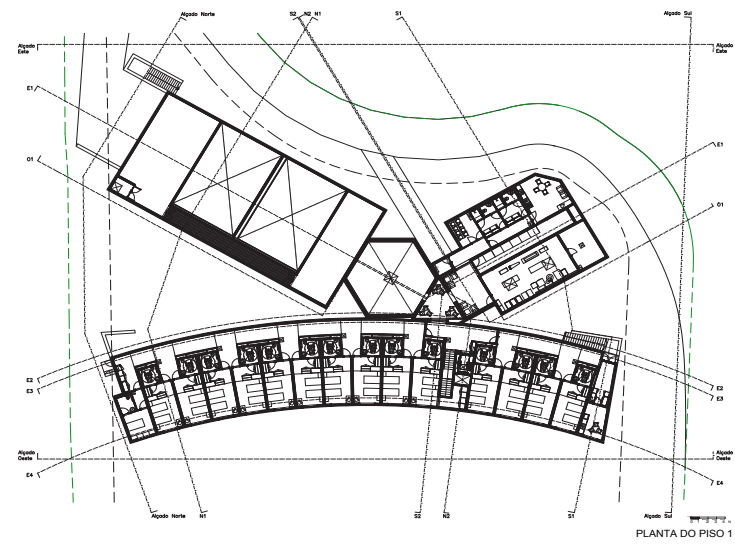
13. Centro de dia 14. Área administrativa 15. Edifício existente



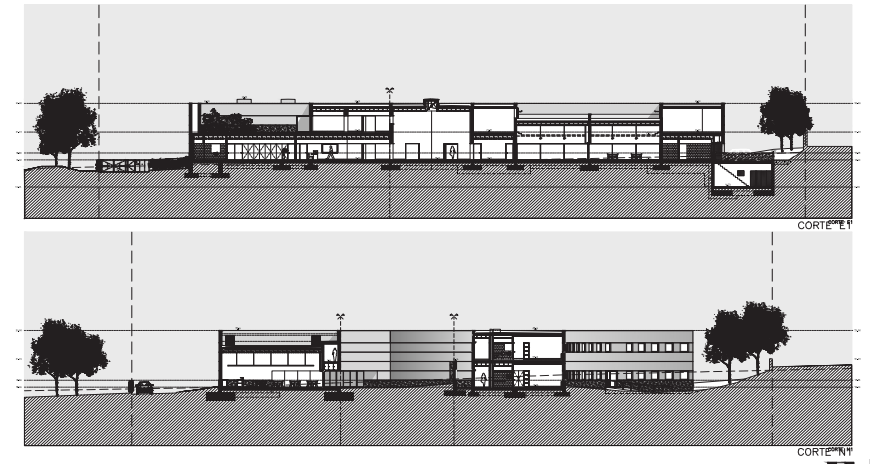
i43, i44 e i45. Lar Casa de Magalhães



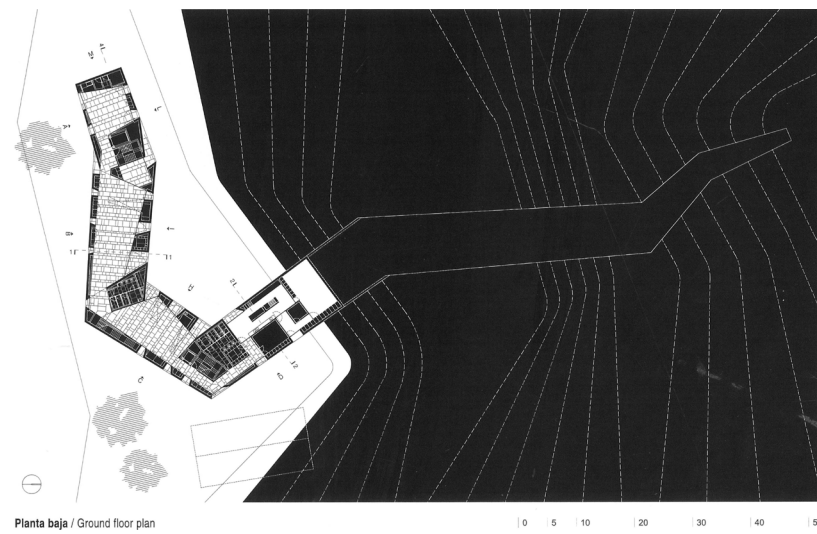
PLANTA DO PISO 0



PLANTA DO PISO 1

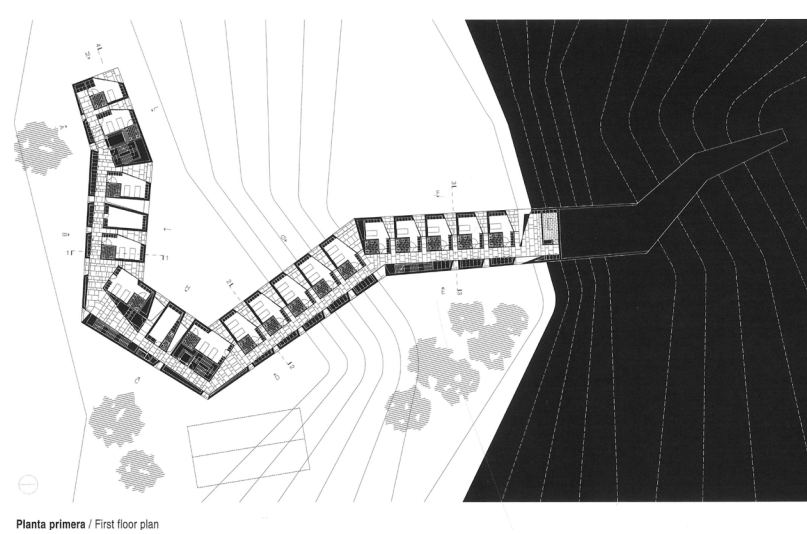


i46, i47 e i48. Lar Casa do Professor de Cascais

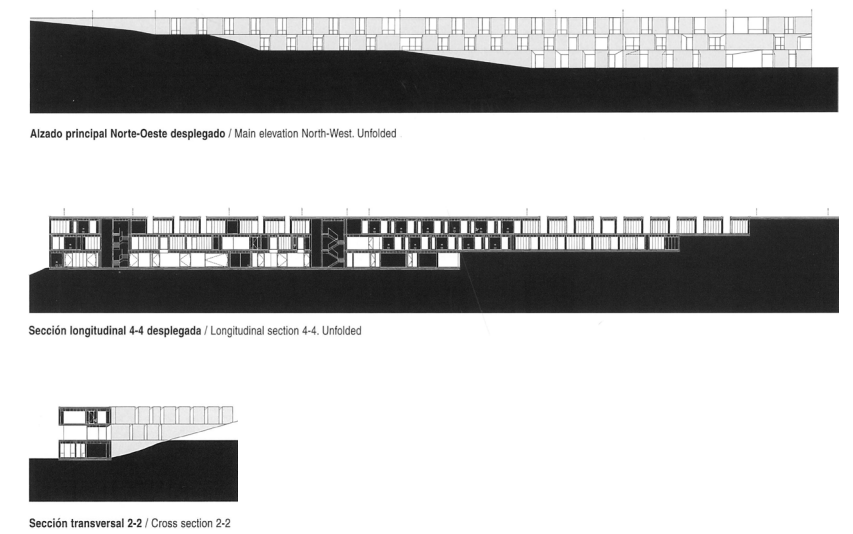


Planta baja / Ground floor plan

0 5 10 20 30 40 50



Planta primera / First floor plan



i49, i50 e i51. Lar de Alcácer do Sal

de Magalhães mantém uma ténue relação com o exterior através das janelas dos quartos e das portas de vidro que confinam os corredores. Contudo, a vivência do edifício converge, principalmente, no seu interior. A estrutura desenvolve-se em torno de dois pátios. O pátio principal, de maior área, organiza vinte quartos duplos, sete quartos individuais e respetivos serviços complementares em três dos seus lados. No lado remanescente, encontram-se as áreas comuns. Entre estas, localiza-se a sala de estar, que mantém contacto visual com os corredores dos quartos através dos vãos envidraçados que limitam o pátio. O pátio torna-se, assim, num espaço central destinado a uso social. O outro pátio confere luz natural à sala de refeições, lavandaria e cozinha e divide os espaços para os moradores dos espaços técnicos e para uso dos funcionários. Apesar de conferir variadas relações entre espaços, é visível a distinção de três áreas funcionais, mediante a intervenção dos pátios. As três áreas têm acesso ao átrio, sendo que surgem ligações diretas com um dos corredores dos quartos, com a sala de estar e com uma zona de espera referente ao gabinete de saúde e ao cabeleireiro. No piso superior, em volumes separados, de acessos distintos, situam-se a área administrativa e o centro de dia.

A Casa do Professor de Cascais adota uma estrutura centrípeta, onde o átrio representa um espaço de apropriação central. O programa é organizado em três volumes, correspondentes a funcionalidades distintas, que se interligam num único espaço. No que respeita ao uso dos moradores, um dos volumes destina-se às salas de convívio, atividades e refeições e outro destina-se à unidade habitacional, distinguindo, assim, o domínio público do domínio privado. Analisando os seus vinte e sete quartos, verifica-se que têm todos a mesma área, possibilitando a flexibilidade de utilização, pois tanto podem ser individuais como duplos. Relativamente ao terceiro volume, no primeiro piso, encontram-se a sala de cuidados de estética, o gabinete de saúde e a zona de administração, aproximando os espaços destinados às pessoas externas da entrada. O segundo piso adota uma acessibilidade mais restrita, sendo que compreende a lavandaria e a área dos funcionários.

O Lar de Alcácer do Sal apresenta uma organização estratificada, onde existe uma gradação da esfera pública para a privada, desempenhada pelos próprios pisos. No primeiro piso situam-se as zonas comuns aos idosos que são acompanhadas pelos respetivos espaços complementares e zonas técnicas. O desenho da estrutura em planta é quebrado e compõe diferentes ângulos, configurando espaços estreitos indefinidos que dividem as áreas sem a necessidade de um limite parietal, o que resulta numa permeabilidade entre espaços. A unidade habitacional desenvolve-se em dois pisos superiores e compreende dezasseis quartos individuais e vinte e dois quartos duplos.



i52. Vista exterior do Lar Casa de Magalhães



i53. Vista exterior do Lar Casa do Professor de Cascais



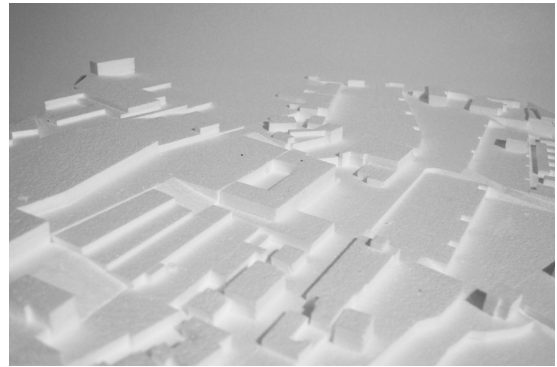
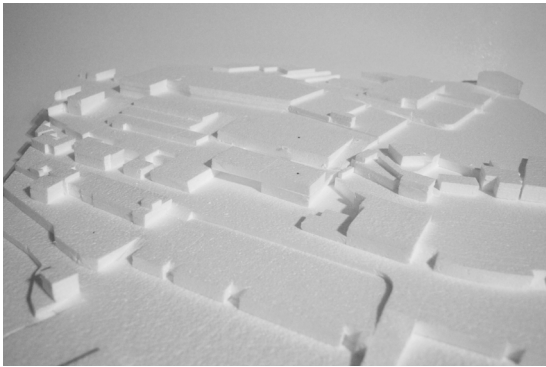
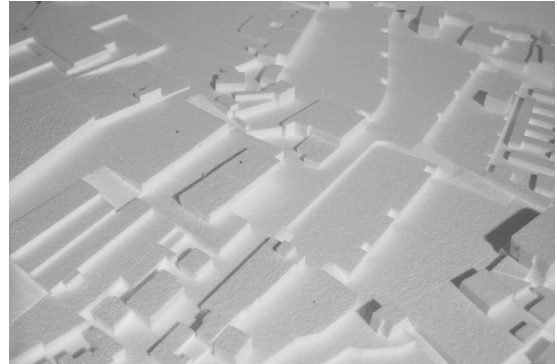
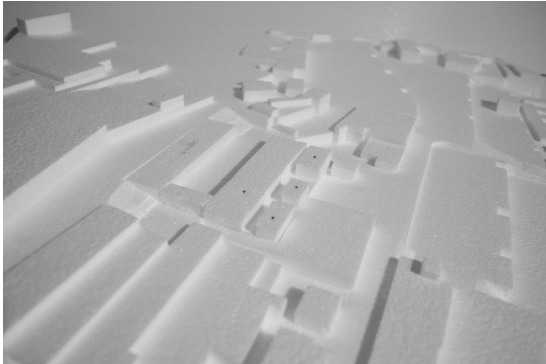
i54. Vista exterior do Lar de Alcácer do Sal

As três obras assumem interpretações muito distintas apesar das suas similaridades de programa. O primeiro lar de idosos referido prioriza o pátio como mediador do espaço. Define, assim, as diferentes funcionalidades e provoca variadas opções de circulação. O segundo lar opta por uma organização ramificada, controlando a circulação entre funcionalidades. O último lar analisado, por sua vez, adota um método de circulação vertical e distancia o domínio privado da entrada. Contudo, apesar da heterogeneidade verificada, qualquer uma das obras apresenta, igualmente, uma preocupação pela fragmentação e simultânea associação do espaço privado, do espaço social e do espaço de serviço. Conclui-se, então, que para um melhor funcionamento do lar é necessária a contiguidade das áreas relativas a cada um destes agrupamentos espaciais, mas sem depreciar as relações entre as espacialidades distintas.

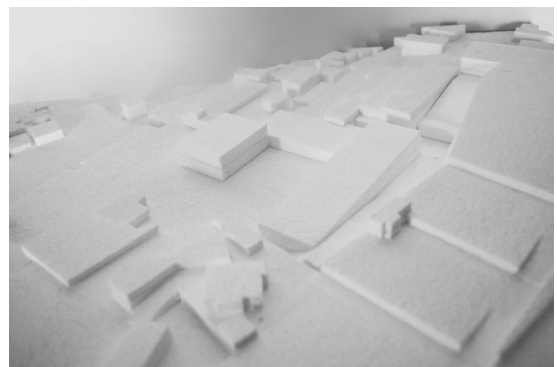
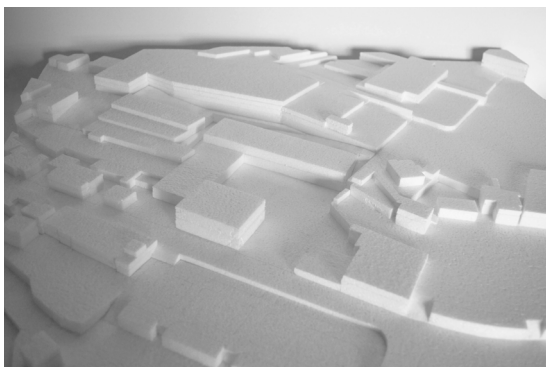
3. O projeto

*O indivíduo vive entre revelação e ocultação, isto é, entre a necessidade de aparecer diante dos outros e estabelecer relações com eles, como sente a necessidade de se distanciar do mundo. Os graus de exposição a que cada indivíduo se pode submeter são diversos: pode expor suas propriedades, seus hábitos, seu corpo, seu espírito... O espaço da intimidade é o espaço onde o indivíduo tira a sua máscara (social). O espaço da sociabilidade é o lugar da representação, pois é também o lugar da exposição. Os lugares de sociabilidade são onde o indivíduo manuseia a(s) máscara(s). O olhar do outro faz com que ele se veja a si mesmo e permite-lhe, assim, criar uma representação que lhe pareça apropriada a tal habitar. Através das máscaras que constrói, o indivíduo tenta, por um lado, encenar o ser que quer ver reconhecido no outro e, por outro lado, inibir através da máscara a exposição das profundezas do seu ser que unicamente dizem respeito a ele, àqueles que lhe são mais próximos e, por que não, aos espaços onde mora nu.*⁴³

⁴³ “El individuo habita entre la revelación y la ocultación, es decir, entre la necesidad de aparecer ante los demás y de establecer relaciones con ellos, como siente necesidad de alejamiento del mundo. Los grados de exposición a los que cada individuo puede someterse son diversos: puede exponer sus propiedades, sus hábitos, su cuerpo, su ánimo... El espacio de la intimidad es el espacio donde el individuo se quita su máscara (social). El espacio de la sociabilidad es el lugar de la representación, ya que es también el lugar de la exposición. Los lugares de la sociabilidad son donde el individuo maneja la(s) máscara(s). La mirada del otro lo hace verse a sí mismo y le permite, así, crear una representación que le parezca adecuada a tal habitar. A través de las máscaras que va construyendo el individuo, intenta, por un lado, escenificar el ser que quiere ver reconocido en el otro y, por otro lado, inhibir a través de la máscara la exposición de las profundidades de su ser que únicamente le conciernen a él, a aquellos que le son más cercanos y, ¿por qué no?, a los espacios que habita desnudo.” em SILVA, Ana Sofia Pereira da; *La intimidad de la casa: el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*; Buenos Aires: Diseño; 2015; p.206



i55, i56, i57 e i58. Maquete de estudo da volumetria



i59 e i60. Maquete da implantação final

3.1. Implantação e estrutura

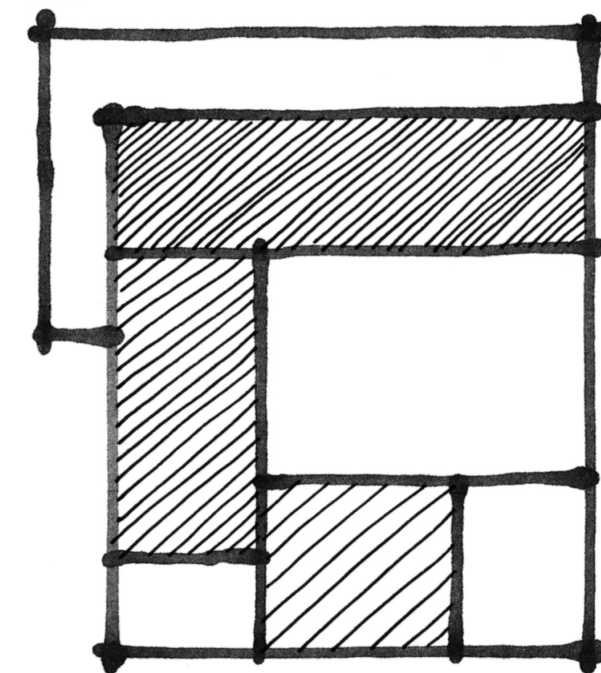
Para a elaboração do desenho da proposta projetual na propriedade em Penamajor, é necessário, primeiramente, estudar uma composição volumétrica, que possibilite abranger as áreas necessárias a todos os requisitos funcionais do lar de idosos, bem como enquadrá-la na circunstância espacial que a envolve. Desse modo, o desenho de implantação é sempre fundamentado pelas diretrizes que o lugar impõe e o propósito a que se destina.

Após ver, ouvir e sentir o lugar, alguns impulsos surgem repentinamente, ao pensar na elaboração de uma proposta para um lar. Decide-se prontamente que nenhuma construção pré-existente na propriedade será mantida devido ao seu estado de degradação e débil desenho arquitetônico. Também de forma quase imediata, aspira-se uma forte relação do projeto com o Largo do Cô e uma exposição dos espaços para a paisagem. Tal exposição vem beneficiar de uma orientação a Sudeste, concebendo-lhe, assim, uma boa incidência de radiação solar. Parece também evidente que a entrada principal seja feita pela Rua de Felgueiras, devido à sua extensão, e que o confinamento com a Viela do Cô seja utilizado como entrada secundária de serviço. Por sua vez, o parque de estacionamento adjacente à propriedade poderá servir o novo equipamento, pelo que não é necessário estabelecer novas áreas para tal funcionalidade. Assim, com estas preposições iniciais presentes, ensaia-se uma composição de formas e espaços que pretende ser harmoniosa, tanto para o contexto envolvente exterior, como para a própria conjugação de volumes.

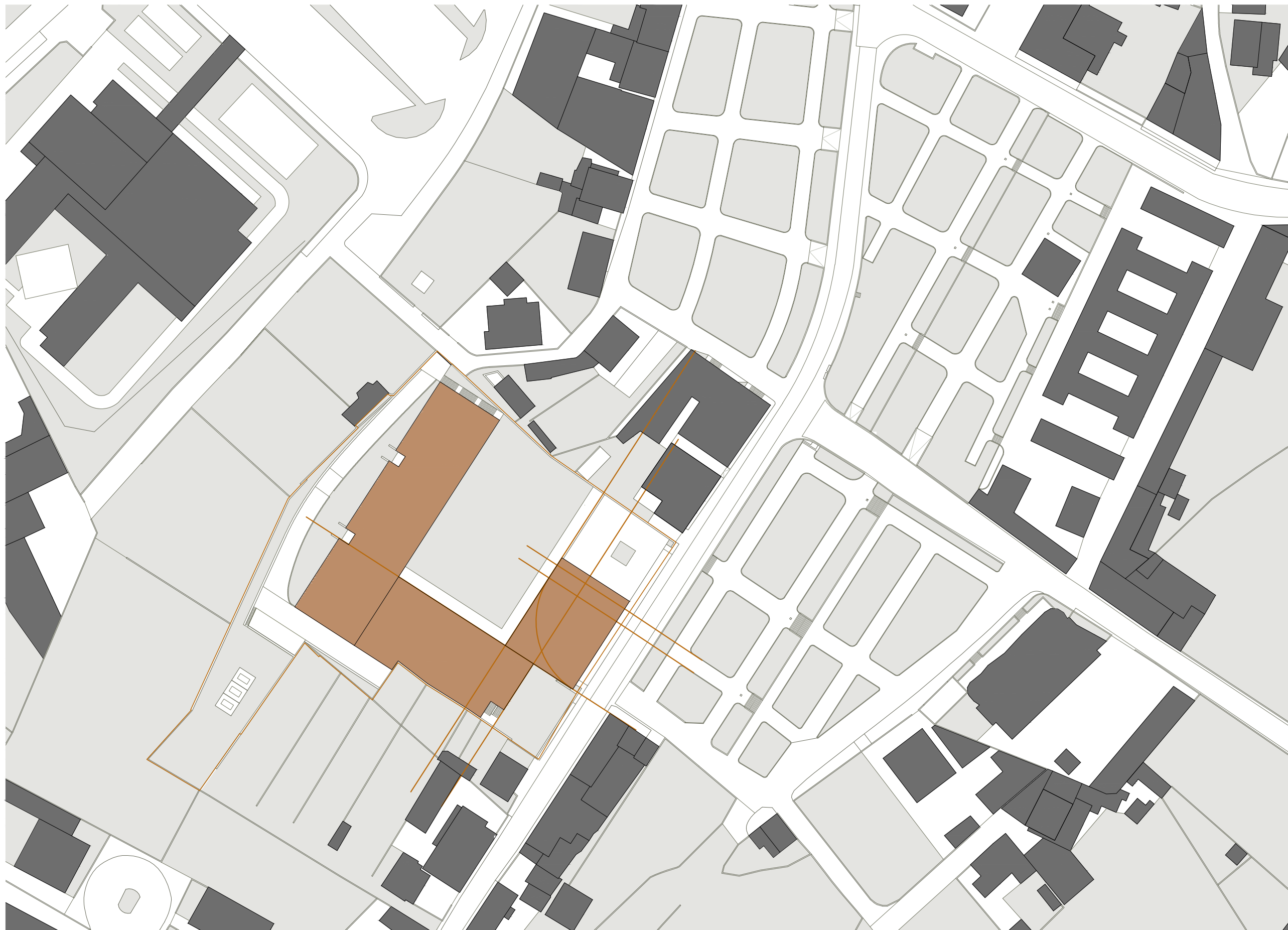
Geralmente, as formas são captadas de modo espontâneo, contudo, é essencial também aprofundar o estudo sobre o espaço que as ligam e separam, pois *não há formas isoladas*⁴⁴, o espaço é também forma, ou negativo das formas. A Arquitetura vive da relação entre os dois, sendo que a forma constitui o espaço e vice-versa. *A leitura e a realização das representações gráficas de um projeto têm de atender igualmente à forma da massa que contém um volume de espaço e à forma do próprio volume espacial.*⁴⁵

⁴⁴ TÁVORA, Fernando; *Da Organização do Espaço*; Porto: FAUP Publicações; 2008; p.12

⁴⁵ “La lectura y la realización de las representaciones gráficas de un proyecto han de atender por igual a la forma de la masa que contenga un volumen de espacio y a la forma del propio volumen espacial.” em CHING, Francis D. K.; *Arquitectura: forma, espacio y orden*; México: Gustavo Gili; 1998; p.95



i61. Planta esquemática da composição das formas e respetivo nível de intimidade



i62. Planta de implantação com diretrizes; Escala 1:1000



3.1.1. Forma

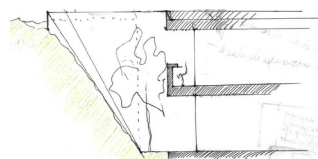
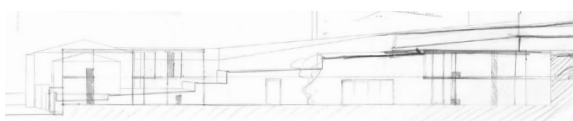
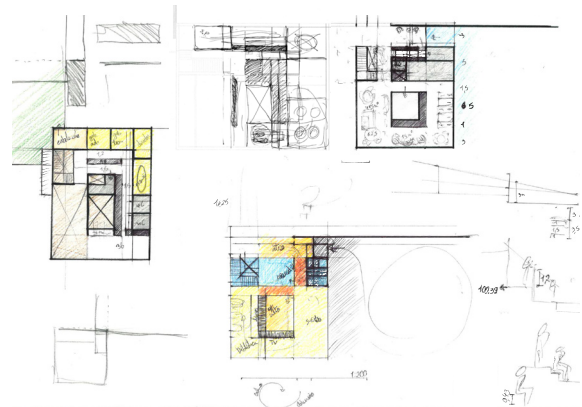
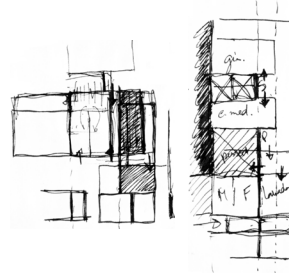
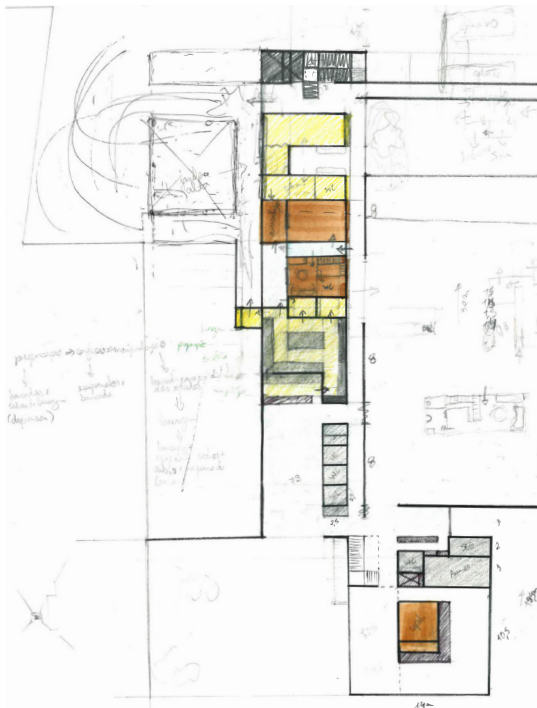
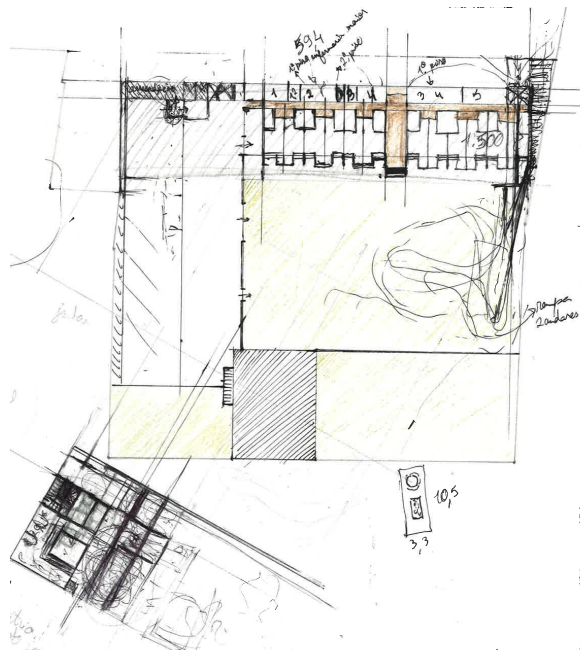
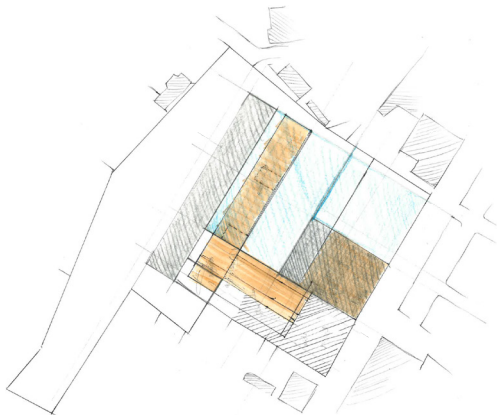
Assumem-se os alinhamentos do Largo do Cô com o objetivo de interligá-lo com a nova proposta. Com base no alinhamento das escadas regulares que ligam os socalcos, define-se o acesso ao lar, resultando numa ilusão de continuação do jardim para o interior do edifício. A partir desse alinhamento e do perímetro do largo, estabelece-se, então, o traçado das formas.

Depois de analisar as discordantes escalas e imagem arquitetónica nas diferentes cotas da propriedade, pretende-se graduar tal transição. Desenha-se um volume de 21.22m x 27.56m em planta e 8.75m em altura, contíguo à Rua de Felgueiras, cujas forma e dimensões se pretende integrar com as edificações pertencentes à mesma fachada que define a rua. Contudo, na cota mais alta, desenha-se outro volume, mais alongado (18.69m x 70.63m) e correlacionado com a escola. A forma do conjunto edificado relaciona-se com os acidentes topográficos da propriedade e, devido às restritas capacidades motoras dos idosos, opta-se por uma solução de dois pisos. O volume posterior irrompe o terreno e permanece enraizado, aberto unicamente em direção ao horizonte, sem transpor a cota mais alta. Resulta, assim, num terceiro piso livre exterior, que se conecta também, com a paisagem.

De modo a associar os dois volumes, surge outro mais baixo, de um piso, o qual permite que o volume posterior pouse sobre ele e usufrua da sua cobertura. Com esta disposição de volumes, pretende-se que haja uma gradação de espaço público para espaço privado, conforme o distanciamento da entrada, tal como acontece no Lar de Alcácer do Sal, analisado no capítulo anterior, que dispõe os espaços de domínio privado nos pisos superiores e os espaços de domínio público no piso da entrada. Deste modo, o volume mais próximo da rua mantém, naturalmente, uma maior relação com esta, conservando o seu carácter público e social no interior do edifício. No entanto, consoante uma maior distância da entrada, os espaços vão adotando um carácter mais íntimo. Assim, no volume posterior, situam-se os espaços que reclamam maior privacidade e isolamento. (...) *é a união em perspectiva de interior e exterior e a consequente ambiguidade que intensificam a percepção de acesso espacial e de intimidade.*⁴⁶ A proposta estimula a transição gradual através de referências espaciais associadas ao mundo exterior e ao mundo interior.

Relativamente à estrutura organizacional interior que compõe as formas, os espaços de estar, dedicados ao

⁴⁶ HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.86



i63. Desenhos de processo

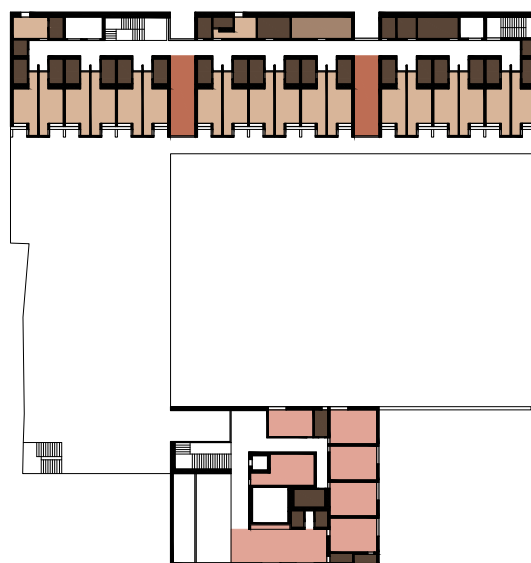
lazer e ao convívio dos moradores, localizam-se após a entrada, de modo a proporcionar um maior contacto com o exterior. Considera-se que este será o centro da vida social do edifício, o núcleo onde todos os idosos se encontram, onde estão com outras pessoas, veem-nas e ouvem-nas. As pessoas externas ao lar podem também usufruir, casualmente, da sala de convívio, o que é facilitado pela sua relação de proximidade com a entrada. Contudo, os espaços que se dedicam especialmente ao acolhimento de familiares ou colaboradores situam-se no segundo piso do volume frontal. Assim, é dispensável a circulação deste grupo de pessoas pelos outros espaços do lar, podendo esta ser feita diretamente do átrio para o piso superior. Os espaços para pessoas externas ocupam o piso superior por não serem usados regularmente - ou tão regularmente como as zonas de estar - facilitando a mobilidade dos idosos.

Pretende-se interligar as áreas, de modo a nunca serem interrompidas por circulações externas. Isto é, as circulações entre os espaços funcionais são realizadas de forma direta, sem necessidade de cruzamento de um outro espaço. Para tal, à semelhança do átrio de distribuição na obra de Eduardo Souto de Moura, apresentada anteriormente, é desenhado um corredor de distribuição que pode ser interpretado, também, como um espaço de apropriação. Funciona como uma *rua* onde circulações se cruzam, proporcionando encontros entre os usuários e, consequentemente, incentivando à sociabilidade. *Os encontros frequentes relacionados às atividades diárias aumentam as chances de estabelecer contactos com os vizinhos, (...)*⁴⁷ O corredor varia na sua largura, o que enriquece a espacialidade pretendida, criando zonas dilatadas que incentivam à sua apropriação. Na extensão mais estreita e fechada para o exterior, a circulação acelera. Por outro lado, na extensão mais larga, onde se situam entradas para compartimentos, a circulação pára ou abranda - espera-se por uma pessoa, conversa-se antes de entrar ou encontra-se alguém a sair. Assume a qualidade de espaço de apropriação: *Cada usuário será capaz então de reagir a ele à sua própria maneira, interpretando-o de modo pessoal para integrá-lo a seu ambiente familiar.*⁴⁸

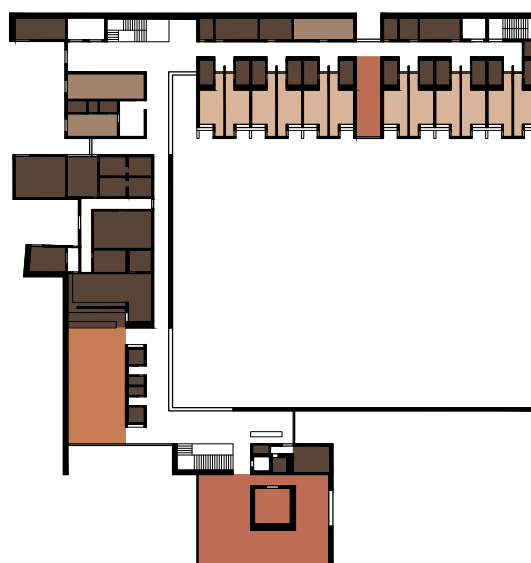
No volume central, correlacionada com o corredor e com a sala de convívio, surge a sala de refeições, acompanhada pelos respetivos espaços de apoio. Os espaços de apoio associam-se, por sua vez, a uma zona de serviços, resguardada de qualquer circulação que não seja reservada aos funcionários. Assim, os

⁴⁷ “Los encuentros frecuentes relacionados con las actividades cotidianas aumentan las ocasiones de establecer contactos con los vecinos, un hecho conocido en muchos estudios.” em GEHL, Jan; *La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios*; Barcelona: Editorial Reverté; 2006; p.27

⁴⁸ HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.151



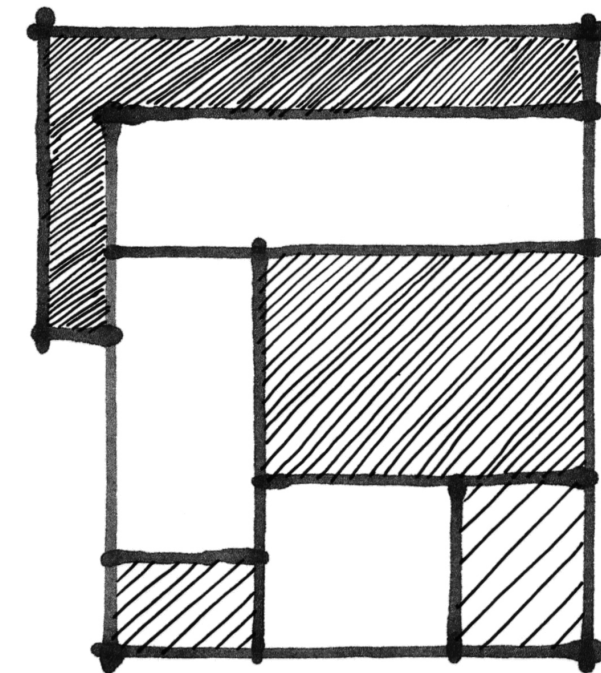
i64. Planta esquemática da organização programática e espacial;
Piso 1; Escala 1:1000



i65. Planta esquemática da organização programática e espacial;
Piso 0; Escala 1:1000

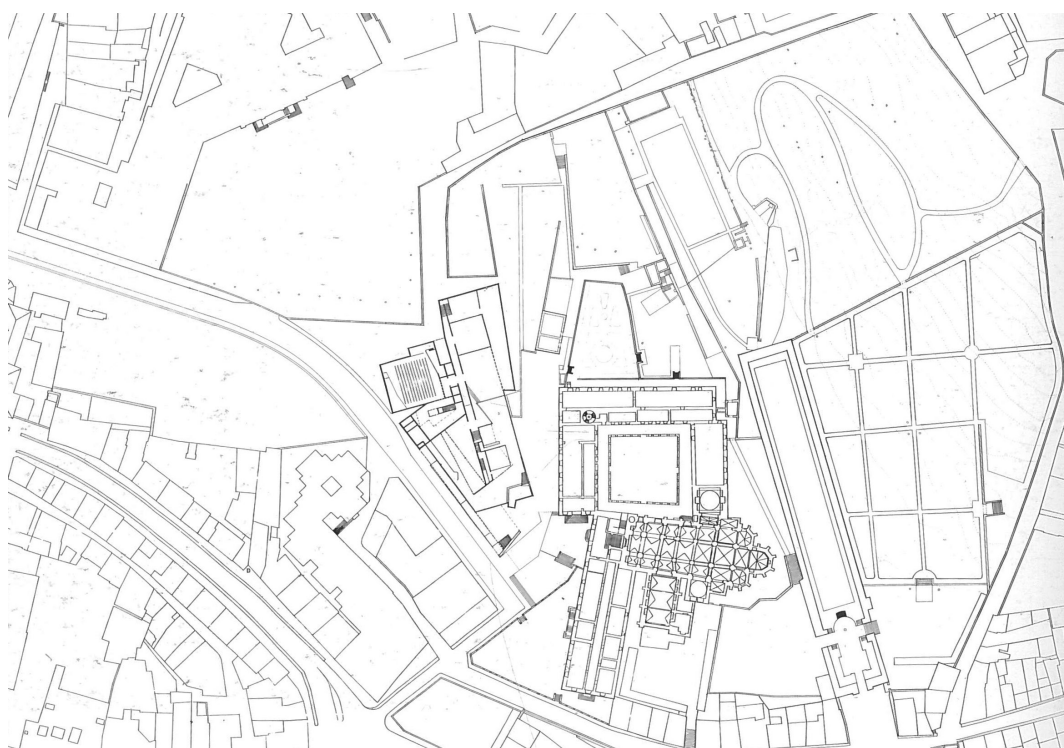
- Espaços de estar
- Acolhimento de pessoas externas ao lar
- Sala de refeições
- Cuidados de saúde
- Quartos
- Espaços de serviço e apoio complementares

espaços de serviço e de apoio ao pessoal situam-se numa zona estratégica central e invisível aos outros usuários do lar de idosos. Correlacionada também com o corredor, mas de carácter mais intimista e relativo especialmente aos moradores, encontra-se a área de saúde. O volume mais afastado da entrada compreende, como referido, os espaços de maior privacidade, isto é, a unidade de alojamento, complementada pelos respetivos espaços de apoio. *A construção da intimidade ocorrerá no confronto entre o interior e o exterior, entre o eu e o outro, entre o um e o mundo. O espaço é introduzido nesses impactos, nessas comoções, fricções ou afinidades.*⁴⁹

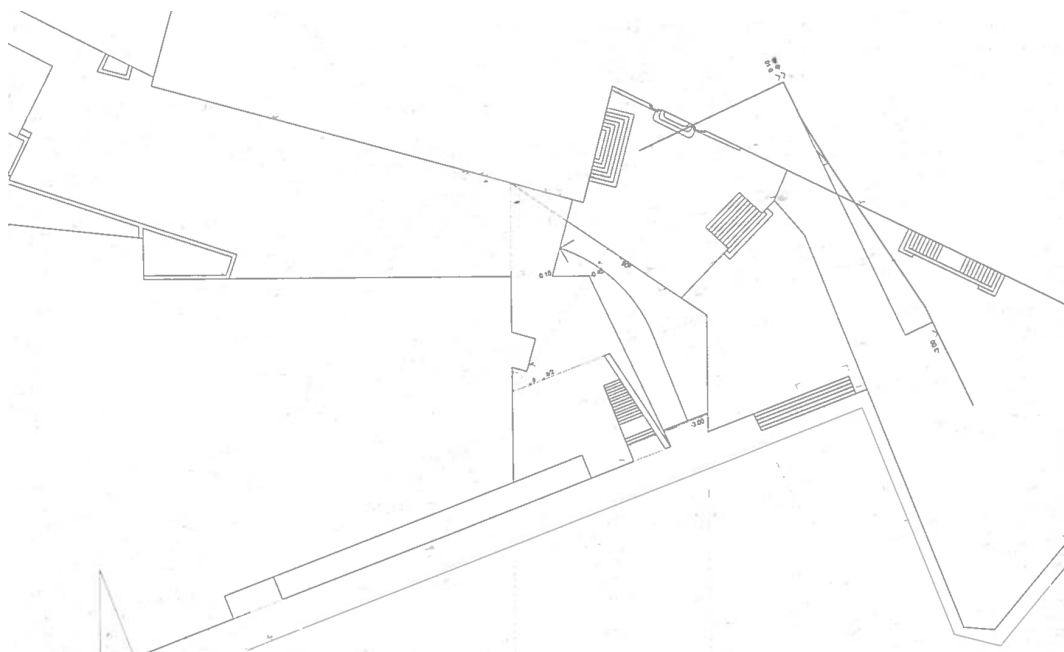


i66. Planta esquemática da composição dos espaços e respetivo nível de intimidade

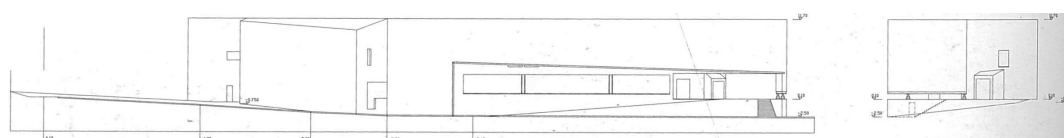
⁴⁹ ”La construcción de la intimidad se dará en la confrontación entre el dentro y el fuera, entre el yo y el otro, entre el uno y el mundo. El espacio se introduce en estos impactos, en estas conmociones, fricciones o afinidades.” em SILVA, Ana Sofia Pereira da; *La intimidad de la casa: el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*; Buenos Aires: Diseño; 2015; p.180



i67. Planta de implantação do Centro Galego de Arte Contemporânea



i68. Planta do espaço exterior de entrada do Centro Galego de Arte Contemporânea



i69. Alçados do Centro Galego de Arte Contemporânea



i70. Vista exterior do Centro Galego de Arte Contemporânea



i71. Rampa de acesso ao espaço exterior de entrada do Centro Galego de Arte Contemporânea



i72. Espaço exterior de entrada do Centro Galego de Arte Contemporânea

3.1.2. Espaço

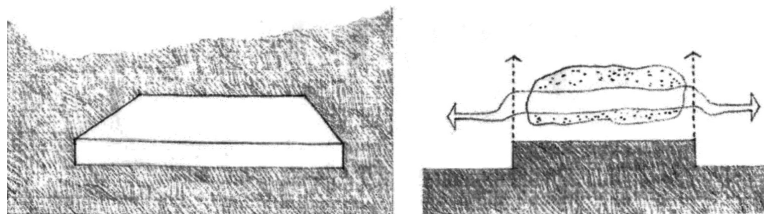
Distinguem-se quatro espaços que definem e que são simultaneamente definidos pelas formas referidas anteriormente. Cada espaço pretende compreender uma atmosfera e uma funcionalidade distintas e, seguindo o mesmo pensamento das formas, organizam-se gradualmente do público para o privado.

No exterior, é desenhado um passeio que serve o lar, dando continuidade aos passeios referentes às construções vizinhas. Visto que os passeios pré-existentes têm uma largura de apenas 0.92m, a composição volumétrica do lar de idosos é recuada, de modo a triplicar a mesma largura (2.76m), possibilitando, assim, uma maior permanência e uma acessibilidade facilitada.

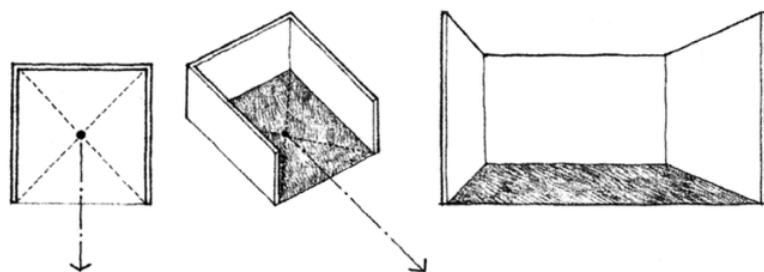
Antes da entrada para o lar, forma-se um espaço correlacionado diretamente com a Rua de Felgueiras. Com a finalidade de dar uma continuação ao largo e quebrar a barreira que a rua implica, o largo é repetido neste espaço. O mesmo traçado e os mesmos materiais que caracterizam o largo são transportados para este pátio exterior público, que atua como mediador entre espaço urbano e edifício. O plano horizontal é elevado, formando uma superfície vertical que, além de se assemelhar aos socacos já presentes nos jardins, reforça a separação visual entre espaço para uso do lar e via pública. Apesar de ser totalmente aberto e acessível por qualquer pessoa, a elevação sugere uma aproximação a um espaço privado, moderando, assim, a sua utilização.

Com referência no Centro Galego de Arte Contemporânea, de Álvaro Siza Vieira, esta sensação é reforçada pelo acesso ao espaço, que é feito sob o volume. Na obra de Álvaro Siza, situada em Santiago de Compostela e fundada em 1993, o objetivo era aproximar o convento, já existente, à estrada. *No novo museu, na entrada, dois volumes definem um pequeno espaço aberto que se relaciona com a praça elevada em frente à fachada do convento.*⁵⁰ O espaço de entrada é, então, demarcado e elevado em relação à rua e o seu acesso é feito através de uma rampa e de uma escada, como que escavadas no volume do edifício. Esse espaço identifica, também, a entrada para toda a área do convento, garantindo uma transparência entre os dois espaços exteriores. A proposta do pátio de entrada do lar de idosos é desenhada com o mesmo

⁵⁰ “Nel nuovo museo, in corrispondenza dell’ingresso, due volumi definiscono un piccolo spazio aperto che si pone in relazione con la piazza sovrelevata antistante la facciata del convento.” em FRAMPTON, Kenneth; *Álvaro Siza: tutte le opere*; Milão: Electa; 2005; p.338



i73. Espaço com plano base elevado



i74. Espaço com planos verticais dispostos em U

propósito de demarcar a entrada e seduzir quem circula na via pública.

Como se trata de um espaço do lar, apesar de parecer pertencer ao largo, a socialização é implícita. Ademais, o incentivo à sociabilidade é reforçado pelos muros e edifício que ladeiam o espaço, deixando-o aberto só num dos seus lados. *A disposição em U dos planos verticais define um campo espacial que tem um foco interior e uma orientação para o exterior. A zona traseira do campo é perfeitamente fechada e definida. Conforme nos aproximamos da extremidade aberta desta forma, o campo é progressivamente mais extrovertido.*⁵¹ Assim, os idosos são convidados a saírem do lar e relacionarem-se com a paisagem e com a comunidade.

Uma vez no interior, mas mantendo o diálogo com a rua, surge um espaço que liga a zona de estar com a zona de refeições. O espaço promove uma atmosfera social e um centro que reúne todas as áreas comuns do lar. Quer a sala de convívio, quer a sala de refeições têm a possibilidade de se estenderem para o exterior e de se associarem num único espaço. A relação com o espaço urbano é assegurada pela continuidade visual para a sua envolvente, não havendo, no entanto, um contacto físico com a mesma. O pátio é elevado e demarcado por um muro, formando uma barreira entre os dois mundos. *O fator essencial que dá a um plano a capacidade de descrever visualmente um espaço é sua própria altura e nossa altura de visão.*⁵² Portanto, os usuários do lar experienciam o alcance da paisagem, mas às pessoas que circulam na via pública não é possível qualquer contacto físico ou visual com o espaço pertencente ao lar.

Paralelamente ao corredor que distribui os compartimentos interiores, estende-se um espaço exterior privado. Este pátio é limitado por muros e formas em todo o seu perímetro, conferindo-lhe uma atmosfera íntima e segura. Assemelha-se às características do pátio social no Lar Casa de Magalhães, analisado no capítulo 2.3. *Programa*, que, além de criar um espaço íntimo propício ao contacto social, conecta visualmente a zona de alojamento com a sala de estar. Uma vez que serve os quartos, o espaço encerrado dará continuidade à acomodação individual, disponibilizando uma área de retiro e contemplação. O

⁵¹ “La disposición en U de planos verticales define un campo espacial que posee un foco interior y una orientación hacia el exterior. La zona posterior del campo está perfectamente encerrada y definida. Conforme nos acercamos al extremo abierto de esta forma, el campo es progresivamente más extrovertido.” em CHING, Francis D. K.; *Arquitectura: forma, espacio y orden*; México: Gustavo Gili; 1998; p.146

⁵² “El factor esencial que da a un plano la capacidad de describir visualmente un espacio es su propia altura y nuestra altura de visión.” *ibidem*; p.131



i75. *Jardín del Paraíso*;
Maestro del Jardín del Paraíso, 1410

indivíduo tem, naturalmente, a necessidade de se isolar e de criar um novo mundo que lhe pertence, onde medita sobre o mundo exterior e recupera a sua individualidade. *Embora nem sempre o habitar do jardim privado signifique um habitar individual, significa fundamentalmente uma sociabilidade íntima. (...) O jardim privado e murado, com sua composição ordenada, permitia o habitar de um espaço pacífico e regulado, dedicado à meditação; contrastava em sua forma e contrabalançava seu uso, com o caos e a desordem exterior.*⁵³ O afastamento em relação ao outro, o conforto e a tranquilidade são sensações que também podem estar presentes no espaço coletivo. Tanto o espaço coletivo como o espaço individual podem apresentar variações de nível de intimidade. O espaço íntimo dá lugar à individualidade mas também pode ocorrer em sociedade quando se mantém um contacto íntimo com o outro.

Por fim, forma-se um espaço resguardado pelo volume do edifício e evidente no seu domínio privado. O acesso é restrito e o uso destina-se unicamente a serviços. O espaço serve então o edifício e correlaciona as cotas dos dois pisos. Trata-se de um espaço irregular que mantém contacto com a entrada secundária, a Viela do Cô. É responsável pela assistência à zona de serviços, pelo que a circulação prevista será feita apenas pelos funcionários e, eventualmente, por outros usuários, em caso de emergência.

Deste modo, os espaços organizam-se e caracterizam-se de forma a criar uma composição abrangente de todas as formas, a qual desvanece gradualmente do ambiente urbano e exposto para o ambiente privativo e oculto.

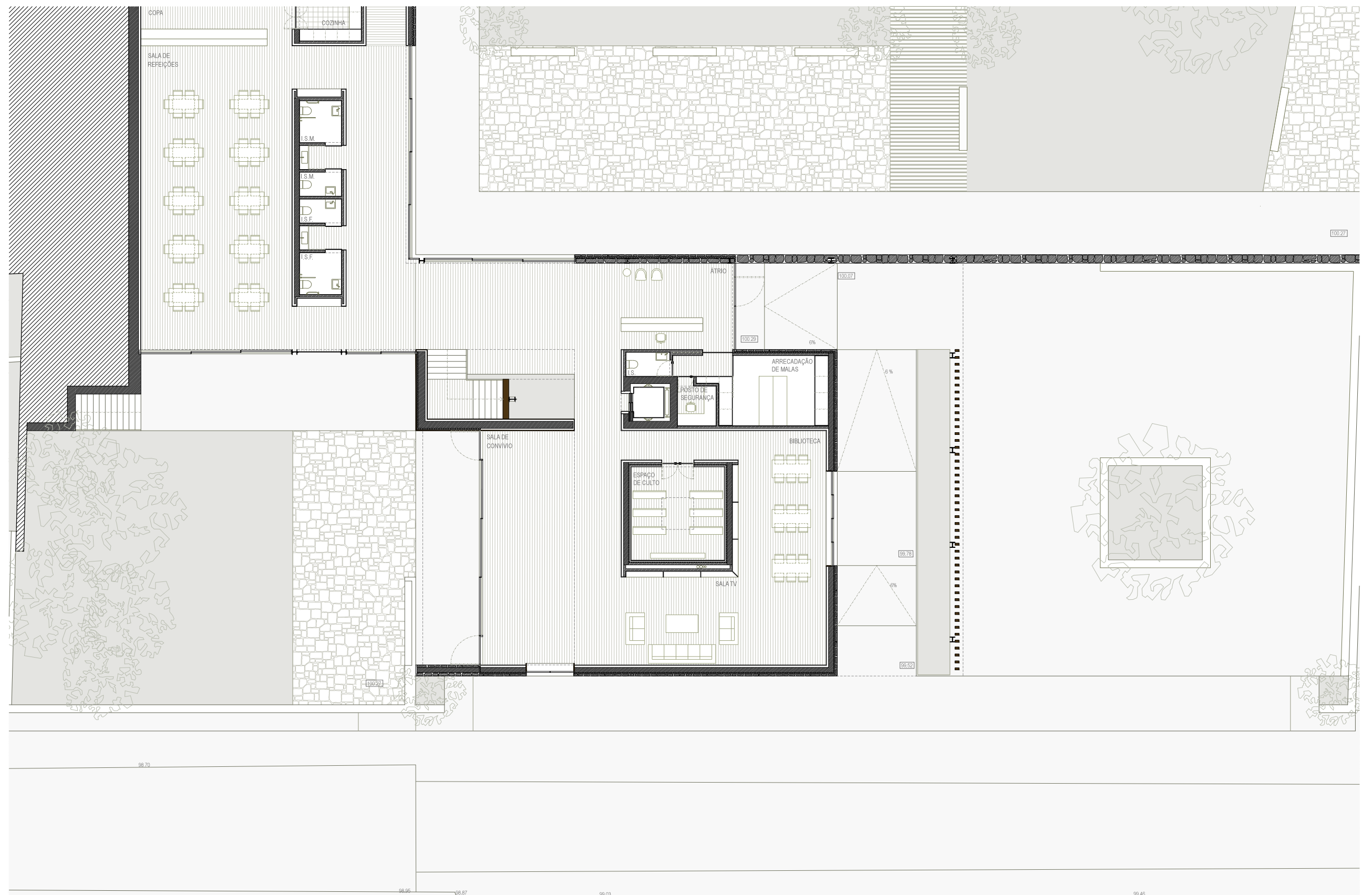
⁵³ “Aunque no siempre el habitar del jardín privado signifique un habitar individual, significa fundamentalmente una sociabilidad íntima. (...) El jardín privado y murado, con su composición ordenada, permitía el habitar de un espacio pacífico y reglado, dedicado a la meditación; contrastaba en su forma, y contrabalanceaba en su uso, con el caos y el desorden exterior.” em SILVA, Ana Sofia Pereira da; *La intimidad de la casa: el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*; Buenos Aires: Diseño; 2015; p.22

	Calidad del entorno físico	
	Baja	Alta
Actividades necesarias	●	●
Actividades opcionales	●	●
Actividades 'resultantes' (sociales)	●	●

i76. Influência do espaço nas atividades



i77. Atividade social resultante de uma atividade opcional



i78. Planta piso 0; Espaços de estar; Escala 1:200

3.2. Áreas funcionais

3.2.1. Espaços de estar

O pátio de entrada visa transmitir as sensações de conforto e segurança aos usuários do lar, de forma a sentirem-no como seu e não de domínio público. A sensação de segurança é fundamental sobretudo para aqueles que têm receios relativamente a estar no exterior, fora de sua casa. O espaço acolhe os idosos e as suas inseguranças, proporcionando-lhes contactos sociais com outras pessoas, mas no seu meio familiar. Os medos de saírem para o exterior e se perderem, necessitarem de apoio e não o terem disponível ou se sentirem sós são, deste modo, controlados e amenizados. O mesmo acontece em relação aos não usuários do lar de idosos, pelo que o facto de manterem contacto com um usuário não implica entrar no edifício. Uma pessoa externa ao lar que queira desenvolver qualquer atividade em conjunto com uma pessoa interna - como, por exemplo, conversar, jogar, comer - pode fazê-lo no espaço do pátio de entrada, sem sentir desconforto ou a ideia de invadir a privacidade de alguém. Desta forma, também poderiam ser organizadas atividades para a comunidade, motivando a integração dos idosos com esta.

As atividades sociais resultam das atividades necessárias e opcionais que reúnem as pessoas. *As atividades sociais ocorrem espontaneamente, como consequência direta de que as pessoas vagueiam e estão nos mesmos espaços. Isto implica que as atividades sociais sejam indiretamente reforçadas quando as atividades necessárias e opcionais lhes proporcionam melhores condições nos espaços públicos.*⁵⁴ As atividades necessárias são dificilmente controladas, contudo, relativamente às atividades opcionais, o desenho do espaço apresenta bastante influência sobre elas. Por exemplo, o desenho de um assento no espaço público, pode melhorar excecionalmente a qualidade do espaço. *A existência de boas oportunidades para se sentar prepara o terreno para muitas atividades que são as principais atrações dos espaços públicos: comer, ler, dormir, tricotar, jogar xadrez, apanhar sol, ver as pessoas, conversar, etc.*⁵⁵ Assim, o espaço torna-se mais atrativo e a atividade opcional de se sentar não criará, apenas, possibilidades de descanso, mas também, condições favoráveis para numerosas atividades sociais. *Um lugar para sentar*

⁵⁴ “Las actividades sociales se producen de manera espontánea, como consecuencia directa de que la gente deambula y está en los mismos espacios. Esto implica que las actividades sociales se refuerzan indirectamente cuando a las actividades necesarias y opcionales se les proporcionan mejores condiciones en los espacios públicos.” em GEHL, Jan; *La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios*; Barcelona: Editorial Reverté; 2006; p.20

⁵⁵ “La existencia de buenas oportunidades para sentarse prepara el terreno a numerosas actividades que son las atracciones principales de los espacios públicos: comer, leer, dormir, hacer punto, jugar al ajedrez, tomar el sol, mirar a la gente, charlar, etcétera” *ibidem*; p.169



i79. Lugar privilegiado de ocupação



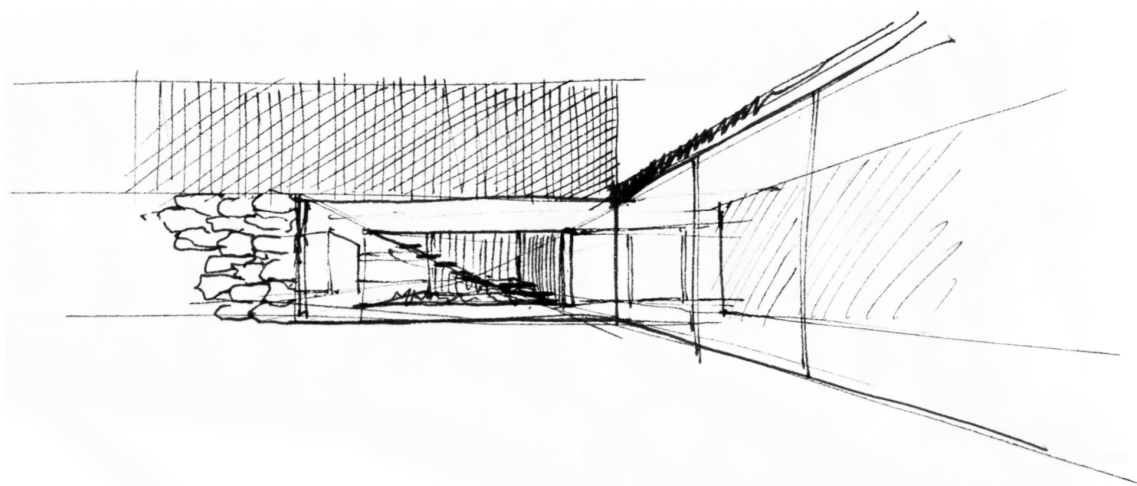
i80. Calçada Levantada, Buenos Aires

*oferece uma oportunidade de apropriação temporária, ao mesmo tempo em que cria as circunstâncias para o contato com outros.*⁵⁶ No largo do Cô reconhece-se o déficit de lugares para sentar, apresentando unicamente dois bancos no perímetro da rua principal. Tal desprovemento é um aspeto negativo do largo e, certamente, restringe o uso do espaço público. Deste modo propõe-se um aumento de oportunidades para se sentar no decorrer de toda a área do Largo do Cô. Quando se observam as escolhas das pessoas relativamente ao lugar onde se sentam, geralmente é escolhido um lugar que ofereça uma perspetiva ampla sobre as atividades que vão acontecendo no espaço. Assim, as extremidades do espaço são, por norma, as posições com mais ocupação. Prefere-se, também, pelo facto de as costas estarem protegidas. O mesmo acontece quando se está de pé, são preferidas as posições com características que facilitem o apoio. Portanto, todos os espaços exteriores do lar são providos de bancos e com possibilidade de encosto. No pátio de entrada, a elevação que define o espaço, explicitada no capítulo anterior, tem a particularidade de compreender uma altura entre 30cm e 55cm, possibilitando um lugar para se sentar. Concebe, deste modo, uma *plateia* para os jardins, um posto de observação de todas as atividades pertencentes ao largo, que tanto pode ser ocupado por usuários do lar, como por pessoas que circulam no espaço urbano.

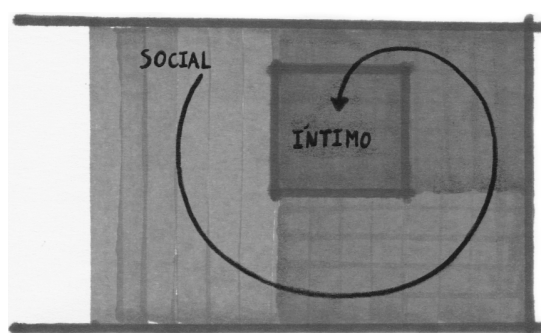
O passeio desenvolve-se de forma a tornar a superfície o mais plana possível, sem que a sua altura em relação à via dificulte a sua subida. Assim, a altura varia entre 2cm e 17cm, sendo que a altura mais baixa é verificada nas extremidades do passeio, onde são propostas duas passagens de peões. Junto ao passeio, o pavimento atual da via já faz uma demarcação na borda, possibilitando a paragem de viaturas. O acesso que liga o passeio e o pátio é feito por uma rampa, que satisfaz a acessibilidade das pessoas em cadeiras de rodas, sendo também a resposta de acesso vertical geralmente elegida pelos pedestres. Acompanhando a rampa, surgem uma pequena área ajardinada e uma divisória formada por perfis de madeira. Os perfis criam um filtro em relação pátio, ambíguo no sentido que o seu encobrimento enfatiza a sensação de que se está a entrar em domínio privado, mas a sua abertura ripada autoriza o acesso a pessoas externas. Este acesso coberto também tem como finalidade a criação de uma transição progressiva do exterior para o interior. Sente-se uma continuidade entre espaços, (...) *em que a luz muda até se perder na intimidade do interior*⁵⁷, evitando a passagem brusca da complexidade do exterior para a conformação do interior. Devido à sua materialidade translúcida, a porta do edifício, em vidro, também participa nesta transição contínua dos espaços interiores e exteriores.

⁵⁶ HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.177

⁵⁷ VIEIRA, Álvaro Siza; *Imaginar a evidência*; Lisboa: Edições 70; 1998; p.45



i81. Desenho de processo;
Vista do vão envidraçado que enquadra as escadas



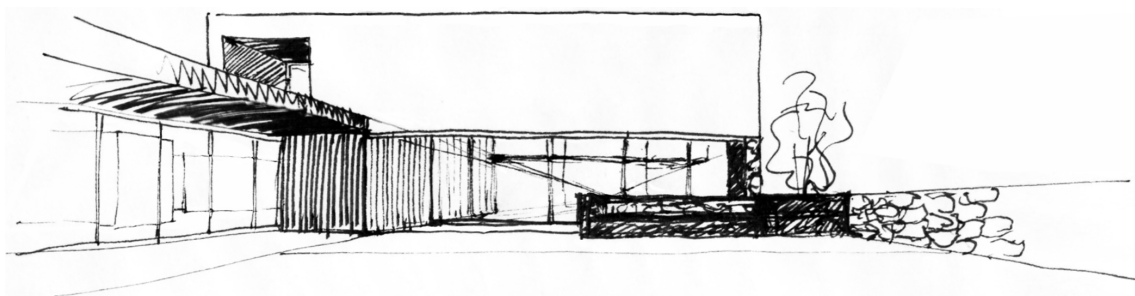
i82. Planta esquemática do nível de intimidade dos espaços de estar

A porta é a barreira física efetiva do edifício, o elemento de controlo de acessos. Depois da porta, localiza-se o átrio, onde existe um balcão de receção, ao qual estão associados espaços de apoio: uma instalação sanitária, o posto de segurança e uma arrecadação de malas. A distribuição para estes compartimentos é feita por uma câmara, servida de um armário, onde se localiza o quadro geral de energia elétrica. Depois do átrio, as escadas funcionam como uma *rótula* do edifício que distribui os acessos. As escadas são enquadradas por um vão envidraçado, que comunica com o pátio murado, de acesso aos quartos, mantendo, assim, um contacto visual com os espaços mais privados. Debaixo das escadas, é desenhado um canteiro, de modo a evitar a passagem e eventuais perigos.

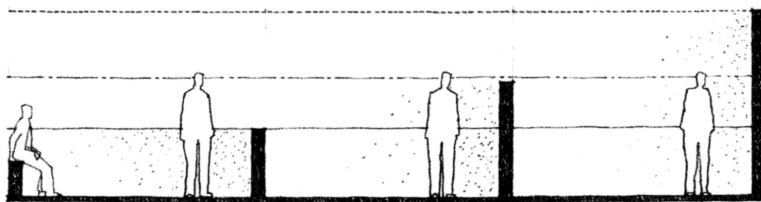
Ainda no piso inferior do volume frontal, depois do átrio, organiza-se uma composição de espaços de estar, que incluem a sala de convívio, a sala TV, a biblioteca e o espaço de culto. Considera-se que todos estes espaços são espaços de estar coletivos, contudo, apresentam variações ao nível da intimidade e sociabilidade. *A intimidade diz respeito ao campo das emoções, o território mais inexpressável, que pode até fugir da linguagem, a experiência que não precisa de ser obrigatoriamente explicada através da razão. O íntimo é o próximo ou familiar; o contacto íntimo com o outro poderá estar associado à vida em comunidade e não estar em momento algum associado ao isolamento.*⁵⁸ Então, entende-se que existe uma transição de níveis de intimidade exatamente pela mesma ordem espacial transcrita, em que a sala de convívio representa o espaço menos íntimo e mais social e o espaço de culto representa o espaço mais íntimo e menos social. Assim, a organização adota um conceito em espiral que reproduz tal transição. Para uma melhor conexão entre espaços e ambientes, não são marcados limites parietais à exceção do espaço de culto, que visa o isolamento e um ambiente centrípeto. Deste modo, só é perceptível uma forma no espaço, que funciona como *rotunda* para todas as atmosferas, e é a distância entre esta forma e o limite do espaço que vai definir os ambientes. À medida que o espaço estreita, a circulação é mais escassa e o ambiente é mais calmo, mais íntimo.

A sala de convívio será o centro de convivência no interior do edifício, dispondo por isso de uma maior área (83.61m²), de um pé-direito duplo e de grandes aberturas para o exterior, concebendo-lhe assim uma

⁵⁸ “La intimidad concierne al ámbito de las emociones, al territorio más inexpressable, al que incluso puede huir del lenguaje, a la experiencia que no tiene que ser obligatoriamente explicada a través de la razón. Lo íntimo es lo cercano o familiar, el contacto íntimo con el otro podrá estar asociado a la vida en comunidad y no estar en momento alguno asociado al aislamiento.” em SILVA, Ana Sofia Pereira da; *La intimidad de la casa: el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*; Buenos Aires: Diseño; 2015; p.318



i83. Desenho de processo;
Vista do pátio adjacente à sala de convívio e à sala de refeições

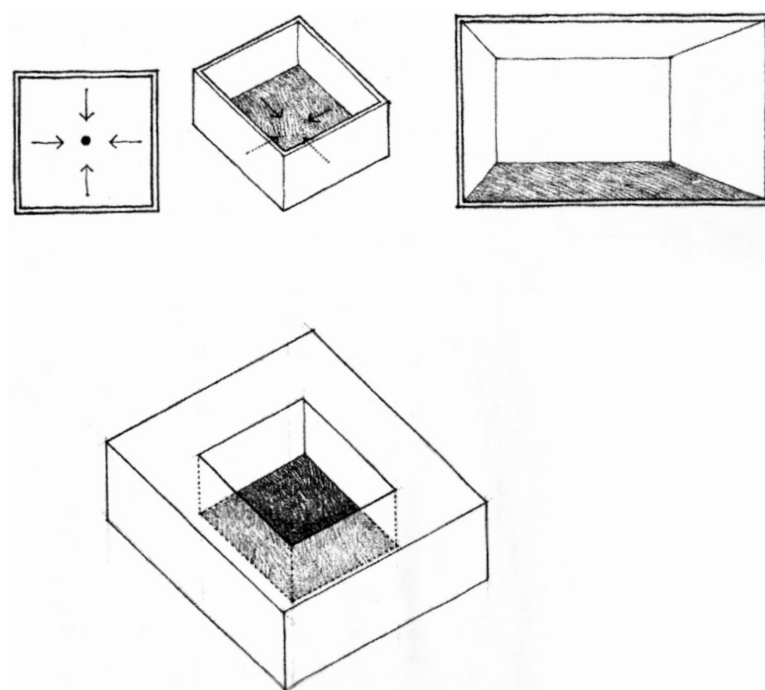


i84. Relação do plano vertical com o corpo

escala maior, pertinente a um espaço coletivo que incentiva à sociabilidade. Sente-se uma forte correlação entre a rua e a sala, as quais diferem unicamente 1m entre cota de soleira e cota altimétrica geral do exterior. O contacto estabelecido com o espaço urbano faz-se, então, através de uma janela com parapeito baixo, à altura de um assento. Deste modo, a janela esculpe um lugar para se sentar, um lugar de apropriação associado à paisagem. Na sala de convívio, abre-se outro vão para o exterior, mas, desta vez, relacionado com o pátio comum à sala de refeições. Toda a superfície é envidraçada, debilitando o seu limite espacial e transparecendo uma ilusão de continuação do espaço para o exterior. Tal continuidade é efetivada numa área coberta, pertencente ao pátio. A cobertura é acompanhada por uma viga com a altura de um pé-direito, que, além de desempenhar a sua função estrutural, comporta-se como um elemento de proteção solar, pois regula a incidência de radiações solares e evita o sobreaquecimento. O espaço coletivo vai-se, então, dissimulando pelo jardim e encontra o horizonte. O referido espaço exterior, possibilita um contacto com a urbanização, sem a necessidade de se sair do lar. O muro que serve de guarda no jardim, representa uma barreira ao nível da rua, transmitindo segurança a quem contempla a paisagem de cima. Este espaço apresenta-se bastante favorável aos idosos que são interditos ao espaço urbano ou aos que não se sentem confortáveis fora do lar.

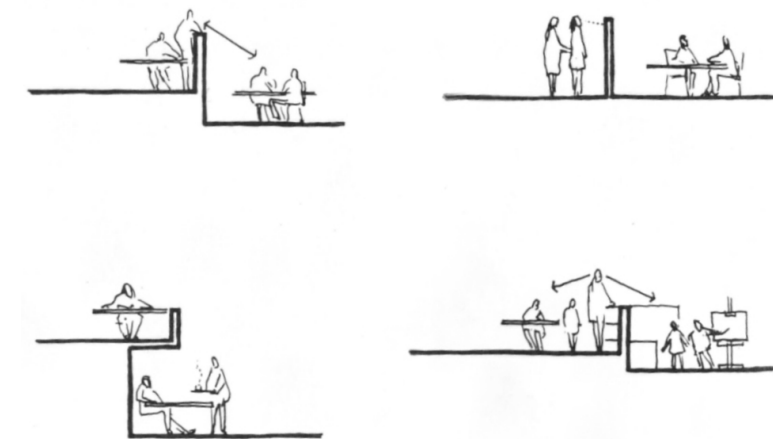
A sala TV assume uma posição adjacente à sala de convívio, pois procura convivência, mas pretende proporcionar uma atmosfera mais calma, de modo a ser possível concentrar-se sobre a atividade realizada. A sala resguarda-se da luz solar direta, com a finalidade de proporcionar boas condições para se ver televisão. Seguidamente, a tranquilidade sentida neste espaço é expandida para a área da biblioteca. A biblioteca recolhe-se em relação às outras áreas, criando um espaço íntimo destinado a leitura e uso de computadores. Para assegurar uma iluminação propícia à atividade prevista, é desenhada uma janela que, ao direcionar-se para o acesso do pátio de entrada, evita as eventuais distrações da via pública e confere uma luz natural filtrada e homogénea.

Por sua vez, o espaço de culto é encerrado por quatro planos verticais, o que lhe confere uma espacialidade introvertida. *Igrejas assim como mesquitas, embora menos inequívocas, são quase exclusivamente organizadas em torno de um ponto central onde a mensagem é proclamada, e com os olhos e ouvidos da congregação voltados para ela. Toda a atenção é dirigida primeiramente a um ponto, que portanto representa o centro do espaço. Há menos preocupação um pelo outro, principalmente porque aqueles*



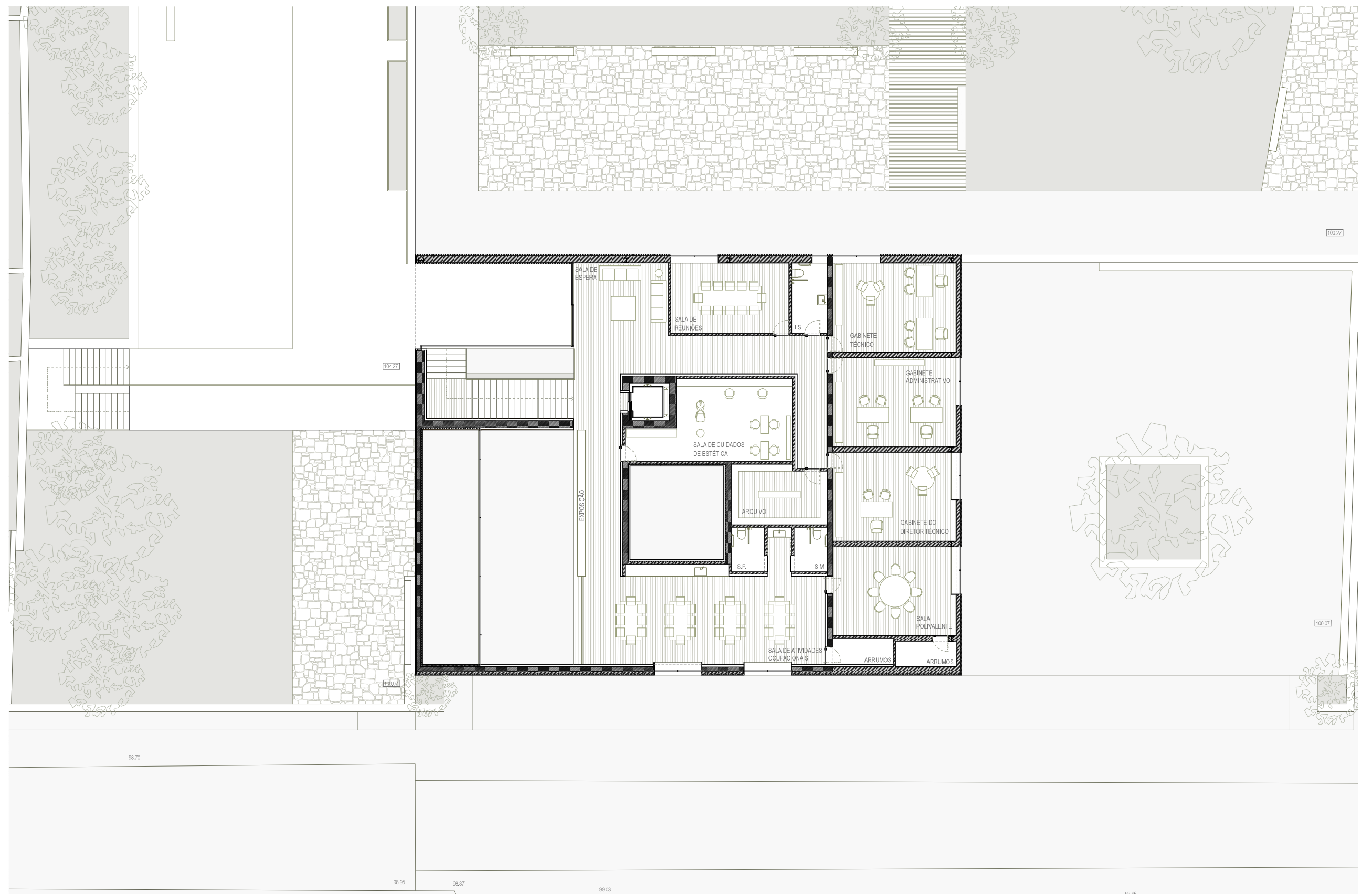
i85. Espaço encerrado por quatro planos verticais

*lá reunidos apenas veem as costas um do outro.*⁵⁹ O espaço destina-se à intimidade e à reflexão. Deste modo, o isolamento permite a abstenção de qualquer distração vinda do exterior e a completa concentração na atividade. Ademais, o espaço dispõe de um pé-direito duplo, que se abre para o céu através de uma claraboia, procurando relacionar-se com o *divino*. A iluminação zenital criada possibilita também uma uniformidade na distribuição da luz natural, impossibilitando, assim, qualquer interação abrupta no interior do espaço.

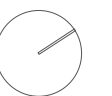


i86. Relação entre espaços com diferenças de nível

⁵⁹ “Churches as well as mosques, although less unambiguous, are almost exclusively organized about a central point where the message is proclaimed, and with the eyes and the ears of the congregation turned to it. All attention is directed primarily at one point, which therefore figures as the centre of the space. There is less concern for one another mainly because those gathered there only see each other’s backs.” em HERTZBERGER, Herman; *Articulations*; Munique: Prestel; 2002; p.38



i87. Planta piso 1; Acolhimento de pessoas externas ao lar; Escala 1:200



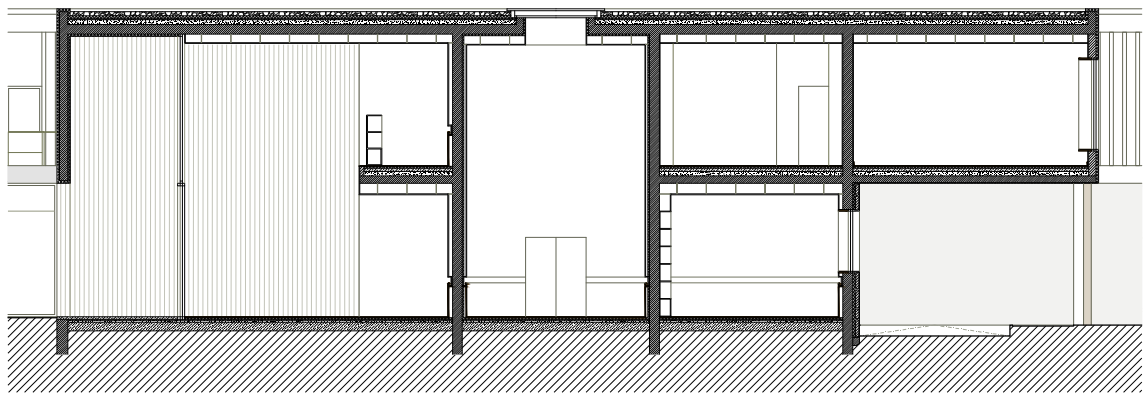
3.2.2. Acolhimento de pessoas externas ao lar

No segundo piso da edificação adjacente ao Largo do Cô, após o acesso vertical, é estabelecida uma distribuição para quatro zonas de diferentes funcionalidades: correlação com o exterior, área administrativa, sala de cuidados de estética e área de atividades ocupacionais. O contacto com o exterior é realizado através de uma cavidade no volume que gera um espaço exterior coberto, conduzindo a luz natural para a zona das escadas. Diante do referido espaço exterior, que associa o volume com o pátio superior, situa-se uma sala de espera, complementar quer à área administrativa, quer à sala de cuidados de estética.

A área administrativa volta-se para o espaço exterior de entrada e para o pátio central do lar, ocupando uma posição de vigilância, dirigida ao interior e aos assuntos internos do lar de idosos. A distribuição para os diversos compartimentos é desempenhada por um corredor que, à medida que se desenvolve, quebra e estreita, demonstrando uma vontade de ocultar gradualmente e, de certa forma, restringir o acesso às áreas que vai dispondo. A área administrativa é composta, respetivamente do espaço mais exposto para o mais oculto, por uma sala de reuniões, uma instalação sanitária acessível, gabinetes técnico e administrativo, gabinete do diretor técnico e um arquivo.

Por sua vez, a área de atividades ocupacionais converge para a rua e para a sala de convívio, de modo a promover atividades sociais. Para afirmação de tal propósito, a sala de atividades ocupacionais e a respetiva circulação de acesso debruçam-se sobre a sala de convívio, através de um mezanino e, consequentemente, confrontam o vão envidraçado relativo ao espaço exterior de correlação entre a sala de convívio e a sala de refeições. Assim, o espaço social é estendido verticalmente. Deste modo, os idosos podem manter um contacto visual com quem se encontra no piso inferior ou, então, afastarem-se do limite entre as duas áreas e partilharem, mesmo assim, do mesmo ambiente. Segundo Herman Hertzberger: *Devemos procurar sempre o equilíbrio entre visão e reclusão, ou seja, buscar uma organização espacial que torne qualquer um, em qualquer situação, capaz de escolher sua posição em relação aos outros. (...) Mesmo assim, a abertura dos diversos lugares é tão fundamental quanto sua separação: na verdade, os dois são complementares, de modo que fechamento e abertura só existem graças um ao outro; eles se relacionam dialeticamente, por assim dizer. (...) Ao introduzir diferenças de nível, aumentamos a gama de possibilidades, mas, com níveis diferentes, devemos levar em conta que as pessoas que estão no alto olham para as que estão embaixo;*⁶⁰

⁶⁰ HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.202

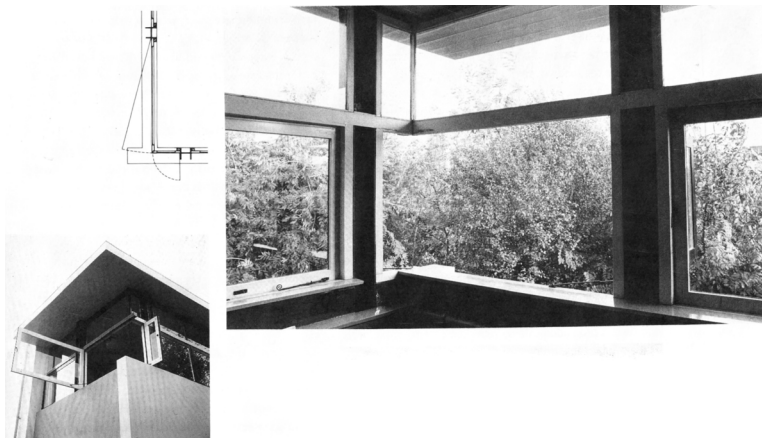


i88. Corte longitudinal; Volume frontal; Escala 1:200

Portanto, com a finalidade de evitar uma completa exposição dos que se situam na sala de convívio, o mezanino sobrepõe parte da sala, assegurando a possibilidade dos usuários se resguardarem dos olhares dos que estão no piso de cima.

Na sala de atividades ocupacionais, é prevista a realização frequente de trabalhos manuais, pelo que acha-se pertinente a existência de um espaço de exposição desses trabalhos. Este espaço poderá ser usado como incentivo à participação dos idosos nas atividades e um fator benéfico à sua valorização pessoal. Para tal, é desenhado um armário na circulação de acesso à sala, que, além de estabelecer um espaço de exposição para trabalhos efetuados pelos idosos, funciona como uma guarda de proteção que, devido à sua largura, garante uma maior segurança, evitando o risco de queda. O armário de exposição pretende, inclusive, evitar a total revelação da sala de convívio.

A sala de atividades ocupacionais dispõe de uma bancada com lavatório, duas instalações sanitárias acessíveis e acesso a uma sala polivalente. A sala polivalente, além da funcionalidade indefinida que o próprio nome do espaço indica, disponibiliza um espaço para a realização de atividades ocupacionais, para as quais seja necessário um ambiente mais isolado. As duas salas são também acompanhadas por dois espaços para arrumos e, tal como a sala de reuniões e o gabinete do diretor técnico, relacionam-se com o exterior através de janelas com o parapeito baixo, idênticas à janela da sala de convívio.



i89. Canto envidraçado na sala de estar da Casa Rietveld Schröder

3.2.3. Serviços

O corredor de distribuição desenvolve-se a partir de um espaço de apropriação que o correlaciona com os espaços de uso coletivo, a escada e os dois pátios internos. Os vão envidraçados que o delimitam na sua origem abrem o campo de visão, expandindo o espaço e diluindo as áreas exteriores e as áreas interiores. *Embora este modelo de aberturas possa influenciar na forma espacial, é inquestionável que aumentam a continuidade visual e a conexão com outros espaços contíguos.*⁶¹ A confrontação de planos verticais transparentes, permite um cruzamento visual entre espaços e vincula um diálogo harmonioso entre o pátio relativo à Rua de Felgueiras e o pátio central do lar. A esquina, que é desenhada pela articulação do átrio com o corredor, é envidraçada e desimpedida de elementos estruturais. Portanto, como esclarece Herman Hertzberger - aquando da análise do canto envidraçado na sala de estar da Casa Rietveld Schröder⁶² -, *Como o canto não é obstruído por nenhum suporte, o espaço modelado pelas paredes em ângulos retos pode expandir-se para fora, criando assim uma experiência espacial única, a sensação de estar ao mesmo tempo fora e dentro - é difícil imaginar maior relativização de interior e exterior. (...) Graças ao canto aberto na Casa Schröder de Rietveld, não nos separamos do mundo exterior quando estamos dentro; estamos bem no meio dele.*⁶³ Do mesmo modo, a articulação referida entre os dois espaços do lar de idosos, prolonga-se além dos seus limites físicos e possibilita uma orientação diagonal.

As áreas transversais ao corredor de distribuição dispõem os serviços básicos de acompanhamento aos idosos, complementares à área de alojamento, isto é, alimentação, tratamento de roupa e cuidados de saúde. A sala de refeições, com capacidade para 60 pessoas, é dividida das outras áreas através de uma composição volumétrica que organiza quatro instalações sanitárias, separadas por géneros, sendo que duas são acessíveis a pessoas de mobilidade reduzida. As instalações sanitárias dividem a sala de refeições dos espaços de estar, contudo, servem as duas áreas. Nas suas extremidades, a composição volumétrica forma dois pequenos espaços de acesso à sala de refeições e proporciona um lugar para os idosos se sentarem, incentivando, assim, à sua apropriação. A sala de refeições é então complementada por espaços intermédios

⁶¹ “Mientras este modelo de aberturas puede influir en la forma espacial, es indudable que aumentan la continuidad visual y la vinculación con otros espacios contiguos.” em CHING, Francis D. K.; *Arquitectura: forma, espacio y orden*; México: Gustavo Gili; 1998; p.165

⁶² Obra de Gerrit Rietveld, em Utrecht, 1924

⁶³ HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.220



i90. Planta piso 0; Serviços; Escala 1:200



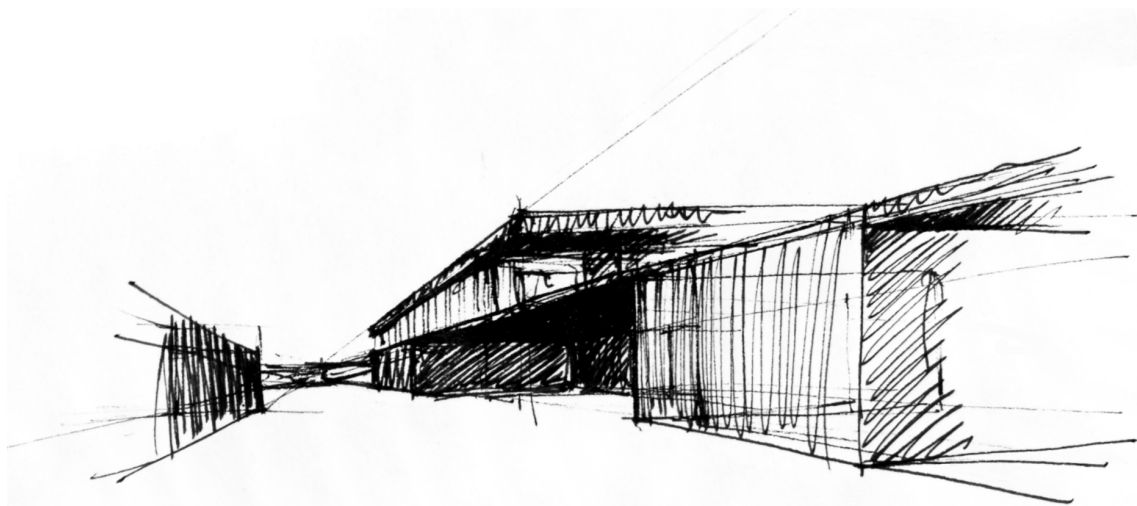
de apropriação, propícios à transição entre atividades.

Na sala de refeições, a copa surge como um espaço para distribuição das refeições e de mediação entre a sala e a cozinha. A bancada da copa prolonga-se para a cozinha, demarcando uma zona de lavagem. Além desta zona, o espaço também é composto por zonas de preparação de alimentos, de confeção e de pré-distribuição das refeições. As zonas de preparação e de confeção estão próximas dos acessos a um compartimento de frio e uma despensa para armazenagem de alimentos. Relativamente à zona de lavagem, localiza-se contiguamente uma câmara de comunicação com o exterior e com o depósito do lixo que, por sua vez, tem acesso direto ao exterior.

Na área exterior estabelece-se o cais de cargas e descargas, relacionado com um corredor de serviço interior. O corredor distribui a circulação para a cozinha, despensa, sala de tratamento de roupa, sala do pessoal e corredor central do lar. O compartimento relativo ao tratamento de roupa é desenhado de modo a organizar zonas de costura, lavagem, secagem, engomadoria e armazenamento, sendo que a sua proximidade com o exterior possibilita também a secagem de roupa ao ar livre. A sala do pessoal proporciona um espaço de trabalho e de descanso destinado aos funcionários e dispõe de balneários, divididos por género, com instalações sanitárias e vestiários. Deste modo, todos os espaços de serviço para uso dos funcionários, localizam-se no centro do edifício, o que facilita a sua circulação pelo lar e, consequentemente, os apoios prestados aos idosos.

O espaço exterior de apoio à zona de serviços oculta as atividades realizadas no edifício, impercetíveis aos moradores, mas fundamentais ao funcionamento de toda a estrutura do lar. É desenhada uma rampa nas traseiras do volume relativo ao alojamento que, além de possibilitar a passagem de veículos pesados para cargas e descargas, representa uma saída de emergência, assegurando, também, o acesso a veículos de emergência. Posteriormente à rampa, define-se um espaço para seis lugares de estacionamento, destinados aos funcionários.

No referido espaço exterior reconhece-se que uma área, pertencente à propriedade, se estende além das diretrizes do projeto e permanece ladeada por propriedades alheias. Portanto, a área é unicamente ocupada por estruturas técnicas que beneficiam do posicionamento exterior: o chiller, a caldeira e o grupo gerador de emergência. A cisterna e o grupo de bombagem de água situam-se, por sua vez, na tangente do edifício com o limiar da rampa. As unidades de tratamento de ar são ladeadas por paredes que não alcançam a

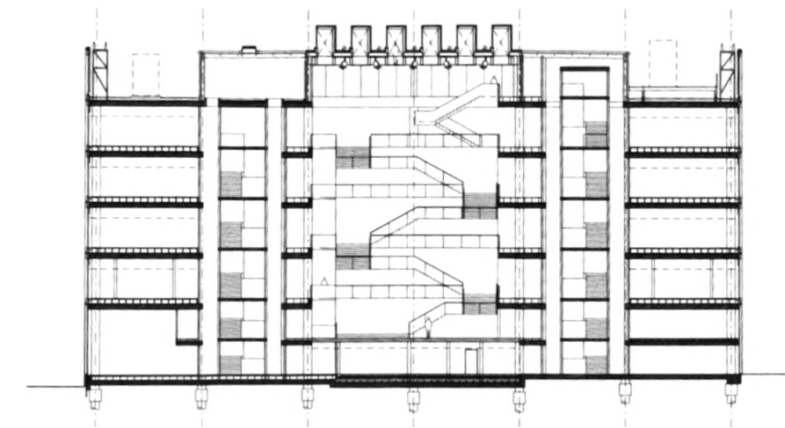


i91. Desenho de processo;
Vista da zona de serviços exterior

cobertura, possibilitando a ventilação natural do espaço, e situam-se a meio da zona de serviços exterior, dividindo-a, assim, em dois espaços cobertos de diferentes atmosferas. Um dos espaços destina-se, como já referido, à recolha de lixos e à carga e descarga de mercadorias, enquanto o segundo espaço se destina principalmente à saída de emergência, podendo, contudo, também ser utilizado para cargas e descargas de, por exemplo, mobiliário. Sendo assim, o último espaço mencionado apresenta um carácter menos técnico e de escassa movimentação, pelo que é, também, acessível à sala do pessoal e serve de mediador de luz natural para a área de cuidados de saúde.

Retornando aos espaços adjacentes ao corredor central do lar, a área de saúde surge numa posição estratégica entre a zona de serviços e a unidade de alojamento. Deste modo, torna-se facilmente acessível aos funcionários e aos moradores, bem como à saída de emergência. Correlacionada com o corredor central do lar, a zona de saúde dispõe de uma sala de espera que articula a bifurcação entre o gabinete de saúde e a área de fisioterapia. O gabinete de saúde é acompanhado por uma instalação sanitária acessível a pessoas de mobilidade reduzida e por um compartimento para arrumos. A área de fisioterapia organiza um espaço de tratamento e um espaço de ginástica, sendo também apoiada por um compartimento para arrumos. Diante a zona de saúde, na extremidade do corredor, o cruzamento dos planos verticais adota a mesma característica do cruzamento entre o átrio de entrada e o corredor. A esquina envidraçada repete-se, agora, na articulação do corredor com a unidade de alojamento. Da mesma forma, o espaço é ampliado e difundido. *Uma abertura no canto dilui os limites do plano no qual se encontra e, além disso, articula a aresta do plano perpendicular adjacente. O fato de que “dobrar a esquina” significa que ela está implícita e perde sua realidade (...)*⁶⁴

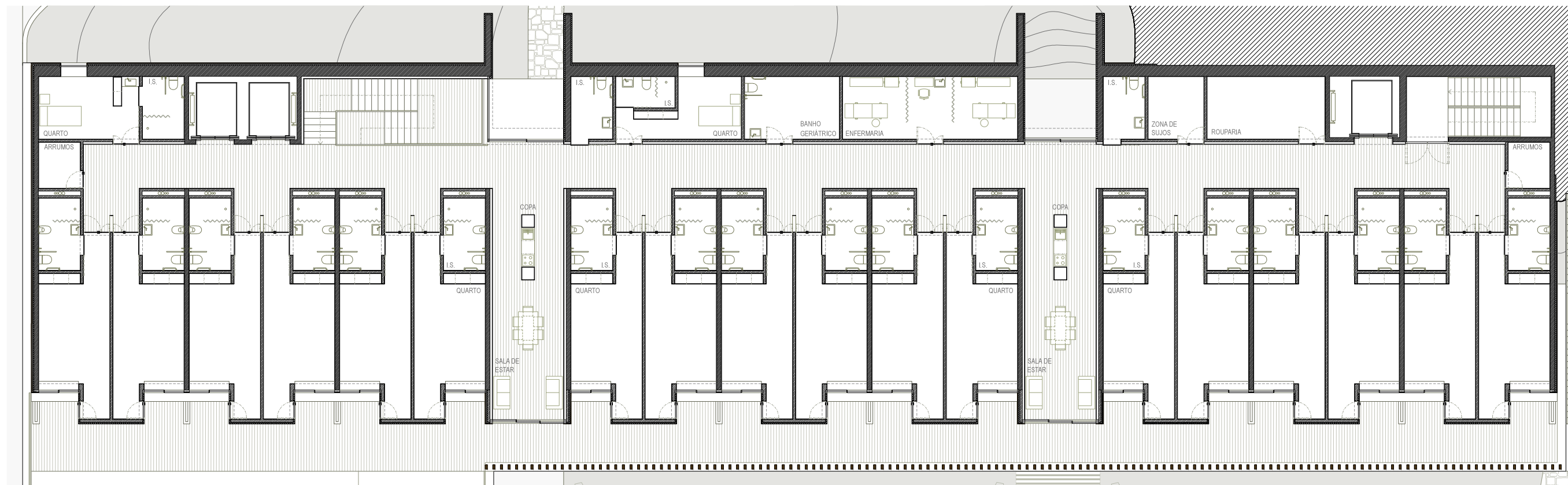
⁶⁴ “Una abertura en esquina diluye los límites del plano en que se encuentra y, además, articula la arista del plano perpendicular adyacente. El hecho de que “doble la esquina” se traduce en que ésta quede implícita y pierda realidad (...)” em CHING, Francis D. K.; *Arquitectura: forma, espacio y orden*; México: Gustavo Gili; 1998; p.162



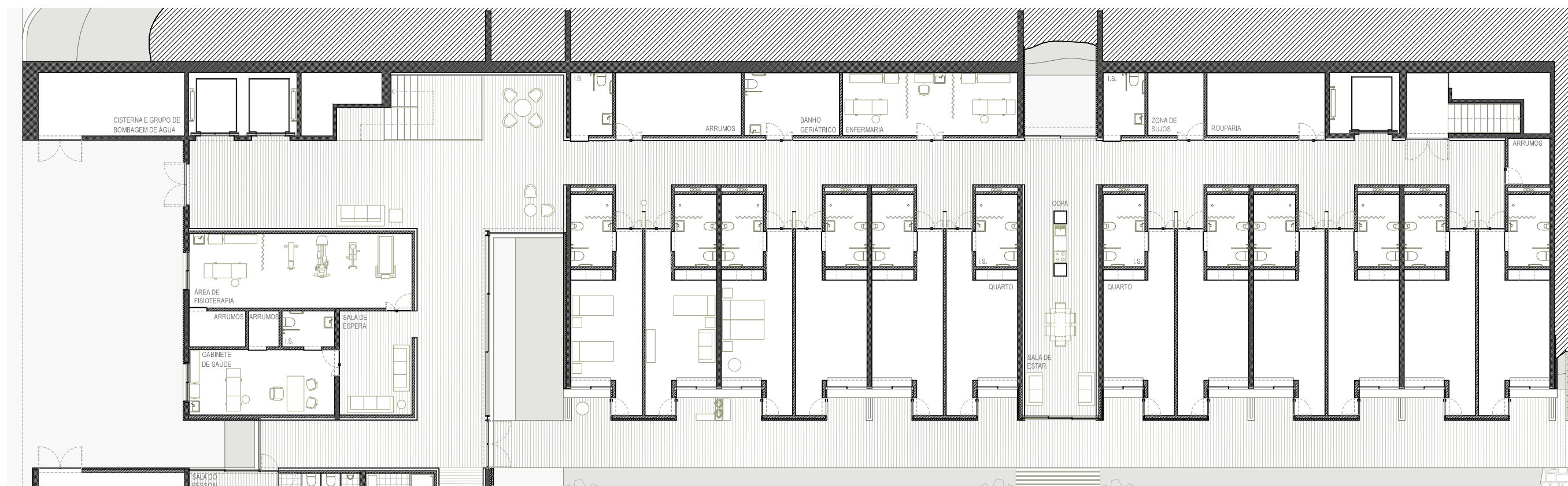
i92. Corte transversal da sede da BBC Scotland



i93. Maquete do átrio central da sede da BBC Scotland



i94. Planta piso 1; Unidade de alojamento; Escala 1:200



i95. Planta piso 0; Unidade de alojamento; Escala 1:200



3.2.4. Unidade de alojamento

O espaço correspondente ao acesso vertical da unidade de alojamento confina o corredor de distribuição do lar e atua como um segundo átrio que estabelece as diversas circulações. Uma vez que é um lugar onde as circulações convergem, é um lugar de encontros, onde se veem e se ouvem outras pessoas. Se se interpretar o lar de idosos como uma cidade, em que os corredores representam as ruas e os quartos representam as casas, então, o espaço mencionado seria a *praça* mais próxima das *casas* dos idosos. Deste modo, entende-se que o carácter social deve ser afirmado e, ainda, incentivado.

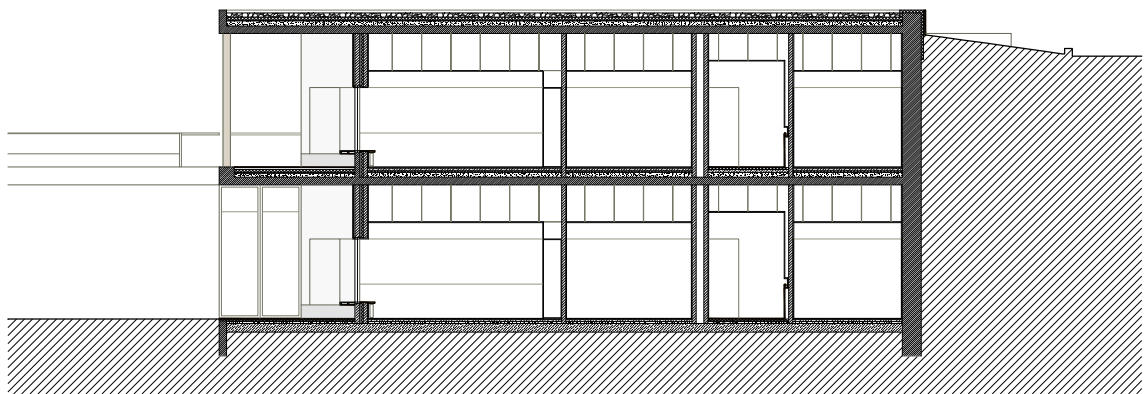
Como obra de referência, analisa-se a sede da BBC Scotland em Glasgow, de David Chipperfield, construída entre 2001 e 2007. O edifício de escritórios (...) *dá igual importância a áreas de trabalho coletivo, postos de trabalho individuais e espaços públicos. Deste modo, o átrio central é configurado como uma sequência estratificada de degraus, plataformas e terraços.*⁶⁵ A área dos patamares das escadas adota uma dimensão maior à convencional, tornando o espaço ambíguo e propício à apropriação dos seus usuários. Assim, a escada e o átrio fundem-se, resultando numa composição de espaços de apropriação que interliga os diversos pisos. O edifício promove a comunicação, proporcionando áreas de encontro informais e lugares onde se pode ver e ouvir as outras pessoas. Ademais, também promove a circulação entre espaços, afirmando, assim, através da movimentação visível, o seu carácter público.

*A maneira como o espaço é organizado pode aumentar as oportunidades de encontro para aqueles em busca de outros ou de alguém em particular, talvez sem que eles queiram admiti-lo ou mesmo estarem cientes disso.*⁶⁶ *Os patamares, ou descansos, interrompem o traçado das escadas, o que permite a introdução de mudanças de direção, dão a oportunidade de descansar e possibilidades de acesso e de vistas.*⁶⁷ Desta forma, as escadas revelam-se um elemento catalisador de atividades sociais, propícias a

⁶⁵ “(...) it gives equal importance to collective work areas, individual workstations, and public spaces. Accordingly, the central atrium is configured as a tiered sequence of steps, platforms and terraces.” em CECILIA, Fernando Márquez e LEVENE, Richard; *David Chipperfield: 1991-2006*; Madrid: El Croquis; 2006; p.280

⁶⁶ “The way the space is organized can increase the chances of encounter for those in search of others or someone in particular, maybe without them wanting to admit it or even being aware of it.” em HERTZBERGER, Herman; *Articulations*; Munique: Prestel; 2002; p.41

⁶⁷ “Los rellanos, o descansillos, interrumpen el trazado de las escaleras, con lo que permiten la introducción de cambios de dirección, dan la oportunidad de descansar y posibilidades de acceso y de vistas.” em CHING, Francis D. K.; *Arquitectura: forma, espacio y orden*; México: Gustavo Gili; 1998; p.272

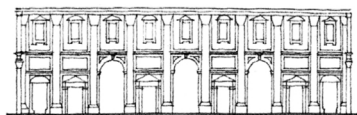


i96. Corte transversal; Quartos; Escala 1:200

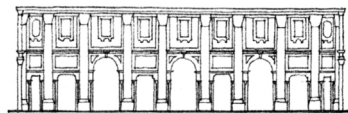
encontros entre vizinhos. Assim, o espaço de acesso vertical da unidade de alojamento adota dimensões favoráveis à sua apropriação, além de possuir as dimensões necessárias ao acesso de uma saída de emergência. Partilhando do mesmo pensamento de David Chipperfield, os patamares quebram as direções das escadas, formando espaços que fomentam o seu uso e a permanência neles. Este aspeto apresenta-se oportuno num lar de idosos, pois, devido à restrita mobilidade dos usuários, a escada torna-se um elemento de acesso vertical menosprezado, pelo que a presença de áreas intermédias para descansar concede-lhe um valor acrescido. A área mencionada é, então, composta por uma articulação de diversos espaços de apropriação, criando oportunidades para os idosos se encontrarem, se juntarem e permanecerem.

A unidade de alojamento é organizada por um corredor de distribuição em cada piso, que distingue os espaços de apoio complementares, na zona posterior da edificação, dos quartos, na zona direcionada para a paisagem. Os corredores garantem também uma clara articulação entre circulações e saídas de emergência, para fácil e segura evacuação de pessoas em camas a partir de todos os espaços. Relativamente aos serviços de apoio, cada piso dispõe de duas instalações sanitárias acessíveis, dois arrumos, um banho geriátrico, uma enfermaria com dois compartimentos de ocupação individual, uma zona de sujos e uma rouparia. Contudo, um dos espaços para arrumos no primeiro piso é maior de modo a assegurar o armazenamento de mobiliário. No piso superior localizam-se, também na referida zona, dois quartos com instalações sanitárias próprias, para uso dos funcionários ou residentes em período reduzido, sendo estes os únicos compartimentos nesta zona com vãos abertos para o espaço posterior ao edifício. Na extremidade da edificação, oposta ao acesso vertical mencionado anteriormente, é definido outro acesso vertical, contudo, como se afasta mais das saídas de emergência, é protegido por câmara corta-fogo. Em relação aos quartos, verifica-se que um dos requisitos mencionados pelos idosos para habitarem num lar é poderem partilhar o quarto com o seu companheiro. Sendo assim, entende-se que a melhor solução, no que respeita à ocupação dos quartos, é a sua ambiguidade. O quarto adota, então, uma área de 19.56m², possibilitando a sua flexibilidade, no sentido em que pode ser utilizado como quarto individual ou duplo e pode acomodar diversas organizações. Deste modo, são dispostos doze quartos no primeiro piso e dezoito quartos no piso superior, resultando, assim, num total de trinta quartos orientados a sudeste. Uma vez que a legislação aplicada indica que pelo menos 20% dos quartos tem que corresponder a uso individual, considerando, também, os dois quartos de uso temporário, o lar apresenta uma ocupação máxima de cinquenta e sete residentes.

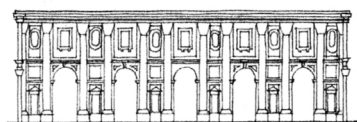
Como referido no capítulo 2.3. *Programa*, cada agrupamento de aproximadamente dez quartos deve



a . b . a . b . a . b . a . b . a .
 a . a . b . a . b . a . b . a . a .
A . B . C . B . C . B . C . B . A



a . b . b . b . b . b . b . b . a .
 c . a . b . a . b . a . b . a . c .
A . B . C . B . C . B . C . B . A



a . b . a . b . a . b . a . b . a . b
 a . b . a . b . a . b . a . b . a . b . a
A . B . A . B . A . C . A . B . A . B . A

i97. Estudos de Borromini, para a fachada interior de uma basílica

usufruir de uma pequena sala de estar e de uma copa, portanto, os quartos são interrompidos por três salas de estar com copa. As salas quebram a regra formada pelos quartos, alargando os corredores, de modo a unir os espaços coletivos e afirmar uma distinção perante os espaços individuais. *A introdução em uma sequência de pontos enfáticos ou de intervalos excepcionais permite criar modelos rítmicos de maior complexidade. Esses acentos ou compassos colaboram na diferenciação dos temas principais e secundários de uma composição.*⁶⁸ Os espaços de estar são, também, enfatizados pela introdução de luz natural que resulta em focos luminosos ao longo do corredor. Os limites físicos de cada sala, relativos às fachadas do edifício, são envidraçados, possibilitando, assim, uma forte conexão com o exterior, em particular, com o pátio central. A sala de estar é, então, continuada para o espaço de estar exterior e mantém uma relação com a paisagem. Os vãos na fachada tardoz do edifício possibilitam a iluminação do corredor e também, no piso superior, um deles assegura uma saída de emergência com ligação direta à rampa de serviços, podendo não ser necessária a circulação vertical, a qual se mostra inconveniente em caso de emergência.

Cada quarto é complementado por uma instalação sanitária acessível com duche, que se estende além da porta, formando um espaço de entrada para cada dois quartos. O espaço pertence aos quartos, assim como pertence ao corredor - é então uma área intermédia de gradação do domínio coletivo para o privado. Define-se uma correlação da vida privada com a vida coletiva. Tal como se acontecesse na cidade: *Uma transição gradual entre os espaços públicos e os privados ajuda muito as pessoas a participar na vida e no que acontece na rua, ou a manter um contacto próximo com tudo isso.*⁶⁹ Embora o espaço seja completamente acessível aos que circulam no corredor, os moradores dos respetivos quartos são incentivados a apropriarem-se dele, a colocarem as suas coisas ali e a cuidarem do espaço como se fosse deles. *O carácter de cada área dependerá em grande parte de quem determina o guarnecimento e o ordenamento do espaço, de quem está encarregado, de quem zela e de quem é ou se sente responsável por ele.*⁷⁰ A dificuldade para

⁶⁸ “La introducción en una secuencia de puntos enfáticos o de intervalos excepcionales permite crear modelos rítmicos de mayor complejidad. Estos acentos o compases colaboran en la diferenciación de los temas principales y secundarios de una composición.” em CHING, Francis D. K.; *Arquitectura: forma, espacio y orden*; México: Gustavo Gili; 1998; p.365

⁶⁹ “Una transición gradual entre los espacios públicos y los privados ayuda mucho a la gente a participar en la vida y en lo que pasa en la calle, o a mantenerse en estrecho contacto con todo ello.” em GEHL, Jan; *La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios*; Barcelona: Editorial Reverté; 2006; p.126

⁷⁰ HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.22



i98. *The Woven Child*, Louise Bourgeois, 2002

o idoso de distinguir a porta do seu quarto, isto é, da sua casa, é um problema que se tem identificado na vivência dos lares. Ao resolver este problema colocando uma estante no meio do espaço, o carácter de espaço de apropriação é enfatizado. A estante faz uma separação entre espaços de entrada dos quartos para cada porta e coloca um problema aos usuários, os quais, por sua vez, são convidados a encontrar uma solução. *É a permanência, a imobilidade e o “estar no meio do caminho”, que constituem a questão central, pois, na verdade, é essa presença inescapável como ponto focal que contém as sugestões e os incentivos para a resposta a cada situação que surge.*⁷¹ Deste modo, os moradores podem deixar as suas marcas pessoais à entrada dos seus quartos, facilitando a sua identificação. Os objetos colocados na estante representam, assim, uma forma de identificação tanto para o usuário do respetivo quarto como para quem circula pelo corredor, ao qual o espaço faz parte - entende-se que certo espaço pertence a certa pessoa. Contudo, além de ser um elemento divisório dos espaços de cada um, também representa um incentivo à sociabilidade, uma vez que tem de ser partilhado e, consequentemente, discutido com o vizinho mais próximo.

No interior do quarto, pretende-se que o morador se sinta acolhido e protegido pelo espaço. *O homem é um ser social, nunca a observação do espaço individual quer ou deseja colocar a natureza pública do homem em questão. A defesa da privacidade, ou do espaço de um, surge exatamente na sua dimensão de complementaridade, como um espaço necessário para ter um lugar no mundo em que haja a possibilidade de absorver tudo o que é externo ao indivíduo. A fruição do que é externo a cada um só será plenamente possível, ou mais profunda, se existir um lugar para o reconhecimento individual.*⁷² Deste modo, permanece uma vontade de criar um mundo fora do mundo. Como já foi mencionado no capítulo 2.3. *Programa*, os objetos pessoais conservam emoções e memórias e são responsáveis pela transmissão desta sensação que se está em casa, que o espaço pertence ao indivíduo e que o indivíduo pertence ao espaço. Para tal, os quartos do lar de idosos são pensados de modo a estarem disponíveis para receber. Propõe-se que, sempre que possível, o mobiliário pertença aos residentes, que estes transportem as memórias materializadas,

⁷¹ HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.153

⁷² “El hombre es un ser social, nunca la observación del espacio individual quiere o desea poner la naturaleza pública del hombre en cuestión. La defensa de la privacidad, o del espacio del uno, surge exactamente en su dimensión de complementariedad, como un espacio necesario para tener un lugar en el mundo en el cual exista la posibilidad de absorber todo lo que es exterior al individuo. La frución de lo que es exterior a cada uno solo será posible de forma plena, o más profunda, si existe un lugar para el recogimiento individual.” em SILVA, Ana Sofia Pereira da; *La intimidad de la casa: el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*; Buenos Aires: Diseño; 2015; p.317



i99 e i100. Janelas com parapeito baixo na Estrutura Residencial para Idosos de Peter Zumthor



i101 e i102. Janelas com parapeito baixo no Lar de Idosos Peter Rosegger

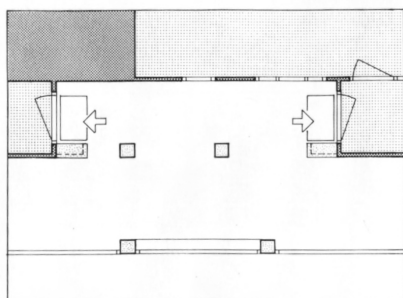
elegidas para a composição do seu *mundo*.

É importante, mesmo no seu espaço mais íntimo, haver a possibilidade de se relacionarem com o outro e/ou com o exterior, se assim o desejarem. (...) *num lar para idosos (...) alguns dos moradores passam boa parte de seu tempo na solidão de seus próprios quartos por causa da mobilidade reduzida, esperando que alguém vá visitá-los, enquanto outros moradores que ficam do lado de fora também gostariam de algum contato (...)*⁷³ Deste modo, é desenhada uma janela, que correlaciona o quarto com o pátio central do lar, e uma porta, que possibilita a passagem do retiro individual para a vivência coletiva ou vice-versa. A janela, à semelhança de alguns espaços coletivos, é rebaixada para possibilitar um lugar para se sentar, tornando-se, assim, num espaço de apropriação. O facto de o parapeito estar à altura de um banco (43cm) resulta numa abertura do campo de visão, pois o contacto com o exterior pode ser feito com qualquer posicionamento do corpo - deitado, sentado, em pé - e em qualquer posicionamento no espaço. Esta solução é encontrada nos quartos da Estrutura Residencial para Idosos de Peter Zumthor, em Chur, fundada a 1993, e do Lar Peter Rosegger de Dietger Wissounig Architekten, em Graz, do ano 2014. Ambas as estruturas para pessoas idosas têm a característica de manterem uma forte relação com a paisagem envolvente. As janelas dos quartos criam uma moldura da paisagem exterior e permitem a perceção de que não se está sozinho. Verifica-se que, nestas situações, o lugar da janela não é apenas utilizado como um banco, mas também como uma estante onde se colocam objetos de decoração, vasos com plantas e memórias.

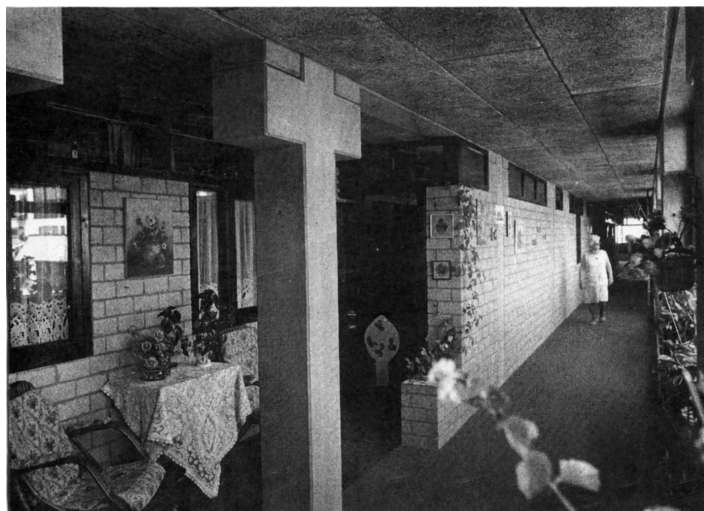
*Abrir para ter uma troca de experiências em dois sentidos não é só uma questão de vidro e janelas, mas também questão de distância. Os parâmetros estritos das experiências sensoriais humanas têm um papel importante na determinação de se um acontecimento é aberto ou fechado.*⁷⁴ O lugar da janela atravessa a fachada e o quarto é estendido para uma galeria exterior coberta. A galeria possibilita uma área de entrada, protegida das intempéries, e funciona como um corredor exterior, uma *rua*, que conecta igualmente os espaços da unidade de alojamento e, devido à sua largura, fomenta o contacto entre usuários. Contudo, tem um carácter mais individual, pelo que retrata, em certa parte, a vivência no interior dos espaços.

⁷³ HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.35

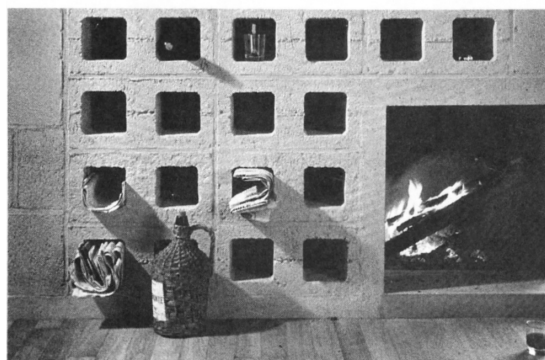
⁷⁴ “Abrir para tener un intercambio de experiencias en dos sentidos no es sólo cuestión de vidrio y ventanas, sino también cuestión de distancia. Los estrictos parámetros de las experiencias sensoriales humanas tienen un papel importante en la determinación de si un acontecimiento es abierto o cerrado.” em GEHL, Jan; *La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios*; Barcelona: Editorial Reverté; 2006; p.133



i103. Planta do espaço de entrada dos quartos; Lar de Idosos De Drie Hoven



i104. Vista do espaço de entrada dos quartos;
Lar de Idosos De Drie Hoven



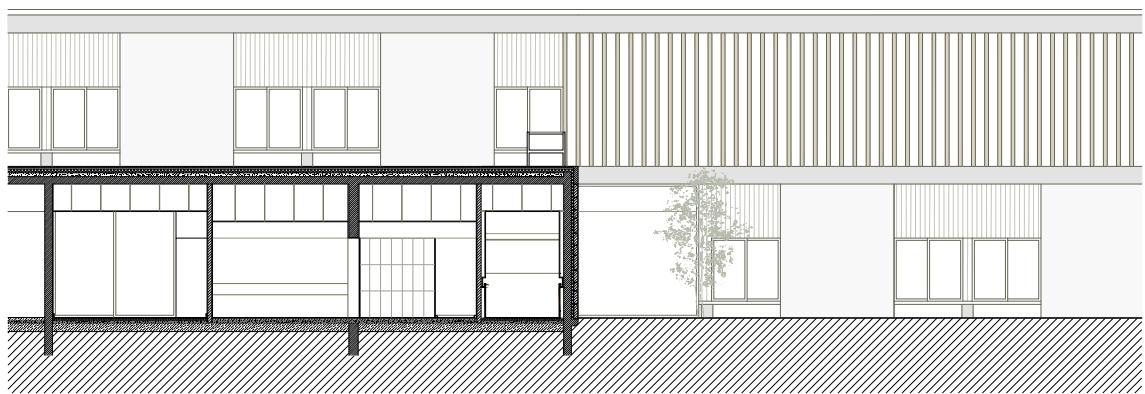
i105 e i106. Utilização de blocos de cimento perfurados
no Lar de Idosos De Drie Hoven

A fim de estudar a organização de um espaço que, do mesmo modo, se expõe e encoraja a interação, assim como pretende retratar uma personalidade e demarcar um espaço privado, analisa-se o lar de idosos De Drie Hoven de Herman Hertzberger, construído entre 1964 e 1974, em Amesterdão. Em De Drie Hoven, os quartos são distribuídos por corredores que partilham parte do seu espaço. O corredor é ampliado na zona de entrada dos quartos e (...) *cada dois quartos de dormir têm uma sala em comum, no espaço criado pela ampliação do corredor. Divisórias baixas de tijolos, cercando os assentos fixos, separam o espaço do corredor, isolando-as até certo ponto do vaivém de pessoas, ao mesmo tempo em que oferecem uma visão do que está se passando.*⁷⁵ Este espaço intermédio facilita o contacto com quem passa, sem que essa intenção esteja demasiado explícita. Os idosos ocupam o espaço, cuidando dele e organizando-o com o seu mobiliário e com os seus objetos e, assim, o espaço é interpretado como sendo deles, mesmo sendo acessível a qualquer outro usuário do lar. Entendendo esta solução como uma solução rica em oportunidades de apropriação para o idoso e um meio de correlacionar as atividades sociais e íntimas, adapta-se o mesmo pensamento para a proposta em Penamajor. A porta é desenhada perpendicular à janela, criando um espaço exterior, resguardado da circulação da galeria. Uma vez que a porta se direciona para este espaço e não para a extensão do pátio, é transmitida a intenção de se criar um espaço íntimo e privado, antes da passagem integral para o espaço coletivo. Pretende-se que a interação dos usuários se assemelhe à interação sentida no lar De Drie Hoven, ou seja, que estes se apropriem do espaço e, conseqüentemente, o identifiquem como seu, tal como é expectável na outra entrada do quarto, pelo interior.

À semelhança do acesso do quarto pelo interior, esta área é partilhada com um vizinho. Então, de modo a definir um elemento que distinga o espaço de cada um, mas que incentive o contacto entre eles, retoma-se a análise da solução de Herman Hertzberger. No lar De Drie Hoven, assim como em muitas outras obras do referido arquiteto, verifica-se a presença de blocos de cimento perfurados, aquando a divisão de espaços. Devido à sua forma, os blocos propõem o seu preenchimento, possibilitando uma infinidade de oportunidades de uso informal. *Nas situações em que os blocos perfurados foram aplicados, (...) eles foram logo colocados em uso - na maior parte das vezes como vasos de plantas. É claro que, de qualquer modo, as pessoas que queriam vasos ou jardineiras teriam facilmente encontrado outras soluções para acomodar suas plantas. Mas, como esses blocos parecem inacabados e pedem, por assim dizer, para ser usados, eles constituem um incentivo para que se faça alguma coisa com eles.*⁷⁶ Então, com o mesmo

⁷⁵ HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.192

⁷⁶ *Ibidem*; p.168



i107. Alçado; Unidade de alojamento; Escala 1:200

propósito, projeta-se um elemento em betão a meio do espaço exterior comum de entrada nos quartos em Penamaior. O volume de betão sustenta o banco, estende-se e contém uma perfuração ao longo da sua extensão. Deste modo, pode ser a base de um assento, de um canteiro, de uma mesa ou até de uma divisória opaca. O espaço é, então, indefinido, convidando os usuários a participarem na sua metamorfose.

O pátio central, que se relaciona com a galeria dos quartos do primeiro piso, assume a qualidade de *pátio da casa*. Embora seja um espaço coletivo que possibilita atividades sociais, o contacto é inibido devido à sua ampla dimensão. *O pátio é um lugar ao ar livre completamente próprio, privado, interior. e esta é a sua essência. Isso significa segurança, a casa se abre para o exterior sem que ninguém consiga acessá-la; mas ao mesmo tempo significa privacidade, e não apenas no sentido funcional, mas também no possessivo e representativo: o pátio é um paraíso privado, um centro particular do mundo.*⁷⁷

No piso superior, a galeria também é associada a um espaço de estar exterior. O volume dos quartos assenta na cobertura correspondente às áreas funcionais de serviços, a qual é praticável e permite uma circulação pelo exterior, com acesso aos espaços coletivos do edifício. Esta área proporciona uma comunicação visual com a paisagem e com o pátio do piso inferior. De modo a evitar o risco de queda e regular a incidência de radiações solares, a galeria é delimitada por perfis de madeira, como acontece na entrada do lar de idosos. O ripado desenvolve-se na extensão não coincidente com a cobertura praticável, pelo que conduz os usuários em direção à referida área.

É importante que, além de existirem espaços que proporcionem oportunidades para passear e sentar, também existam espaços que proporcionem oportunidades para agir. A possibilidade de participar em atividades, principalmente em atividades do quotidiano, no espaço coletivo é uma característica enriquecedora para um ambiente ativo, familiar e social. *Se há algo para fazer, também há algo do que falar depois. As atividades necessárias, opcionais e sociais estão interligadas de maneiras incontáveis*

⁷⁷ “El patio es un lugar al aire libre completamente propio, privado, interior. y ésta es su esencia. Ello significa seguridad, la casa se abre al exterior sin que nadie pueda acceder a ella; pero al mismo tiempo significa privacidad, y no sólo en el sentido funcional sino también en el posesivo y representativo: el patio es un paraíso privado, un particular centro del mundo.” em CAPITEL, Antón; *La arquitectura del patio*; Barcelona: Gustavo Gili; 2005; p.12



i108. *Uma oportunidade para manter os contatos estabelecidos*



i109. Canteiros elevados no Lar Peter Rosegger

e sutis.⁷⁸ A jardinagem é considerada uma atividade favorável à interação do idoso com o espaço e com os outros e dinamizadora do seu quotidiano. Desta forma, definem-se áreas ajardinadas nos pátios do lar, que possibilitam a acomodação de tal atividade. Ao analisar o Lar Peter Rosegger de Dietger Wissounig Architekten, verifica-se uma solução de canteiros elevados, no lugar das guardas, no piso superior. Esta solução surge conveniente à destreza do idoso e ao aumento de segurança da guarda, devido à sua altura e à sua largura. Com base nesta referência, opta-se pela colocação de canteiros elevados por toda a extensão da guarda do espaço exterior, referente ao segundo piso do lar, complementando, também, a pequena área ajardinada do espaço.

⁷⁸ “Si hay algo que hacer, también hay algo de lo que hablar después. Las actividades necesarias, opcionales y sociales se entrelazan de maneras incontables y sutiles.” em GEHL, Jan; *La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios*; Barcelona: Editorial Reverté; 2006; p.131



i110. Vista da Rua de Felgueiras

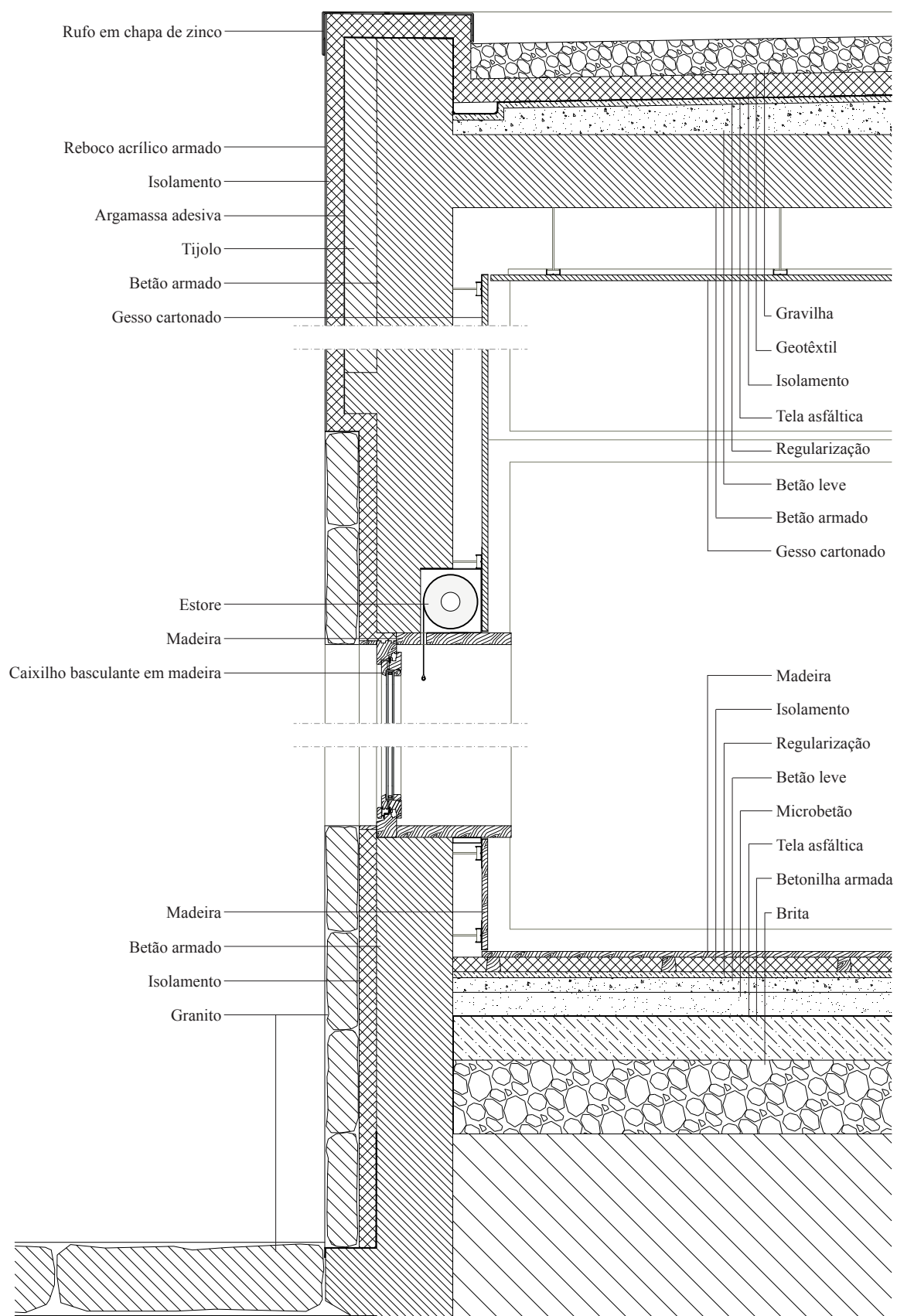
3.3. Solução construtiva

*Detalhes expressam o que a ideia básica do projeto requer no ponto relevante do objeto: pertença ou separação, tensão ou leveza, fricção, solidez, fragilidade... Detalhes, quando são bem sucedidos, não são mera decoração. Eles não distraem nem entretêm. Eles levam a uma compreensão do todo do qual eles são uma parte inerente.*⁷⁹ A Estrutura Residencial para Idosos de Peter Zumthor em Chur assegura apenas a unidade de alojamento, uma vez que os restantes serviços são disponibilizados por uma edificação vizinha, pelo que a intenção do projeto baseia-se na ideia em que edifício representa a casa dos moradores. Neste sentido, é permitida a ocupação dos espaços com os objetos pessoais dos usuários e Peter Zumthor afirma: *Queremos que os habitantes se sintam em casa, uma impressão reforçada pelo uso de elementos que eles reconhecem das suas próprias vidas nas aldeias circundantes.*⁸⁰ A Estrutura Residencial é, então, revestida por três materiais: betão exposto, tufa calcária e madeira de lariço; que provocam uma atmosfera familiar, rural e descontraída. Ao reproduzir a mesma linguagem material da envolvente, além de evidenciar a sua correlação, o edifício torna-se familiar e acolhedor aos seus moradores.

A solução construtiva proposta pretende dar continuidade a alguns conceitos espaciais descritos anteriormente, tal como a intenção de afirmar a interpretação do lar como casa própria de cada morador e a intenção do edifício manter um equilíbrio harmonioso com a envolvente. Deste modo, os materiais encontrados nos espaços circundantes da propriedade em Penamajor são reproduzidos na fachada do lar de idosos. A fachada é o rosto do edifício, através do qual expressa, ao exterior, o seu propósito de se inserir na paisagem, no ambiente já existente, de modo a que os moradores se sintam em casa. Opta-se por um sistema composto por granito e ETICS, que refletem a materialidade das construções envolventes, e madeira, que se relaciona com a vegetação presente e confere uma sensação de conforto, suprimindo a frieza da pedra. Relativamente à estrutura, são utilizados dois sistemas: vigas e paredes portantes de betão armado e perfis metálicos, quando a estrutura é visível. Quanto às lajes de piso e de cobertura, estas são maciças de betão armado e, quando evidenciadas no alçado, o betão é assumido como um quarto material de revestimento exterior.

⁷⁹ “Details express what the basic idea of the design requires at the relevant point in the object: belonging or separation, tension or lightness, friction, solidity, fragility... Details, when they are successful, are not mere decoration. They do not distract or entertain. They lead to an understanding of the whole of which they are an inherent part.” em ZUMTHOR, Peter; *Thinking architecture*; Basel: Birkhäuser; 2006; p.15

⁸⁰ “We want the inhabitants to feel at home, an impression enhanced by the use of elements which they recognize from their own lives in the surrounding villages.” em ZUMTHOR, Peter; *Peter Zumthor works: buildings and projects 1979-1997*; Baden: Lars Muller Publishers; 1998; p.80



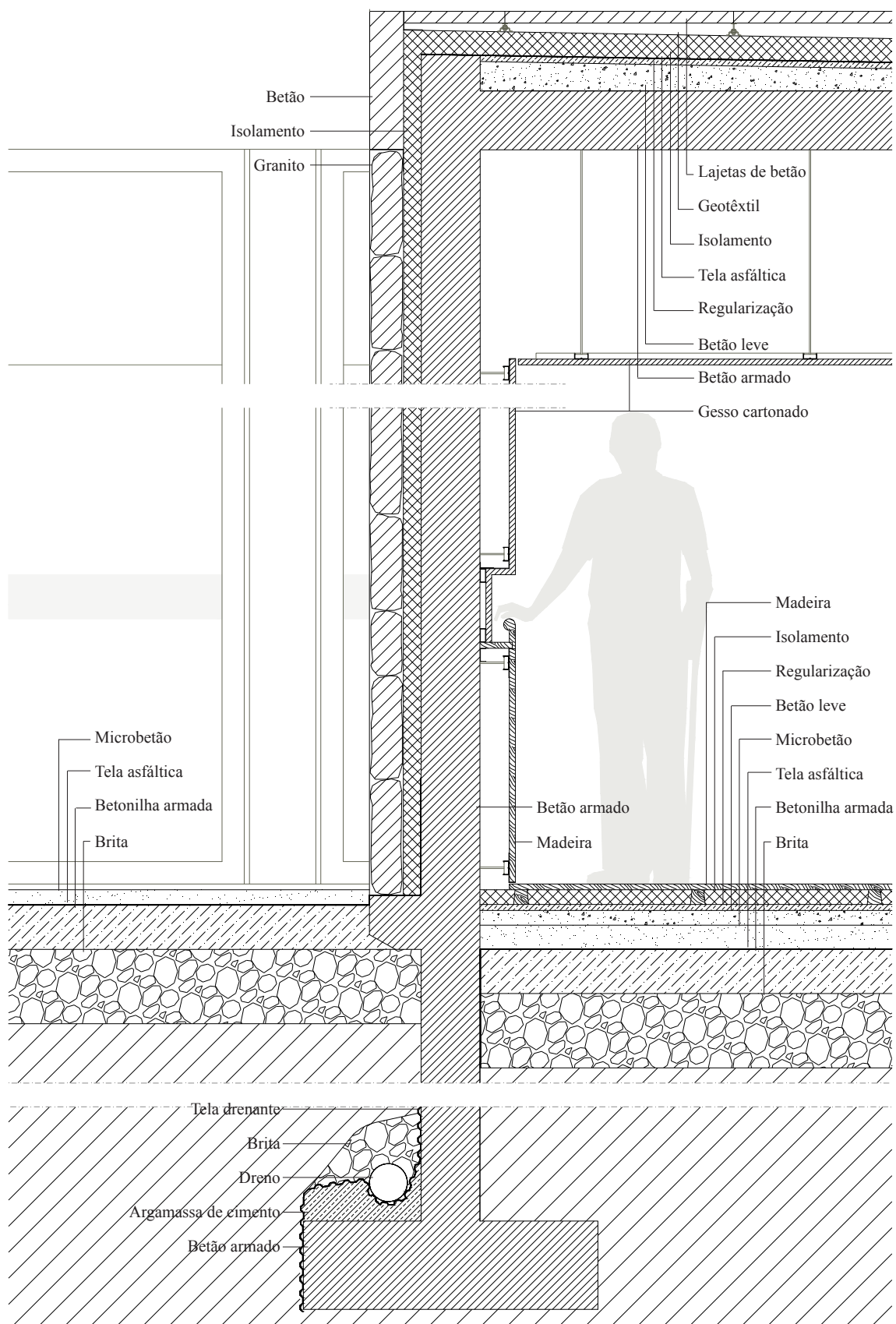
i111. Pormenor da parede exterior confinante com a Rua de Felgueiras; Escala 1:20

O volume frontal adota a mesma imagem do edifício vizinho, pelo que a fachada é dividida por estratos, em que o estrato inferior é composto por alvenaria de granito e o superior por ETICS. Contudo, a zona das escadas é demarcada através do acabamento exterior distinto, em madeira. A alvenaria de granito surge numa composição de muros, que encaminha a circulação no primeiro piso do lar, tendo por referência os muros que circundam praticamente todas as propriedades vizinhas. A fachada da zona de alojamento é constituída, apenas, por madeira e sistema ETICS, de modo a proporcionar aos moradores um ambiente confortável e acolhedor. Considerando que: *A circulação de pedestres é muito sensível ao pavimento e às condições da superfície*.⁸¹; os materiais de pavimentação são dispostos consoante o uso do espaço. No pátio de entrada, o granito coexiste com áreas ajardinadas, tal como acontece no Largo do Cô, ao qual se pretende dar continuação. Nos restantes espaços exteriores, é formada uma composição de diversos pavimentos, onde os materiais impermeáveis e regulares são estabelecidos nas áreas onde se prevê uma maior circulação e os materiais permeáveis e mais irregulares são estabelecidos nas áreas onde se prevê menor movimentação. Por sua vez, nas coberturas não praticáveis, é utilizada gravilha em toda a sua extensão, à semelhança da cobertura da Escola Básica de Penamaior, que também é visível.

No interior do edifício, a finalidade é a de um espaço confortável e acolhedor, afirmado através da presença sensorial dos materiais. Para a caracterização de uma atmosfera familiar, o ambiente hospitalar é evitado, isto é, são evitados os materiais e as cores frias e os espaços desprovidos de uma identidade. Também é importante que: *Sejam utilizados acabamentos superficiais de cores claras e mate (em particular nas paredes que contêm os vãos envidraçados), que permitem a redução dos contrastes de brilho entre os vãos e as superfícies adjacentes, e a consequente melhoria do conforto visual*.⁸² Os revestimentos devem ser lisos, facilmente laváveis e de duração razoável. Portanto, os tetos e as paredes do lar são em gesso cartonado ou reboco e os pavimentos são, maioritariamente, em soalho de madeira, que é um material cómodo para quem permanece no espaço e que não causa arrefecimento. Contudo, nos espaços complementares de serviço, para uso do pessoal, onde há uma preocupação sobre infiltrações, vapores de água e vapores gordurosos, utiliza-se azulejo no pavimento e nas paredes, até à altura da porta, o que facilita a limpeza e é impermeável. Nas arrecadações, nas áreas para cuidados aos idosos, nas instalações sanitárias e nos quartos, opta-se por um pavimento vinílico que forma um rodapé arredondado e continua,

⁸¹ “La circulación peatonal es muy sensible al pavimento y a las condiciones de la superficie.” em GEHL, Jan; *La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios*; Barcelona: Editorial Reverté; 2006; p.149

⁸² *Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais, Lares de Idosos*; Segurança Social; 2007; p.140



i112. Pormenor do lambril e do corrimão no corredor central; Escala 1:20

revestindo parte das paredes. Deste modo, o pavimento e as paredes apresentam características resistentes a ações de abrasão e riscagem, antiderrapantes e de fácil limpeza. Relativamente aos vãos, é utilizada caixilharia em madeira, para uma coesão em relação à imagem do edifício. As portas, nos compartimentos onde se prevê a circulação de camas ou outros objetos de grande dimensão, são compostas por duas folhas, considerando, deste modo, a possibilidade de uma maior amplitude, quando necessário.

Nos espaços de circulação, é recomendada a existência de corrimãos de apoio, devido às dificuldades de mobilidade que os idosos apresentam. Nestes espaços e nos de uso coletivo, recomenda-se, também, a utilização de lambris ou barras de proteção, de modo a proteger os revestimentos das paredes de choques, provocados por camas ou cadeiras de rodas, ou de outras decorrentes da utilização desses espaços. Então, nas áreas de maior permanência e circulação de idosos, conjuga-se estes dois elementos - a extremidade do lambril serve também de corrimão. Para tal, é desenhado um plano recuado, relativamente à face da parede, na confinidade entre o lambril de madeira e o reboco, proporcionando um corrimão que não se projeta da parede, evitando, deste modo, impactos com o corpo.

A entrada dos quartos é evidenciada pelo revestimento de madeira e os volumes das instalações sanitárias contrastam através do revestimento em reboco. No interior dos quartos o revestimento das paredes é complementado por uma superfície de *bulletin board*, que se estende até à altura da porta e assume uma cor similar ao revestimento vinílico. Esta superfície possibilita e sugere, aos moradores, que ocupem as paredes com os seus objetos pessoais, sem que estas sejam danificadas. Pois é importante considerar que o edifício é a casa de cada morador, mas os moradores variam. Então, o lar deve proporcionar a transformação do mesmo espaço em diversas *casas*, pelo que a estrutura primordial tem que se manter. No espaço da janela do quarto, utiliza-se a madeira, de modo a dar continuidade ao exterior. É também instalado um aparelho de aquecimento sob o parapeito, tal como se verifica na Estrutura Residencial para Idosos de Peter Zumthor e no Lar de Dietger Wissounig, onde o lugar da janela é igualmente usado como um lugar para se sentar. *O conforto é, sobretudo, uma espacialidade que não nos agrida pela escala. (...) Tem que haver uma escala que não nos agrida, tem que haver uma luz natural que nós consigamos controlar e que possa criar várias nuances e vários ambientes e, depois, tem que ser complementada com situações de luz artificial e de situações de conforto físico mesmo (...) Mas a outra parte do conforto é uma certa harmonia, um certo equilíbrio.*⁸³

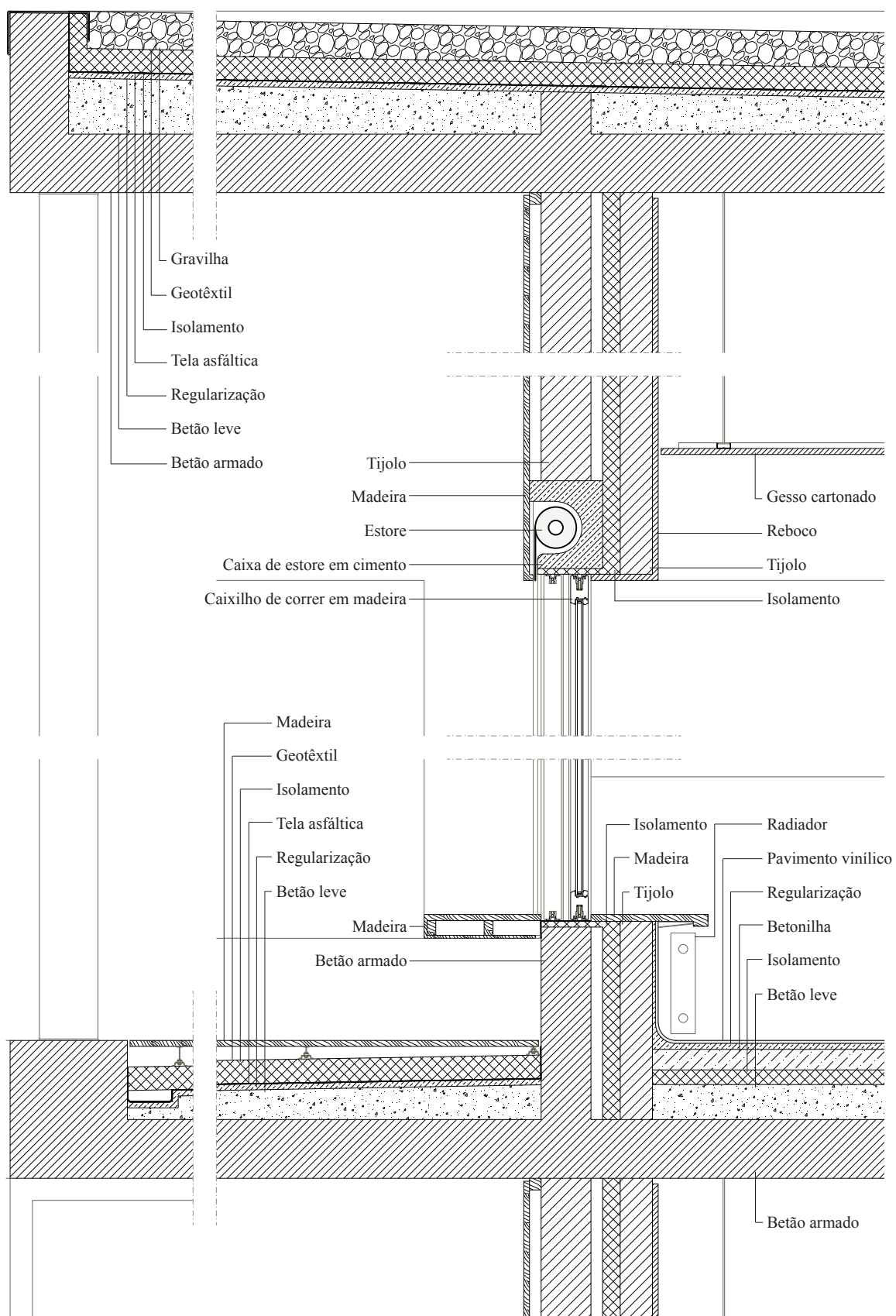
⁸³ GRAÇA DIAS, Manuel; *Uma colecção de surpresas*; A casa de quem faz as casas, TVI Player; 14 de Janeiro de 2017



i113. Vista do interior do quarto



i114. Vista da galeria exterior dos quartos



i115. Pormenor da parede exterior do quarto; Escala 1:20

Considerações finais

A propriedade situada no Largo do Cô, em Penamajor, surge como resposta à urgente necessidade de Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas, na região de Paços de Ferreira. Após uma análise do lugar, a sua atmosfera e a sua morfologia apresentam-se recetivas a acolher um edifício com este programa.

Ao idealizar o projeto de lar nesta propriedade, imagina-se que dará continuidade à identidade da região e que irá fazer surgir a vivência sentida outrora. Neste sentido, o espaço é tanto recetível ao projeto como o projeto responderá às necessidades do lugar. Tenciona-se que o edifício se integre na envolvente, sem assumir uma posição de contraste para com o existente, a nível de edificação e espaços exteriores, de modo a que exista uma fusão entre a nova proposta e o contexto espacial presente. Através deste relacionamento simbiótico, é possível trazer vida para um lugar que começava a ser esquecido. Atualmente, o proveito social do lugar é sentido apenas nos dias de feira, pelo que se pretende que haja uma (re)descoberta do sítio como palco de outras atividades.

Com a inclusão e participação dos idosos na comunidade, permite-se que o lugar usufrua de um maior movimento, tirando partido dos seus pontos fortes, e dando resposta(s) às necessidades da população idosa. O contacto com outras pessoas permite escapar à monotonia que se pode fazer sentir no quotidiano do lar, proporcionando, ao indivíduo idoso, uma melhor qualidade na sua rotina diária. Neste sentido, é objetivo deste projeto promover atividades estimulantes, através da própria conceção espacial da proposta, que se destina tanto ao conforto físico como à superação de algumas dificuldades sociais. Deste modo, o lar proposto é projetado como um mecanismo que tem como princípio estimular os seus usuários, em prol do seu bem-estar e desenvolvimento. Uma vez que a envolvente faz parte do lar, os idosos são incentivados ao contacto com outras pessoas e com o lugar. O edifício expõe-se e relaciona-se com o exterior, porém possibilita, bilateralmente, a ocultação. O idoso terá a perceção e a possibilidade de contacto com o mundo exterior ao lar, podendo também optar por se resguardar no seu mundo íntimo.

Apelando ao mesmo objetivo traçado, a conceção estrutural é pensada como uma cidade, como uma comunidade dentro de outra comunidade, que é o lugar. O edifício articula simultaneamente áreas comunitárias, serviços de acompanhamento aos idosos e alojamento. Deste modo, espaços coletivos e individuais estão relacionados, em prol de um bom funcionamento do lar, havendo, naturalmente, necessidade da sua diferenciação. Então, uma vez que o espaço urbano se interliga com edifício, estabelece-se uma gradação do referido espaço coletivo exterior para um domínio privado, à medida que a composição se estende. Deste modo, pretende-se que a circulação pelo lar seja fluida e que os espaços

alcancem dois domínios extremos de intimidade.

Nos espaços coletivos, surge a mesma preocupação que se identifica no exterior, sendo necessário incentivar o idoso à sociabilidade na comunidade do lar. Deste modo, ao induzir o contacto social e, consequentemente, as relações entre vizinhos, a atmosfera do edifício adotará um carácter familiar. No entanto, quando se afirma que a estrutura arquitetónica pretende incentivar o desenvolvimento de atividades, aquando da experiência espacial, de forma alguma a intenção é forçar ou cingir os usuários. Pretende-se precisamente o oposto. A intenção é, então, facilitar oportunidades para tais atividades acontecerem e construir uma certa liberdade, de modo aos usuários se sentirem confortáveis e confiantes para as desenvolverem.

Sendo que o lar é a casa dos moradores, opta-se por uma abordagem de atribuir uma liberdade ao indivíduo no uso do espaço. Para tal, projetam-se espaços sem uma função inscrita e suscetíveis a interpretações. Deste modo, os usuários têm a possibilidade de se apropriarem do espaço e o tornarem seu. O edifício está, então, numa constante metamorfose, pelo que depende das interpretações de cada indivíduo que o manipula. As oportunidades para apropriação dos espaços multiplicam-se à medida que a composição arquitetónica vai assumindo maior espacialidade individual, com o propósito de culminar, assim, numa sensação de apropriação integral do espaço, na zona dos quartos. Forma-se um espaço que visa receber a plenitude do indivíduo, disponibilizando-lhe um abrigo, um retiro, um lugar oculto.

Propondo-se o edifício ser um equipamento social, é necessário permitir a oscilação de moradores, em conciliação com a ideia anteriormente referida. Deste modo, o espaço deve ser abstrato e estar sempre disponível para se adaptar à identidade de cada morador e às suas intenções e interpretações.

O projeto proposto converge no estudo de uma composição de elementos que sugerem diferentes experiências espaciais e, consequentemente, influenciarão o quotidiano dos usuários. A configuração dos espaços é, então, considerada a solução para a articulação de atmosferas, para unir ou afastar grupos ou pessoas. Com a finalidade de tornar o equipamento social num espaço familiar aos seus moradores, é necessário conceber referências que os moradores reconhecem e associam ao sentimento de espaço de habitar. Deste modo, o edifício pretende funcionar como um recetáculo da vida que os usuários transportam. (...) *a arquitectura não termina em ponto algum, vai do objecto ao espaço e, por consequência, a relação*

*entre os espaços, até ao encontro com a natureza.*⁸⁴ O lar é desenhado como a estrutura arquitetónica, que será complementada, numa segunda camada, pela vida dos usuários, pelas suas rotinas e eventualidades.

Mais que a formulação de um projeto, a presente dissertação permitiu-me debruçar sobre um tema, que considero de interesse máximo, que relaciona a arquitetura com a vida do indivíduo que a experiencia. O processo arquitetónico não se limita apenas à formulação de espaços, mas à previsão de todas as formas de vida que poderão se apropriar deles e, conseqüentemente, modificá-los. (...) *o carácter essencial da arquitetura - o que a distingue das outras atividades artísticas - está no fato de agir com um vocabulário tridimensional que inclui o homem.*⁸⁵ Deste modo, o processo criativo compreendeu uma reflexão sobre a funcionalidade do edifício, em simultâneo com uma reflexão sobre a ambiguidade e complexidade das relações que os usuários estabelecem com o espaço. Para o programa de um lar de idosos, o objetivo foi criar liberdade de escolhas dos usuários num espaço e permitir que o projeto consiga responder de forma eficaz a essa complexidade que é a própria vida, numa idade em que já existe um certo modo de vida implícito e pouca abertura para fugir às rotinas previamente estabelecidas. Tentou-se, então, uma aproximação à realidade, pelo que o pensamento do projeto ultrapassa a composição de uma estrutura arquitetónica e introduz questões de interpretação e vivência do espaço formado. A arquitetura é uma arte dinâmica e interativa na qual o arquiteto representa um papel incompleto, pelo que se traduz numa prática social. Contudo, assim como o indivíduo influencia a arquitetura, a arquitetura tem o poder de influenciar a vivência do indivíduo, pelo que o arquiteto deve integrar uma reflexão sobre a sua dimensão no exercício de projeto, tendo sempre como objetivo o benefício do usuário.

⁸⁴ VIEIRA, Álvaro Siza; *Imaginar a evidência*; Lisboa: Edições 70; 1998; p.31

⁸⁵ ZEVI, Bruno; *Saber ver a Arquitectura*; São Paulo: Martins Fontes; 2002; p.17

Referências bibliográficas

Livros e artigos

- ACEBILLO, José e STEEGMANN, Enrique; *Las medidas en arquitectura*; Barcelona: Gustavo Gili; 2008
- BENTES, Manuela; *Estudo de Antropologia e Linguística na Região Entre-Douro e Minho (Paços de Ferreira)*; Paços de Ferreira: Patrium; 2007
- CAPITEL, Antón; *La arquitectura del patio*; Barcelona: Gustavo Gili; 2005
- CECILIA, Fernando Márquez e LEVENE, Richard; *Aires Mateus 2002 2018*; Madrid: El Croquis; 2018
- CECILIA, Fernando Márquez e LEVENE, Richard; *David Chipperfield: 1991-2006*; Madrid: El Croquis; 2006
- CHING, Francis D. K.; *Arquitectura: forma, espacio y orden*; México: Gustavo Gili; 1998
- FRAMPTON, Kenneth; *Álvaro Siza: tutte le opere*; Milão: Electa; 2005
- GEHL, Jan; *La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios*; Barcelona: Editorial Reverté; 2006
- HERTZBERGER, Herman; *Articulations*; Munique: Prestel; 2002
- HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996
- MALDONADO, Josep e SABATER, Txatxo; *Nous descriptors, nous operadors projectuals*; Barcelona: EAV; 2007
- NEUFERT, Ernst; *Arte de projetar em arquitetura*; São Paulo: Gustavo Gili; 1998
- NORBERG-SCHULZ, Christian; *L'abitare: L'insediamento, lo spazio urbano, la casa*; Milão: Electa; 1984
- NORBERG-SCHULZ, Christian; *Nuevos caminos de la arquitectura: Existencia, espacio y arquitectura*; Barcelona: Editorial Blume; 1975
- SILVA, Francisco Ribeiro da; *Paços de Ferreira na Idade Moderna*; Paços de Ferreira: Câmara

Municipal; 1986

- SILVA, Ana Sofia Pereira da; *La intimidad de la casa: el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*; Buenos Aires: Diseño; 2015
- TÁVORA, Fernando; *Da Organização do Espaço*; Porto: FAUP Publicações; 2008
- VIEIRA, Álvaro Siza; *01 Textos*; Porto: Civilização; 2009
- VIEIRA, Álvaro Siza; *Imaginar a evidência*; Lisboa: Edições 70; 1998
- YOSHIDA, Nobuyuki; *Peter Zumthor*; Tóquio: a+u; 1998
- ZEVI, Bruno; *Saber ver a Arquitectura*; São Paulo: Martins Fontes; 2002
- ZUMTHOR, Peter; *Atmospheres*; Basel: Birkhäuser; 2015
- ZUMTHOR, Peter; *Peter Zumthor works: buildings and projects 1979-1997*; Baden: Lars Muller Publishers; 1998
- ZUMTHOR, Peter; *Thinking architecture*; Basel: Birkhäuser; 2006

Documentos

- QUARESMA, Maria de Lurdes; *Cuidados Familiares às Pessoas Muito Idosas*; Lisboa: Direcção-Geral da Acção Social; Dezembro de 1996
- BONFIM, Catarina de Jesus, GARRIDO, Manuel Martins, SARAIVA, Maria Eugénia e VEIGA, Sofia Mercês; *Lar para Idosos (Condições de implantação, localização, instalação e funcionamento)*; Lisboa: Direcção-Geral da Acção Social; Dezembro de 1996
- *Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais, Lares de Idosos*; Segurança Social; 2007
- *Cadernos Técnicos PROCIV #4, Estabelecimentos de Apoio Social a Pessoas Idosas, Manual para a Elaboração de Planos de Segurança*; Autoridade Nacional de Protecção Civil; Dezembro de 2008
- *Carta Social, Folha Informativa n.º19, Outubro 2015*; Lisboa: Gabinete de Estratégia e Planeamento

(GEP); 2015

- *Carta Social, Rede de Serviços e Equipamentos, Relatório 2015*; Lisboa: Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP); 2015
- *Norte Estrutura, Edição Primavera 2017*; Porto: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte; 2017

Legislação

- *Decreto-Lei n.º 38 382 de 7 de Agosto de 1951*; Regulamento geral das edificações urbanas
- *Decreto-Lei n.º 409/98 de 23 de Dezembro*; Regulamento de segurança contra incêndio em edifícios de tipo hospitalar
- *Portaria n.º 1275/2002 de 19 de Setembro*; Aprova as normas de segurança contra incêndio a observar na exploração de estabelecimentos de tipo hospitalar
- *Decreto-Lei n.º 163/2006 de 8 de Agosto*; Aprova o regime da acessibilidade aos edifícios e estabelecimentos que recebem público, via pública e edifícios habitacionais
- *Plano Diretor Municipal de Paços de Ferreira*, Dezembro de 2007
- *Portaria n.º 1532/2008 de 29 de Dezembro*; Regulamento técnico de segurança contra incêndio em edifícios
- *Regulamento Municipal da Urbanização e Edificação de Paços de Ferreira*, Julho de 2010
- *Portaria n.º 67/2012 de 21 de Março*; Define as condições de organização, funcionamento e instalação a que devem obedecer as estruturas residenciais para pessoas idosas

Websites

- <https://www.archdaily.com.br>
- <http://www.cartasocial.pt/>
- <http://censos.ine.pt/>
- <http://www.cm-pacosdeferreira.pt/>

Outros

- Entrevistas: *A casa de quem faz as casas*; TVI Player; disponível em <http://tviplayer.iol.pt/programa/a-casa-de-quem-faz-as-casas/5846a30d0cf20177501f2f7b>
- Conferência: Txatxo Sabater em Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto; 09 de Março de 2018

Iconografia

i1 a i22. Fotografia da autora

i23 e i24. https://pt.wikipedia.org/wiki/Pa%C3%A7os_de_Ferreira; editado pela autora

i25. Esquema da autora, com base em vista aérea retirada de <https://www.google.pt/maps/>

i26. “Un banco para descansar cada 100 metros. ¡Por favor!” em GEHL, Jan; *La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios*; Barcelona: Editorial Reverté; 2006; p.176

i27. QUARESMA, Maria de Lurdes; *Cuidados Familiares às Pessoas Muito Idosas*; Lisboa: Direcção-Geral da Acção Social; Dezembro de 1996; p.63

i28. *Carta Social, Folha Informativa n.º19, Outubro 2015*; Lisboa: Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP); 2015; p.3; editado pela autora

i29, i30 e i31. Fotografia da autora

i32. “Saludando a los viejos amigos, Bilbao” em GEHL, Jan; *La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios*; Barcelona: Editorial Reverté; 2006; p.20

i33. “Información sobre el entorno social” *ibidem*; p.28

i34. *Carta Social, Rede de Serviços e Equipamentos, Relatório 2015*; Lisboa: Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP); 2015; p.45; editado pela autora

i35. HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.61

i36. Desenho da autora

i37. Proposta apresentada pela autora e Ana Graça no concurso *Home: 24h competition, 21th edition*; organizado por Ideas Forward; Dezembro 2018

i38. HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.55

i39. *Ibidem*; p.152

i40. https://www.archdaily.com/803386/lar-casa-de-magalhaes-carvalho-araujo-arquitectura-e-design?ad_medium=gallery

i41. <https://assp.pt/pt/beneficios/residencias-senior/carcavelos#pid=2>

i42. CECILIA, Fernando Márquez e LEVENE, Richard; *Aires Mateus 2002 2018*; Madrid: El Croquis; 2018; p.107

i43, i44 e i45. https://www.archdaily.com/803386/lar-casa-de-magalhaes-carvalho-araujo-arquitectura-e-design?ad_medium=gallery

i46, i47 e i48. Desenhos cedidos por Souto Moura Arquitectos

i49 e i50. CECILIA, Fernando Márquez e LEVENE, Richard; *Aires Mateus 2002 2018*; Madrid: El Croquis; 2018; p.102

i51. *Ibidem*; p.104

i52. https://www.archdaily.com/803386/lar-casa-de-magalhaes-carvalho-araujo-arquitectura-e-design?ad_medium=gallery

i53. <http://www.afaconsult.com/portfolio/14811/92/casa-do-professor-de-cascais>

i54. CECILIA, Fernando Márquez e LEVENE, Richard; *Aires Mateus 2002 2018*; Madrid: El Croquis; 2018; p.99

i55 a i60. Fotografia da autora da maquete à escala 1:500

i61 a i66. Desenho da autora

i67. FRAMPTON, Kenneth; *Álvaro Siza: tutte le opere*; Milão: Electa; 2005; p.342

i68. *Ibidem*; p.354

i69. *Ibidem*; p.342

i70 e i71. *Ibidem*; p.343

i72. *Ibidem*; p.347

i73. CHING, Francis D. K.; *Arquitectura: forma, espacio y orden*; México: Gustavo Gili; 1998; p.102

i74. *Ibidem*; p.146

i75. https://es.wikipedia.org/wiki/Jard%C3%ADn_del_Para%C3%ADso

i76. GEHL, Jan; *La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios*; Barcelona: Editorial Reverté; 2006; p.19

i77. *Ibidem*; p.24

i78. Desenho da autora

i79. GEHL, Jan; *La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios*; Barcelona: Editorial Reverté; 2006; p.170

i80. HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.177

i81, i82 e i83. Desenho da autora

i84. CHING, Francis D. K.; *Arquitectura: forma, espacio y orden*; México: Gustavo Gili; 1998; p.131

i85. *Ibidem*; p.152

i86. HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.202

i87 e i88. Desenho da autora

i89. HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.219

i90 e i91. Desenho da autora

i92. CECILIA, Fernando Márquez e LEVENE, Richard; *David Chipperfield: 1991-2006*; Madrid: El Croquis; 2006; p.283

i93. *Ibidem*; p.289

i94, i95 e i96. Desenho da autora

i97. “Estudios de Borromini, para la fachada interior de una basílica” em CHING, Francis D. K.; *Arquitectura: forma, espacio y orden*; México: Gustavo Gili; 1998; p.364

i98. SILVA, Ana Sofia Pereira da; *La intimidad de la casa: el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*; Buenos Aires: Diseño; 2015; p.37

i99. YOSHIDA, Nobuyuki; *Peter Zumthor*; Tóquio: a+u; 1998; p.80

i100. ZUMTHOR, Peter; *Peter Zumthor works: buildings and projects 1979-1997*; Baden: Lars Muller Publishers; 1998; p.93

i101. <http://www.wissounig.com/projects/pflegewohnheim-peter-rosegger?lang=en>

i102. <https://www.archdaily.com.br/br/760936/lar-de-idosos-peter-rosegger-dietger-wissounig-architekten>

i103 e i104. HERTZBERGER, Herman; *Lições de arquitetura*; São Paulo: Martins Fontes; 1996; p.40

i105 e i106. *Ibidem*; p.168

i107. Desenho da autora

i108. “Una oportunidad para mantener los contactos establecidos” em GEHL, Jan; *La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios*; Barcelona: Editorial Reverté; 2006; p.26

i109. <http://www.wissounig.com/projects/pflegewohnheim-peter-rosegger?lang=en>

i110. Imagem da autora

i111 e i112. Desenho da autora

i113 e i114. Imagem da autora

i115. Desenho da autora

Faculdade de Arquitetura
Universidade do Porto
2019

Entre o singular e o coletivo

Projeto de um Lar de Idosos em Penamajor, Paços de Ferreira

Volume II

Francisca Freitas Gomes de Carvalho Ribeiro

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Sob a orientação do Professor Doutor Carlos Adriano Magalhães Macedo Prata

Índice

5	Desenhos recolhidos
15	Desenhos de levantamento
23	Requisitos legais e funcionais para a construção de um Lar de Idosos
35	Quadro de áreas
41	Desenhos do projeto

Desenhos recolhidos



Planta da área de estudo
disponibilizada pelo arquivo da Câmara Municipal de Paços de Ferreira

Escala 1:2000

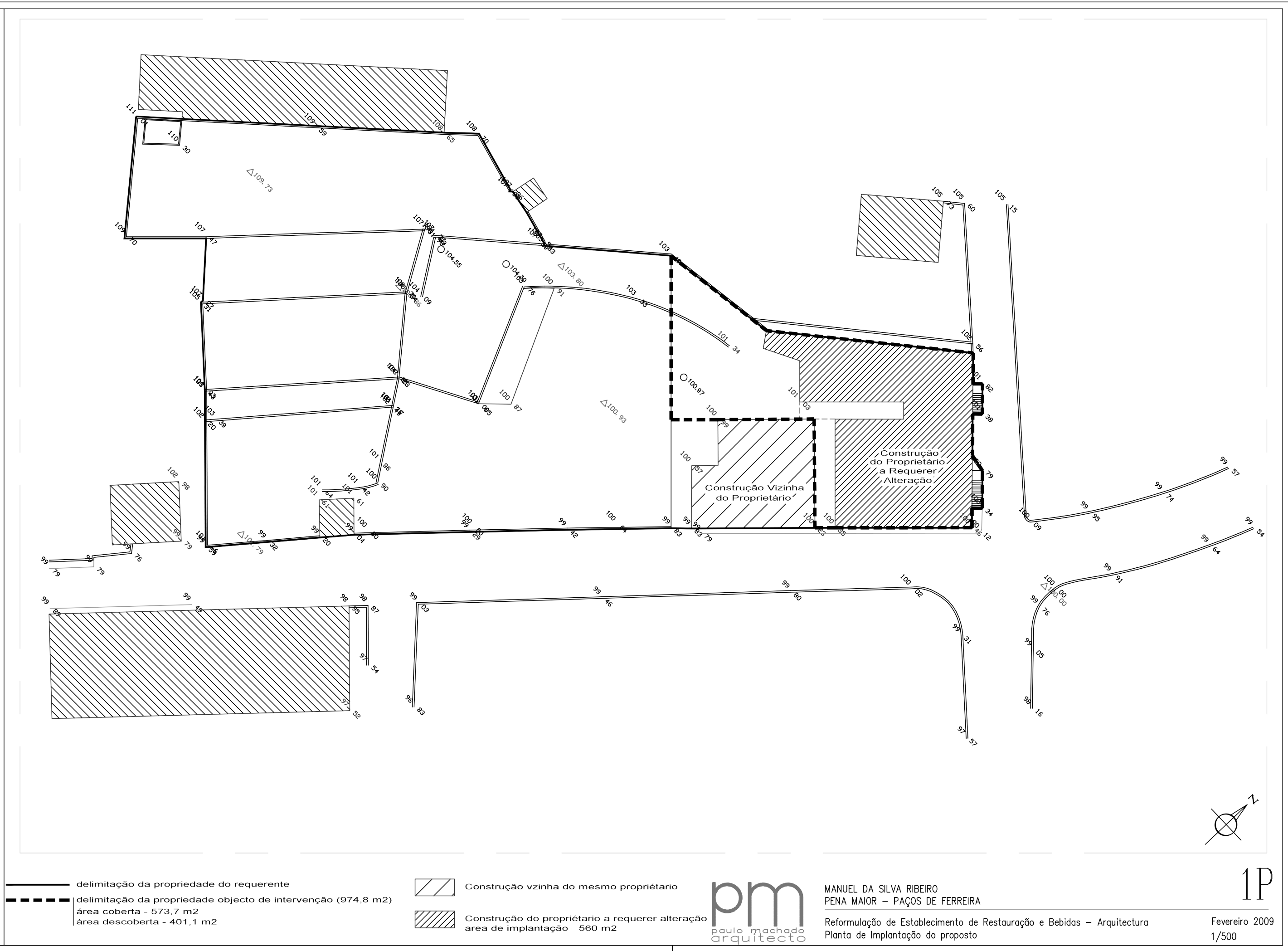


Planta de Localização



Planta de localização para projeto de reabilitação da construção vizinha





Planta proposta para projeto de reabilitação da construção vizinha



Alçado Lateral Direito do Proposto



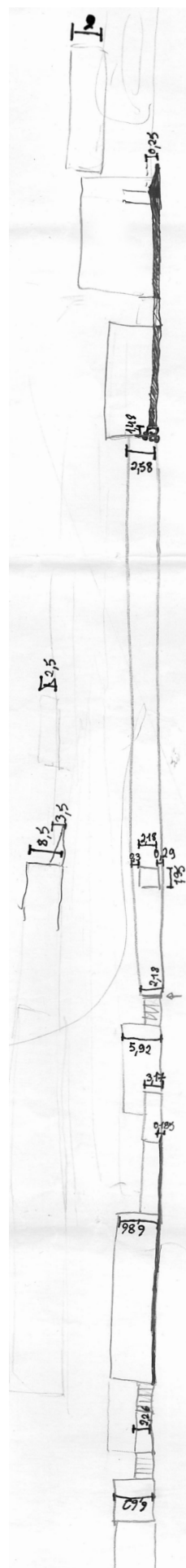
Construção Vizinha
do proprietário

edifício a propor alteração

Alçado Principal do Proposto

Alçados propostos para projeto de reabilitação da construção vizinha

Desenhos de levantamento

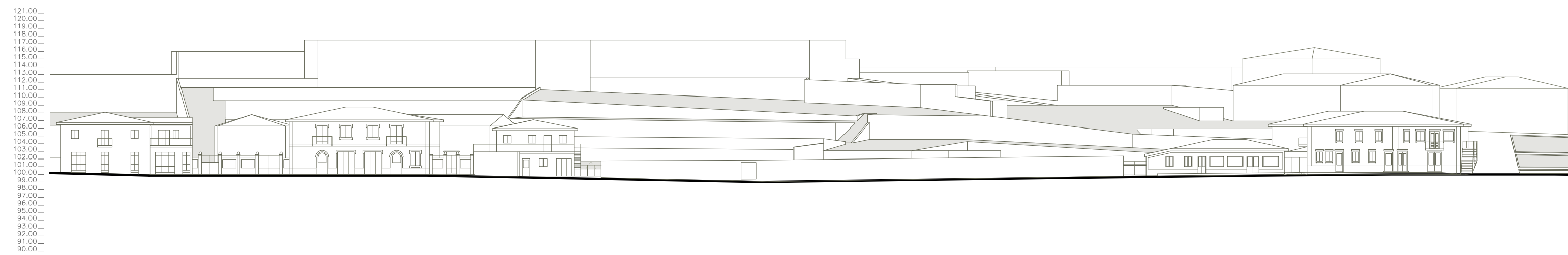




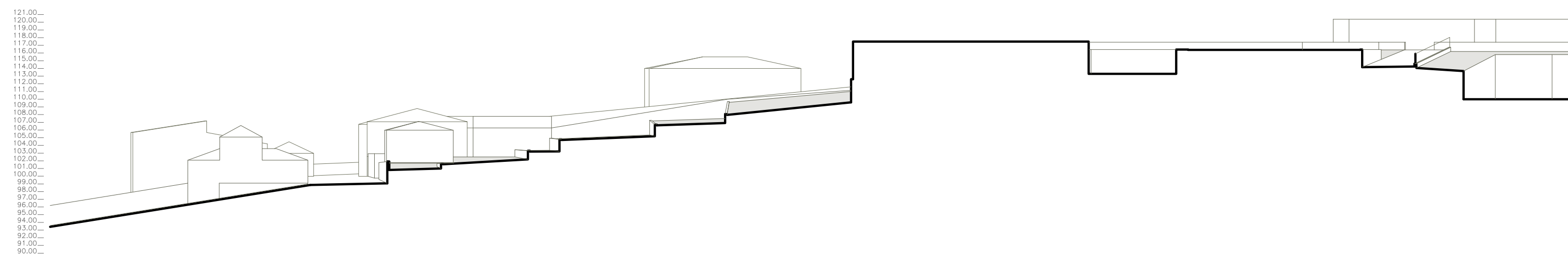
— Limite da propriedade 7 350 m²

Planta com mapeamento das imagens do Volume I

Escala 1:500



Corte A-A'



Corte B-B'

Alçado frontal e corte transversal

Escala 1:500

Requisitos legais e funcionais para a construção de um Lar de Idosos

		Portaria n.º 67/2012 de 21 de Março	Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais, Lares de idosos; Segurança Social; 2007	Lar para Idosos (Condições de implantação, localização, instalação e funcionamento); Direcção-Geral da Acção Social; 1996	Área mínima (considerando 57 residentes)
entrada	posto de segurança		Local, permanentemente vigiado, dum edifício onde é possível controlar todos os sistemas de vigilância e de segurança, os meios de alerta e de comunicação interna, bem como os comandos a acionar em situação de emergência.		
	átrio	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 1 — Área de receção 1.1 — Destina-se à receção, ao atendimento e espera. 1.2 — A iluminação deve ser adequada para espaço de transição com o exterior, protegida das intempéries e permitir o fácil encaminhamento para os acessos verticais e horizontais do edifício. 1.3 — A área a considerar depende diretamente da dimensão da estrutura residencial; área útil mínima: 9 m ² . 1.4 — Na proximidade desta área devem prever-se instalações sanitárias, separadas por sexo, e acessíveis a pessoas com mobilidade condicionada	As cabinas das instalações sanitárias previstas para a área de acesso principal não podem ter uma área útil inferior a 2,72 m ² (1,60 m x 1,70 m); área mínima 12 m ²	Área que deve constituir o único espaço de entrada e saída dos residentes, 6 m ² para um lar de 30 a 40 pessoas.	9 m ²
	arrecadação de malas		As arrecadações gerais têm de ter uma área mínima de 20 m ²	Espaço composto por parteleiras destinado a arrecadação dos objetos pertencentes aos residentes. Refere-se aos objetos que não devem estar nos armários dos quartos, como por exemplo: malas, sacos, etc. Os residentes devem ter um acesso fácil a este espaço, que se estima em 15 m ² para um lar de 30 a 40 pessoas.	20 m ²
espaços de estar	sala de convívio	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 4 — Área de convívio e atividades 4.1 — Destina-se a convívio, lazer e atividades a desenvolver pelos residentes e deve localizar-se na proximidade da receção ou ter uma articulação fácil com esta. 4.2 — Para atividades específicas, deve esta área estar apta ao uso de utensílios de trabalho, conforme o caso, bem como ter as condições ambientais e de iluminação e de conforto necessárias. 4.3 — Deve incluir os seguintes espaços com as áreas úteis mínimas de: a) Salas de estar/atividades: 2 m ² / residente, para uma utilização, em simultâneo, no mínimo de 80% dos residentes; área útil mínima: 15 m ² .	Área destinada a estar e convívio dos clientes. Este espaço deve proporcionar zonas acolhedoras e diversificadas, dedicadas a actividades tais como ver televisão, jogar (jogos de mesa), conversar, ouvir música. É recomendável que seja dimensionada para o máximo de 20 clientes e que sejam contíguas em cada Unidade Funcional e possibilitem a sua ligação (por exemplo através de portas de correr) para junção dos espaços em ocasiões específicas. A área mínima estimada é de 64 m ² (40 utentes), 128 m ² (80 utentes) e 192 m ² (120 utentes).	Área destinada a conviver, jogar, ver TV e executar tarefas domésticas. Luz natural desejável. Deve situar-se numa zona central em relação às restantes dependências, ter condições que facilitem a permanência dos idosos e ter na proximidade pelo menos uma instalação sanitária com sanita e lavatório. Área mínima 1,20 m ² por utente, não podendo ser inferior a 12 m ² . Deverá estar equipada com mesas, cadeiras de braços e armários para guardar material e sofás confortáveis, não muito baixos nem muito fundos de modo a facilitar os movimentos de sentar e levantar e a permitir o apoio dos pés no chão; devem ser revestidos de material facilmente lavável. O revestimento dos pavimentos deve ser liso, nivelado, com materiais antiderrapantes, não inflamáveis e facilmente laváveis. As paredes, de cores claras, sem excessiva rugosidade e facilmente laváveis, poderão ser protegidas por régua de madeira à altura das costas das cadeiras e mesas.	92 m ²
	biblioteca		Espaço composto por estantes para livros, mesas de leitura e escrita e, pelo menos, um posto informático com acesso à Internet, com uma área estimada de 16 m ² .		16 m ²
	espaço de culto	Artigo 8.º - Serviços 4 — A estrutura residencial deve ainda permitir a assistência religiosa, sempre que o residente o solicite, ou, na incapacidade deste, a pedido dos seus familiares ou representante legal.	O Lar deve permitir a assistência religiosa, sempre que o cliente a solicite, ou, na incapacidade deste, a pedido dos seus familiares.		
	instalações sanitárias	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 4 — Área de convívio e atividades 4.3 — Deve incluir os seguintes espaços com as áreas úteis mínimas de: b) Instalações sanitárias separadas por sexo, em que o equipamento a instalar será em número adequado, considerando uma cabine com sanita e um lavatório por cada 10 residentes e, pelo menos uma delas, acessível a pessoas com mobilidade condicionada com 4,84 m ² . 4.4 — As instalações sanitárias podem ser dispensadas desde que haja proximidade entre a sala de convívio e atividades e as instalações sanitárias previstas para a área de refeições.	As instalações sanitárias deverão ter uma área mínima de 6 m ² (40 utentes), 12 m ² (80 utentes) e 18 m ² (120 utentes). A instalação sanitária acessível deverá ter uma área mínima de 9,68 m ² (40 utentes), 19,36 m ² (80 utentes) e 29,04 m ² (120 utentes).		2,5 m ² x 5 + 4,84 m ²

		Portaria n.º 67/2012 de 21 de Março	Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais, Lares de idosos; Segurança Social; 2007	Lar para Idosos (Condições de implantação, localização, instalação e funcionamento); Direcção-Geral da Acção Social; 1996	Área mínima (considerando 57 residentes)
zona de refeições	sala de refeições	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 5 — Área de refeições 5.1 — Destina -se à tomada de refeições. 5.2 — Esta área deve incluir os seguintes espaços com as áreas úteis mínimas: a) Sala de refeições: 2 m ² / residente, para uma utilização, em simultâneo, no mínimo de 80% dos residentes; área útil mínima: 20 m ² . Podem ser projetadas zonas de refeição, sendo a área total necessária deste compartimento subdividida em pequenos espaços por qualquer tipo de paramento amovível ou equipamento móvel. 5.3 — A sala de refeições não pode ser local de passagem para outras áreas funcionais e deve ter boas condições acústicas e ligação visual com o exterior.	Este espaço é recomendável que seja(m) dimensionado(s) para até 20 clientes, sejam contíguas em cada Unidade Funcional e possibilitem a sua ligação (por exemplo através de portas de correr) para junção dos espaços em ocasiões específicas. É recomendável a utilização de mesas para 4 pessoas, com pelo menos 50% das mesas devem ser adequadas ao uso por pessoas em cadeira de rodas. A área mínima é de 100 m ² (40 utentes), 200 m ² (80 utentes) e 300 m ² (120 utentes).	Espaço destinado a tomar refeições. Deverá ter ligação directa ao serviço da cozinha e permitir, pela disposição do mobiliário, uma livre circulação dos idosos, nomeadamente em cadeiras de rodas. A luz natural desejável. A área estimada deste espaço deverá ser de 1,20 m ² / residente e deverá estar equipado com mesas dimensionadas para quatro a seis pessoas com uma altura aproximada de 0,70 m, deve também existir mesas de refeições próprias para apoio às camas articuladas em número adequado e as cadeiras devem ter uma altura aproximada de 0,40 m. As paredes das salas de refeições deverão ser protegidas por régua de madeira à altura das costas das cadeiras e mesas. Devem também ser de cores claras, constituir superfícies regulares sem excessiva rugosidade e apresentar boa resistência aos choques.	92 m ²
	instalações sanitárias	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 5 — Área de refeições 5.2 — Esta área deve incluir os seguintes espaços com as áreas úteis mínimas: b) Instalações sanitárias separadas por sexo, em que o equipamento a instalar será de lavatório e sanita em número adequado, considerando uma cabine com sanita e um lavatório por cada 10 residentes e, pelo menos uma delas, acessível a pessoas com mobilidade condicionada com 4,84 m ² . 5.4 — As instalações sanitárias podem ser dispensadas desde que haja proximidade entre a sala de refeições e as instalações sanitárias previstas para a área de convívio e atividades.		Área destinada a cuidados de higiene. O número de cabines com sanita, bidé e lavatório deve ser de um para cada 6 pessoas. A área estimada da cabine com sanita, bidé e lavatório é de 2,5 m ² , contudo as cabines que possam ser utilizadas para pessoas em cadeiras de rodas deverão ter uma área de 4 m ² . As cabines devem ter acesso fácil, porta a abrir para fora e ser munidas de apoios de parede adequados. As portas devem poder ser sempre abertas também pelo exterior.	2,5 m ² x 5 + 4,84 m ²
	copa	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 7 — Área de cozinha com copa 7.2.1 — Os espaços a considerar são: b) Espaço complementar, integrado no espaço principal ou com comunicação direta com este, organizado em duas outras zonas: zona de lavagem de loiça e de utensílios de cozinha (também designada por copa suja) e zona de distribuição das refeições (também designada por copa limpa).	Este espaço deverá ter uma área mínima 12 m ² (80 utentes) e 18 m ² (120 utentes).	Área destinada a lavar e depositar louça, assim para depositar lixos para posterior evacuação. A copa faz a ligação entre a cozinha e a sala de refeições.	8,55 m ²
	cozinha	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 7 — Área de cozinha com copa 7.1 — Destina-se à preparação de refeições. 7.2 — A cozinha deve ser dimensionada ao número de refeições a confeccionar ou servir e ser objeto de projeto específico para a instalação dos equipamentos de trabalho fixos e móveis, bem como dos aparelhos e máquinas necessários, sempre que a capacidade seja superior a 15 residentes. 7.2.1 — Os espaços a considerar são: a) Um espaço principal, organizado em três zonas: zona de higienização dos manipuladores de alimentos; zona de preparação de alimentos e zona de confeção de alimentos; c) Espaços anexos, compostos por despensa e compartimento de frio. 7.2.2 — A área mínima útil da cozinha é de 10 m ² .	Esta zona deve dispor de um lavatório, localizado junto à entrada do espaço principal da cozinha; bancadas e cubas de lavagem dos alimentos, distintas para carne, peixe e legumes (zona de preparação); Bancada de apoio e equipamentos de confecção, localizados sob o equipamento de exaustão (zona de confecção); Bancada para receção de loiça suja, recipiente para resíduos, cuba(s) de lavagem de loiça e utensílios e máquina de lavar loiça (zona de lavagem); Bancada com prateleiras e gavetas, para a pré-distribuição dos pratos; Armários para arrumação separada de utensílios, aparelhos e produtos utilizados na higiene e limpeza da cozinha. A área mínima é de 30 m ² (40 utentes), 42 m ² (80 utentes) e 54 m ² (120 utentes).	Área destinada a preparar, confeccionar e distribuir refeições. A organização deste espaço obriga à consideração de 3 zonas: zona de preparação, zona de confeção e zona de lavagem do trem de cozinha. A zona de preparação deve ter acesso fácil à despensa. É aconselhável que a cozinha contacte diretamente com o exterior para o processamento de abastecimentos e evacuação de lixos. A ligação da cozinha e a sala de refeições deve fazer-se através da copa. Área estimada deste espaço é de 35 m ² para lar de 30 a 40 pessoas e deverá dispor dos equipamentos para o normal funcionamento tendo em conta a capacidade do lar. As paredes da cozinha devem ser revestidas de azulejo ou outro material lavável, pelo menos até 1,5 m de altura.	10 m ²

		Portaria n.º 67/2012 de 21 de Março	Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais, Lares de idosos; Segurança Social; 2007	Lar para Idosos (Condições de implantação, localização, instalação e funcionamento); Direcção-Geral da Acção Social; 1996	Área mínima (considerando 57 residentes)
área de atividades	sala de cuidados de estética		Área destinada a cuidados de cabeleireiro, manicura e pedicura. Área estimada mínima de 12 m ²		12 m ²
	sala de atividades ocupacionais		Compartimento dedicado à realização de actividades tais como pintura, modelação, costura, etc. Este espaço deve ser flexível por forma a comportar as atividades que melhor respondem aos interesses dos clientes. Pelo menos uma das salas deve dispor de bancada de trabalho com ponto de água, com uma área estimada de 16 m ² , ou seja, 0,5 m ² / cliente. A área mínima deste espaço é de 20 m ² (40 utentes), 40 m ² (80 utentes) e 60 m ² (120 utentes).	Área destinada a conviver e a desenvolver atividades recreativas e culturais. Luz natural desejável. Deve situar-se numa zona central em relação às restantes dependências, ter condições que facilitem a permanência dos idosos e ter na proximidade pelo menos uma instalação sanitária com sanita e lavatório. Área mínima 1,20 m ² por utente, não podendo ser inferior a 12 m ² . Deverá estar equipada com mesas, cadeiras de braços e armários para guardar o material. O revestimento dos pavimentos deve ser liso, nivelado, com materiais antiderrapantes, não inflamáveis e facilmente laváveis. As paredes, de cores claras, sem excessiva rugosidade e facilmente laváveis, poderão ser protegidas por régua de madeira à altura das costas das cadeiras e mesas.	28,5 m ²
área de saúde	gabinete de saúde	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 8 — Área de serviços de enfermagem 8.1 — Destina-se à prestação de cuidados de enfermagem aos residentes, sendo, sempre que necessário, ocupada por médico assistente para atendimento dos residentes. 8.2 — Esta área deve incluir: a) Gabinete de enfermagem, com lavatório e marquesa, com a área útil mínima de 12 m ² ; b) Instalação sanitária anexa ao gabinete de enfermagem: 3,5 m ² , caso não exista outra na proximidade.	Este espaço deve dispor de uma cama articulada ou de duas macas, de um armário farmácia e de um frigorífico para medicamentos que necessitem de ser guardados no frio. Este espaço deve ainda dispor de um lavatório e de recipientes para deposição seletiva de resíduos do tipo hospitalar. O equipamento mínimo das instalações sanitárias de apoio ao Gabinete de Saúde deve ser composto por lavatório, sanita, bidé e duche embutido ou nivelado com o pavimento, com banco rebatível na zona do duche. A área mínima é de 14 m ² (40 utentes), 28 m ² (80 utentes) e 42 m ² (120 utentes). A instalação sanitária deverá ter uma área mínima de 4,42 m ² (40 utentes), 8,84 m ² (80 utentes) e 13,26 m ² (120 utentes).	Espaço para trabalhar individualmente / atender e consulta. Destina-se fundamentalmente à consulta médica dos residentes e pessoal, quando necessário; preparação de medicação e material de saúde; arquivo de processos de saúde dos residentes. Luz natural desejável. Área mínima estimada de 9 m ² . Deverá estar equipado com o material necessário à prestação de cuidados de saúde; deverá ainda ter: uma secretária, cadeiras e armários para guardar os processos de saúde (dos residentes e do pessoal).	15,5 m ²
	área de fisioterapia		Este espaço deverá ter uma área estimada de 20 m ² , ou seja, 0,5 m ² /cliente. A área mínima é de 40 m ² (80 utentes) e 60 m ² (120 utentes).		28,5 m ²
área administrativa	gabinete do diretor técnico	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 2 — Área de direção, serviços técnicos e administrativos 2.1 — Destina-se a local de trabalho da direção do estabelecimento e do pessoal técnico e administrativo, arquivo administrativo e expedientes vários. 2.2 — Deve localizar-se na proximidade da receção e incluir os seguintes espaços com as áreas úteis mínimas de: a) Gabinete da direção: 10 m ² ;	Espaço de posto de trabalho individual e zona para receber/reunir, com uma área mínima 12 m ² .	Espaço para trabalhar individualmente / atender. Destina-se fundamentalmente a: local de trabalho do diretor técnico do lar e de receção e atendimento dos utentes e seus familiares. Área mínima estimada de 9 m ² e deverá estar equipado com secretária, mesa de apoio, cadeiras e armários.	10 m ²
	gabinete técnico	b) Gabinete(s) técnico(s): 2 m ² / posto trabalho; área útil mínima: 10 m ² ;	Este espaço deve incluir uma zona para instalação de, pelo menos, um posto de trabalho individual, uma zona para a realização de pequenas reuniões e uma zona para o arquivo dos processos dos clientes, com uma área mínima de 12 m ² .		10 m ²
	gabinete administrativo	c) Gabinete(s) administrativo(s): 2 m ² / posto trabalho; área útil mínima: 10 m ² . O gabinete administrativo poder ser dispensado desde que fiquem asseguradas as funções administrativas.	Este espaço deve dispor de uma zona para instalação de posto(s) de trabalho individual e de uma zona destinada a arquivo administrativo, com uma área mínima de 12 m ² .		10 m ²
	sala de reuniões	d) Sala de reuniões, quando a capacidade for igual ou superior a 40 residentes: 10 m .	Este espaço deve existir em lares com mais do que uma Unidade Funcional destinado à realização de reuniões entre os técnicos destacados nas várias Unidades Funcionais, com uma área mínima de 14 m ² .		10 m ²
	arquivo		Em lares com mais do que uma Unidade Funcional devem dispor de uma sala de arquivo, destinada ao arquivo geral do Lar e ao arrumo de material de consumo, com uma área mínima de 6 m ² .	Espaço destinado ao arquivo dos processos sociais dos residentes, ou seja, arquivo de carácter administrativo e de expediente relacionado com a gestão.	6 m ²
	instalação sanitária	e) Instalação sanitária, que pode ser dispensada se houver outra na proximidade: 3 m ² .	As instalações sanitárias deverão ter uma área mínima de 5,44 m ² .		3 m ²

		Portaria n.º 67/2012 de 21 de Março	Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais, Lares de idosos; Segurança Social; 2007	Lar para Idosos (Condições de implantação, localização, instalação e funcionamento); Direcção-Geral da Acção Social; 1996	Área mínima (considerando 57 residentes)
unidade de alojamento	quartos	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 6 — Área de alojamento 6.1 — Destina -se a descanso dos residentes e deve localizar -se em zona de acesso restrito. 6.3 — Na modalidade de alojamento em quartos, estes devem estar agrupados de acordo com a estrutura do edifício, por forma a permitir um ambiente mais humanizado. 6.3.1 — Os espaços a considerar com as áreas úteis mínimas, são: a) Quarto individual: 10 m ² . Pode ser utilizado como quarto de casal, devendo para esse efeito ter uma área útil mínima de 12 m ² ; b) Quarto duplo: 16 m ² ; c) Quarto triplo: 20,5 m ² ; d) Instalações sanitárias próprias, podendo servir, no máximo, quatro residentes, sendo de acesso privado ou localizando -se na proximidade dos quartos: 4,5 m ² ; 6.3.3 — Os quartos podem ser individuais, duplos ou triplos, sendo que, pelo menos, 20% devem corresponder a quartos individuais e, no máximo, 20% a quartos triplos.	Deve-se evitar o aspecto hospitalar, ter ventilação e iluminação naturais e dispor de sistemas de regulação da entrada de luz natural. Todos os quartos devem ter instalação sanitária própria, completamente acessível e com acesso privativo. As instalações sanitárias privativas dos quartos devem ser compostas por lavatório, sanita, bidé e duche embutido ou nivelado com o pavimento, com banco rebatível na zona do duche.	Área destinada a dormir, descansar, cuidar da higiene pessoal dos residentes. Deverá procurar-se uma certa contiguidade entre os quartos para facilidade de vigilância e acompanhamento por parte do pessoal. Os quartos individuais devem corresponder a 10% da capacidade do lar. A existência de quartos triplos será admissível desde que o seu número não exceda 10% da capacidade do lar. A luz natural desejável. A área mínima estima dos quartos é de 9 m ² para quartos individuais, 13 m ² para quartos duplos e 18 m ² para quartos triplos. Os quartos deverão estar equipados com camas com dimensões de 1,90 x 0,90 x 0,60 m. Deverão existir mesas de cabeceira e armários-roupeiros individuais, contudo os armários-roupeiros não são incluídos nas áreas previstas para os quartos, dado que devem ser integrados na construção. As paredes dos quartos poderão ser protegidas por régua de madeira à altura das costas das cadeiras e camas.	14,5 m ² x 2 + 20,5 m ² x 30
	sala de estar com copa	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 6 — Área de alojamento 6.3.1 — Os espaços a considerar com as áreas úteis mínimas, são: e) Sala de estar com copa, por cada agrupamento de quartos: 12 m ² . 6.5 — A sala de estar com copa pode ser dispensada em unidades funcionais com capacidade não superior a 20 residentes.	Cada núcleo de até 10 quartos deve dispor de uma sala de estar, com copa. Este espaço deve ter uma área mínima 36 m ² (40 utentes), 72 m ² (80 utentes) e 108 m ² (120 utentes).	Área destinada à preparação de pequenas refeições pelos residentes, tais como lanches e/ou outras pequenas refeições e lavagem de peças de roupa pessoal. A área estimada deste espaço é de 5 m ² e deverá estar equipado com bancada com água corrente, fogão, pequeno frigorífico, armários, pequeno tanque e estendal.	12 m ² x 3
	enfermaria		Este espaço deve ter uma localização no edifício que permita a fácil ligação ao exterior, para evitar que uma eventual necessidade de evacuação não obrigue ao atravessamento de espaços utilizados pelos clientes. Deve ter capacidade para atender, no mínimo 5% dos clientes, em compartimentos com ocupação individual, dupla ou tripla. Deve ainda dispor de instalação sanitária anexa acessível, com um banho geriátrico. A área mínima recomendada é de 14 m ² para ocupação individual, 18 m ² para ocupação dupla e 24 m ² para ocupação tripla; largura mínima do compartimento deverá ser de 3,5 m e a área mínima de 18 m ² (40 utentes), 36 m ² (80 utentes) e 48 m ² (120 utentes).		18 m ² x 2
	banho geriátrico	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 6 — Área de alojamento 6.4 — Deve existir banho geriátrico com a área útil mínima de 10 m ² quando a capacidade da estrutura residencial for superior a 20 residentes.	Deverá existir um por piso e/ou Unidade Funcional, que deverá permitir o acesso à banheira, no mínimo, por três lados e ter espaço livre para manobrar o cliente em cadeira de rodas e permitir o acesso e uso de maca no seu interior. No caso de Lares com capacidade igual ou inferior a 15 clientes pode ser dispensada. Banheira acessível, com telefone de duche, sanita e lavatório, ambos com ajuda técnica. A área mínima recomendada é de 10 m ² (40 utentes), 20 m ² (80 utentes) e 30 m ² (120 utentes).		10 m ² x 2
	rouparia		Cada núcleo de até 10 quartos deve dispor de uma rouparia. Este espaço deverá ter uma área mínima 9 m ² (40 utentes), 18 m ² (80 utentes) e 27 m ² (120 utentes).		9 m ² x 3
	zona de sujos	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 6 — Área de alojamento 6.3.2 — Deve existir um compartimento de sujos por cada piso da área de alojamento.	Deverá existir um por piso e/ou Unidade Funcional, com uma pia de despejos hospitalares, Deverá ter uma área mínima 6 m ² (40 utentes), 12 m ² (80 utentes) e 18 m ² (120 utentes).		6 m ² x 2
	arrumos		Espaço destinado a arrecadações de produtos / equipamentos de limpeza. A área mínima recomendada é de 4 m ² .		4 m ²

		Portaria n.º 67/2012 de 21 de Março	Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais, Lares de idosos; Segurança Social; 2007	Lar para Idosos (Condições de implantação, localização, instalação e funcionamento); Direcção-Geral da Acção Social; 1996	Área mínima (considerando 57 residentes)
espaços complementares de serviço	sala do pessoal	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 3 — Área de instalações para o pessoal 3.1 — Destina-se ao pessoal, e será localizada onde melhor se considerar, desde que se assegure o fácil acesso aos funcionários e não implique atravessamentos de circulações com outras áreas funcionais distintas. 3.2 — Deve incluir os seguintes espaços com as áreas úteis mínimas: a) Sala de pessoal: 10 m ² .	Este espaço deverá ter uma área mínima 10 m ² (40 utentes), 20 m ² (80 utentes) e 30 m ² (120 utentes).	Área destinada para dormir e descansar. É também local de trabalho, como tal deve situar-se próximo dos quartos dos residentes, com capacidade para 2 pessoas. A luz natural é desejável. A área estimada deste espaço é de 9 m ² e deverá estar equipado com divã (um ou dois), mesa de trabalho, armário e prateleiras. Nota o armário roupeiro não deve incluir-se na área prevista para o quarto.	10 m ²
	balneários	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 3 — Área de instalações para o pessoal 3.2 — Deve incluir os seguintes espaços com as áreas úteis mínimas: b) Instalação sanitária, com equipamento sanitário completo, incluindo base de duche, sempre que não existam as instalações sanitárias previstas no número seguinte: 3,5 m ² . 3.3 — Devem ser incluídas instalações para o pessoal em funções na cozinha e lavandaria sempre que a estrutura residencial tenha uma capacidade superior a 15 residentes, com os seguintes espaços e com a área útil mínima de: a) Vestiário, zona de descanso: 6 m ² ; b) Instalação sanitária: 3,5 m ² .	Este espaço deverá ter como áreas mínimas: vestiários 12 m ² instalações sanitárias 6 m ² (80 utentes) e 9 m ² (120 utentes); instalações sanitárias com duche 7 m ² .	Um quarto de banho para higiene pessoal, com uma área estimada de 4 m ² , equipado com sanita, lavatório e chuveiro.	9,5 m ²
	tratamento de roupa	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 7 — Área de lavandaria 7.3 — A lavandaria deve localizar-se junto ao acesso de serviços e deve ser dimensionada ao número de residentes. 7.3.1 — Os espaços a considerar devem ter em conta: a) Depósito para receção da roupa suja; b) Máquinas de lavar e secar roupa; c) Depósito, armários e prateleiras para guardar a roupa lavada; d) Mesa de costura e bancada para passar a roupa a ferro. 7.3.2 — A área mínima útil da lavandaria é de 12 m ² . 7.3.3 — Caso a estrutura residencial recorra ao tratamento da roupa no exterior, a lavandaria pode ser simplificada, devendo existir os espaços necessários para proceder, em condições de higiene e de bom funcionamento, ao envio e à receção da roupa e respetivo depósito e separação.	Zona de expediente, lavagem, secagem, costura, engomadoria e de armazenamento de roupa. É recomendável estendal no exterior com acesso fácil a partir da zona de lavagem. A zona de lavagem deve ser delimitada por caleiras com grelha de drenagem para delimitação da zona húmida e o respectivo revestimento do piso deve ser lavável e antiderrapante. A área útil mínima deve ser de 20 m ² (até 15 camas ou tratamento de roupa no exterior), 30 m ² (superior a 15 e até 40 camas), 42 m ² (superior a 40 e até 80 camas) e 54 m ² (superior a 80 e até 120 camas).	Espaço destinado ao tratamento das roupas. Deverão ser consideradas duas zonas distintas, embora contíguas: uma zona húmida onde se procede à lavagem e uma zona seca onde se processam as restantes actividades, dever-se-à ter em conta um local para secar a roupa no exterior. A luz natural é desejável. A área estimada deste espaço é de 25 m ² para um lar de 30 a 40 pessoas e deve estar equipado com tanque para demolha, máquinas de lavar, secar e, eventualmente, de passar a ferro e máquina de costura e ainda bancadas para empilhamento da roupa tratada no dia e armários para roupa limpa.	12 m ²
	despensa		Este espaço deverá ter uma área mínima de 4 m ² .	Área destinada arrecadação de pequenas quantidades de géneros alimentícios e deve estar directamente ligada à cozinha. Área estimada de 6 m ² para um lar de 30 a 40 pessoas e deverá estar equipada com frigorífico, arca congeladora e prateleiras.	4 m ²
	compartimento de frio		Este compartimento deve ser facilmente acessível a partir da cozinha e deve ser adequadamente ventilado devido aos elevados índices caloríficos produzidos. Deverá estar equipado com mobiliário (armários, prateleiras, gavetas) e equipamento de frio (frigorífico e arca congeladora) para armazenagem e conservação de géneros alimentícios, com uma área mínima estimada de 4 m ² .		4 m ²
	depósito do lixo		Este espaço deve ser facilmente acessível a partir da zona de lavagem de loiça (sem obrigar ao atravessamento de outros espaços). Deve facilitar as operações de mudança de contentores e ter acesso directo pelo exterior, com uma área mínima estimada de 4 m ² .		4 m ²
	cais de cargas e descargas	Artigo 17.º - Acessos ao edifício 3 — Na omissão de regulamentos camarários é obrigatório prever-se no mínimo um lugar que sirva ambulâncias, cargas e descargas. 4 — No edifício onde está instalada a estrutura residencial é obrigatório prever-se: b) Acesso de serviço destinado às áreas de serviços e ao acesso de viaturas para cargas e descargas e recolha de lixo.	O acesso de serviço, que serve ao pessoal em serviço na cozinha e na lavandaria e ao abastecimento do Lar, deve permitir a aproximação de viaturas para cargas e descargas e recolha de lixo. Deverão existir dois lugares reservados a viaturas para cargas e descargas.		
	arrumos	Anexo I - Áreas funcionais / Ficha 9 — Área de serviços de apoio 9.1 — Destina-se arrumação e armazenagem de equipamento, mobiliário, materiais e produtos necessários ao funcionamento da estrutura residencial. 9.2 — Esta área deve incluir os seguintes espaços: a) Arrecadações gerais; b) Arrecadações de géneros alimentícios; c) Arrecadações de equipamentos e produtos de higiene do ambiente.	A área mínima deste espaço deverá ser de 6 m ² .	Espaço destinado à armazenagem, arrecadação de material e apoio ao normal funcionamento do lar, ou seja, serve de depósito de todos os géneros que são necessários no “dia a dia”, nomeadamente, géneros alimentares. Área estimada deste espaço é de 6 m ² e desverá estar equipado com prateleiras, bancada, armários. Deverá ter um armário independente para arrecadação de material de limpeza.	6 m ²

Quadro de áreas

Entrada	65.01 m²
Átrio	34.40 m ²
Instalação sanitária	2.64 m ²
Posto de segurança	8.79 m ²
Arrecadação de malas	19.18 m ²
Espaços de estar	182.65 m²
Sala de convívio	82.20 m ²
Sala TV	35.90 m ²
Biblioteca	42.41 m ²
Espaço de culto	22.14 m ²
Área de atividades	133.43 m²
Sala de cuidados de estética	28.64 m ²
Sala de atividades ocupacionais	59.22 m ²
Sala polivalente	27.71 m ²
Arrumos	7.63 m ²
Instalações sanitárias	10.23 m ²
Área administrativa	124.35 m²
Sala de reuniões	20.89 m ²
Instalação sanitária	6.26 m ²
Gabinete técnico	27.71 m ²
Gabinete administrativo	27.71 m ²
Gabinete do diretor técnico	27.71 m ²
Arquivo	14.07 m ²
Zona de refeições	212.54 m²
Instalações sanitárias	19.50 m ²
Sala de refeições	116.19 m ²
Copa	20.23 m ²
Cozinha	56.62 m ²

Espaços complementares de serviço	133.64 m²
Despensa	13.15 m ²
Compartimento de frio	8.58 m ²
Depósito do lixo	15.83 m ²
Tratamento de roupa	39.08 m ²
Sala do pessoal	21.76 m ²
Balneários	17.62 m ² x 2

Área técnica	115.88 m²
Unidades de tratamento de ar	36.48 m ²
Cisterna e grupo de bombagem de água	19.40 m ²
Chiller	20 m ²
Caldeira	20 m ²
Grupo gerador de emergência	20 m ²

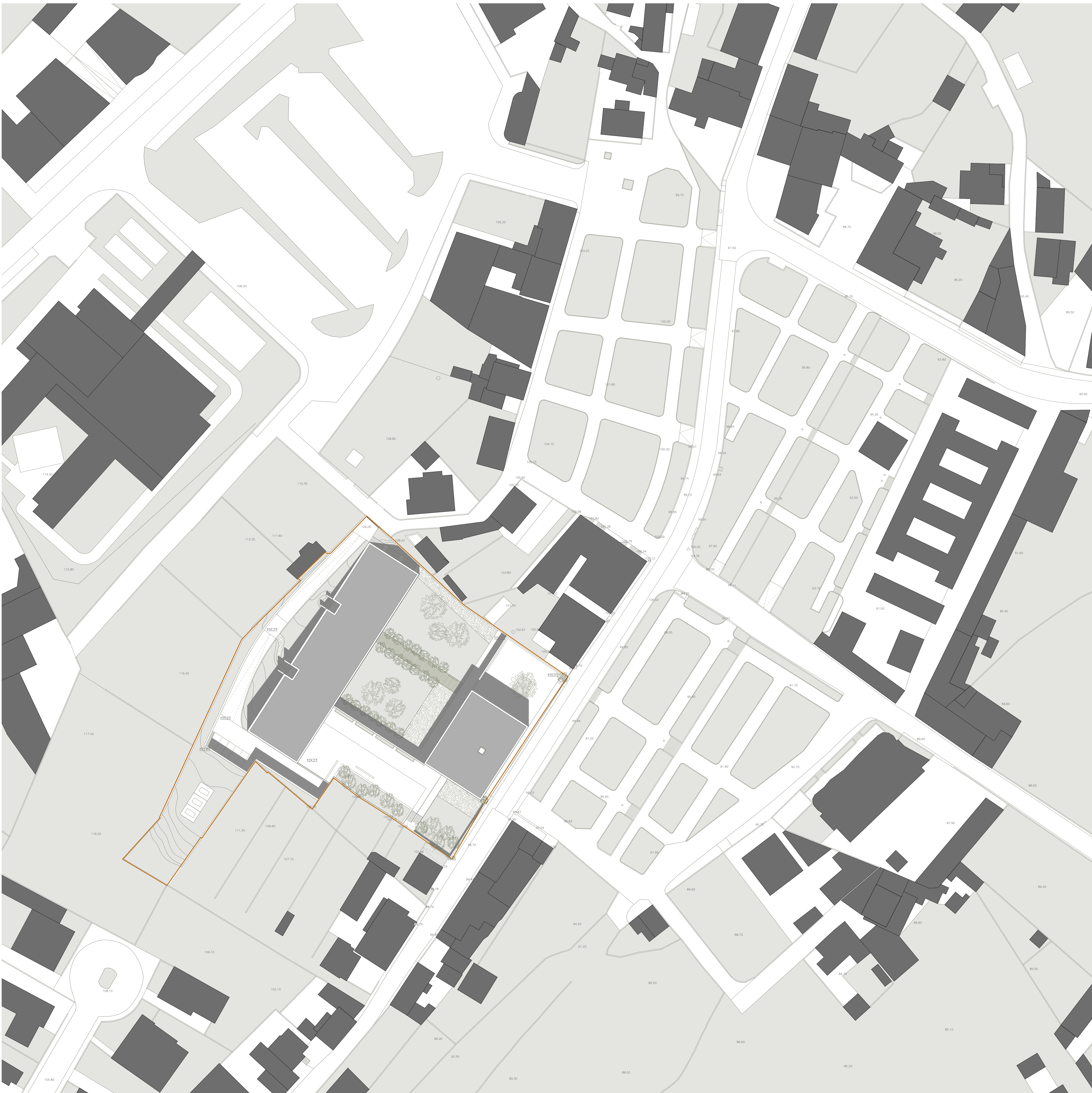
Área de saúde	80.52 m²
Sala de espera	15.94 m ²
Gabinete de saúde	19.75 m ²
Instalação sanitária	3.89 m ²
Arrumos	6.4 m ²
Área de fisioterapia	34.54 m ²

Unidade de alojamento	1 076.28 m²
Quartos com instalação sanitária	25.82 m ² x 30 + 17.99 m ² + 14.94 m ²
Salas de estar com copa	34.38 m ² x 3
Enfermarias	22.80 m ² x 2
Banhos geriátricos	12.37 m ² x 2
Rouparias	15.36 m ² x 2
Zonas de sujos	7.27 m ² x 2
Instalações sanitárias	5.42 m ² x 4
Arrumos	28.33 m ²

Áreas de apropriação e circulação	763.56 m²
--	-----------------------------

Área total	2 887.86 m²
-------------------	-------------------------------

Desenhos do projeto

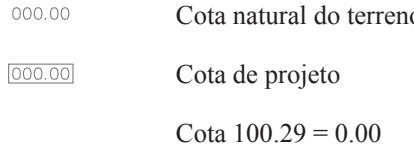


- Limite da propriedade 7 350 m²
- Área total de construção 3 637 m²
- 000.00 Cota natural do terreno
- 000.00 Cota de projeto
- Cota 100.29 = 0.00

Planta de coberturas

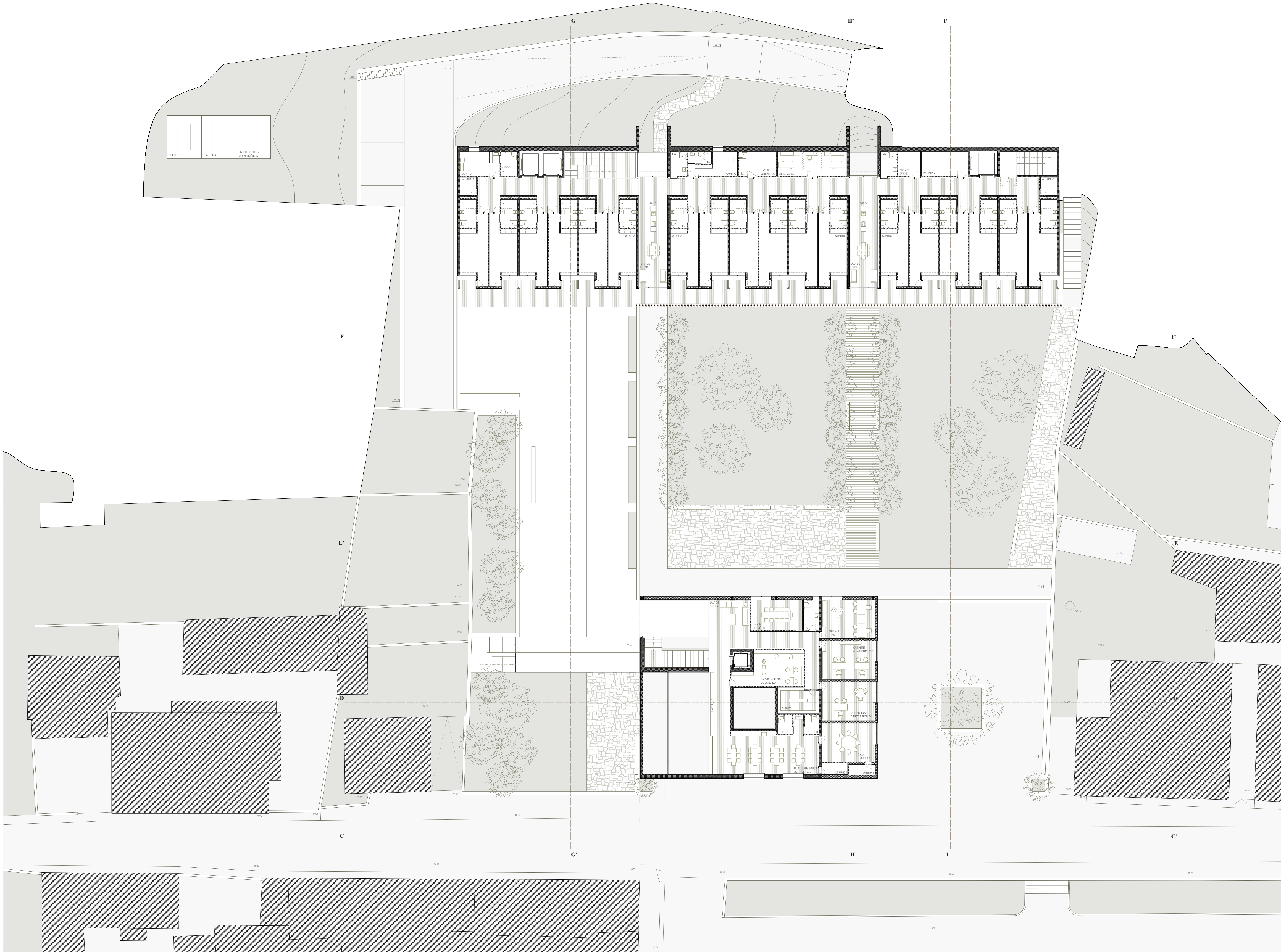
Escala 1:500





Escala 1:200



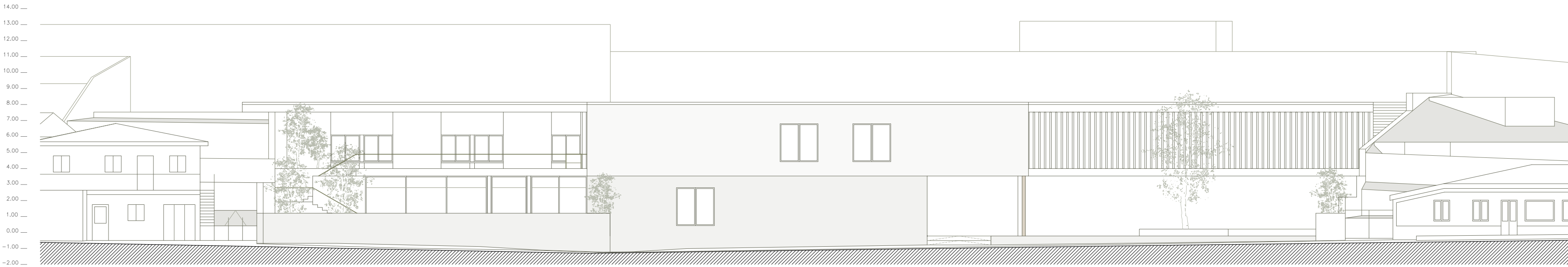


000.00 Cota natural do terreno
100.29 Cota de projeto
Cota 100.29 = 0.00

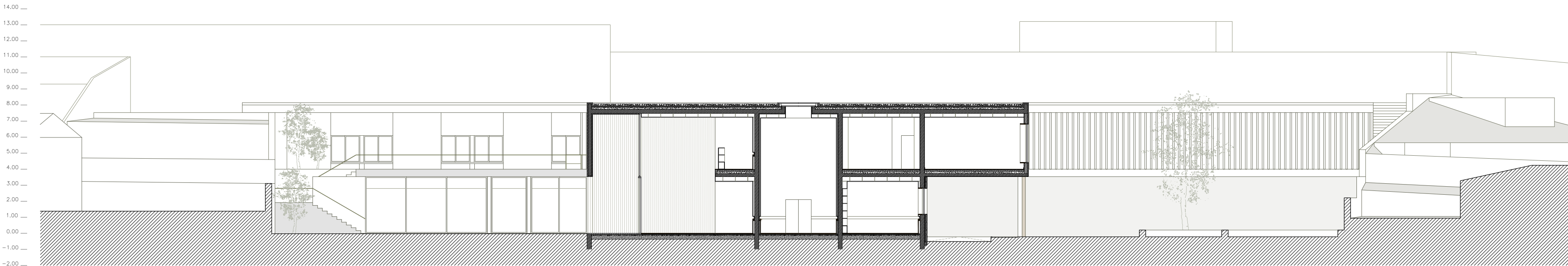
Planta piso 1

Escala 1:200

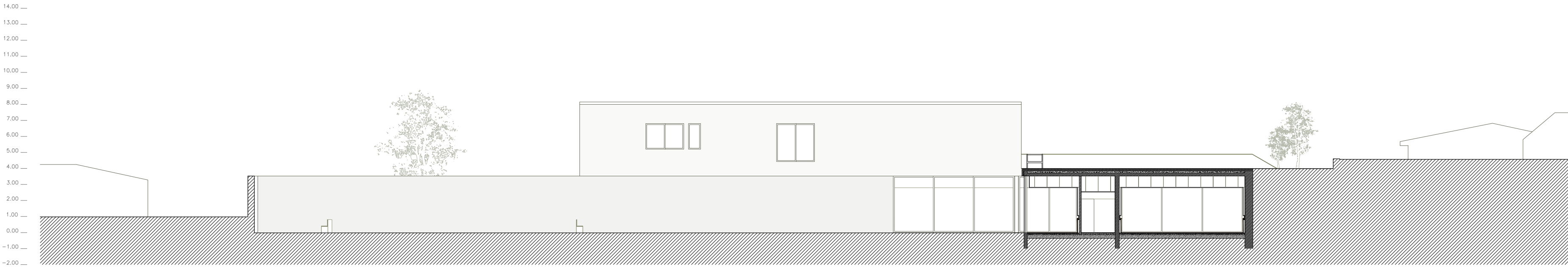




Corte C-C'



Corte D-D'



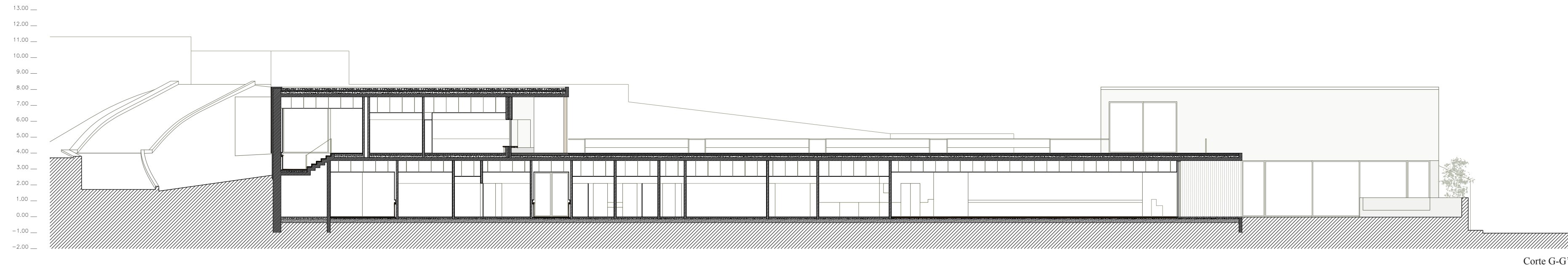
Corte E-E'



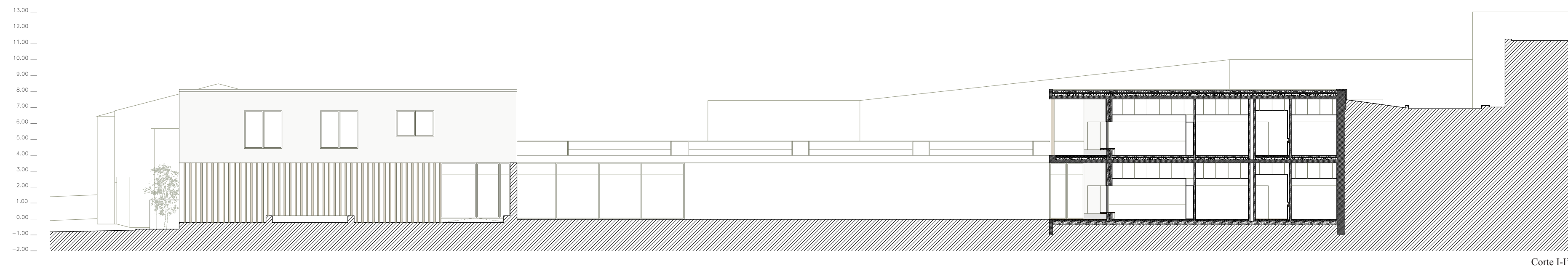
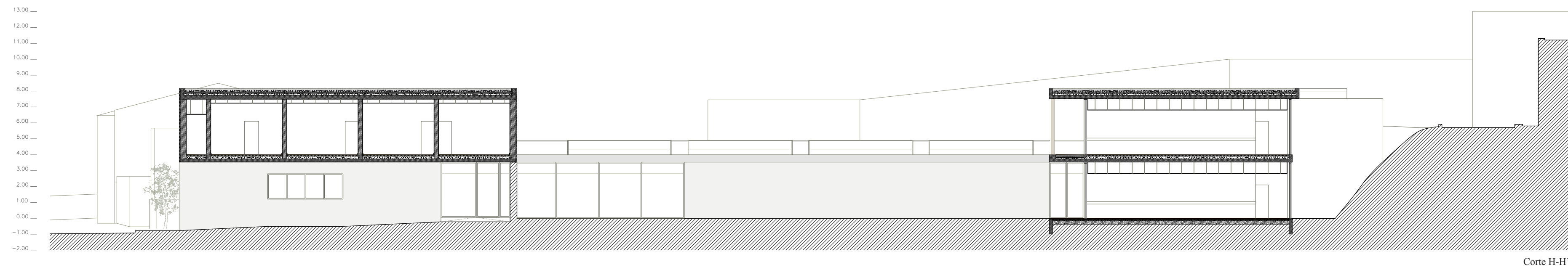
Corte F-F'

Cortes longitudinais

Escala 1:200



Cortes transversais



Escala 1:200